

MAVIGNIER DE CASTRO

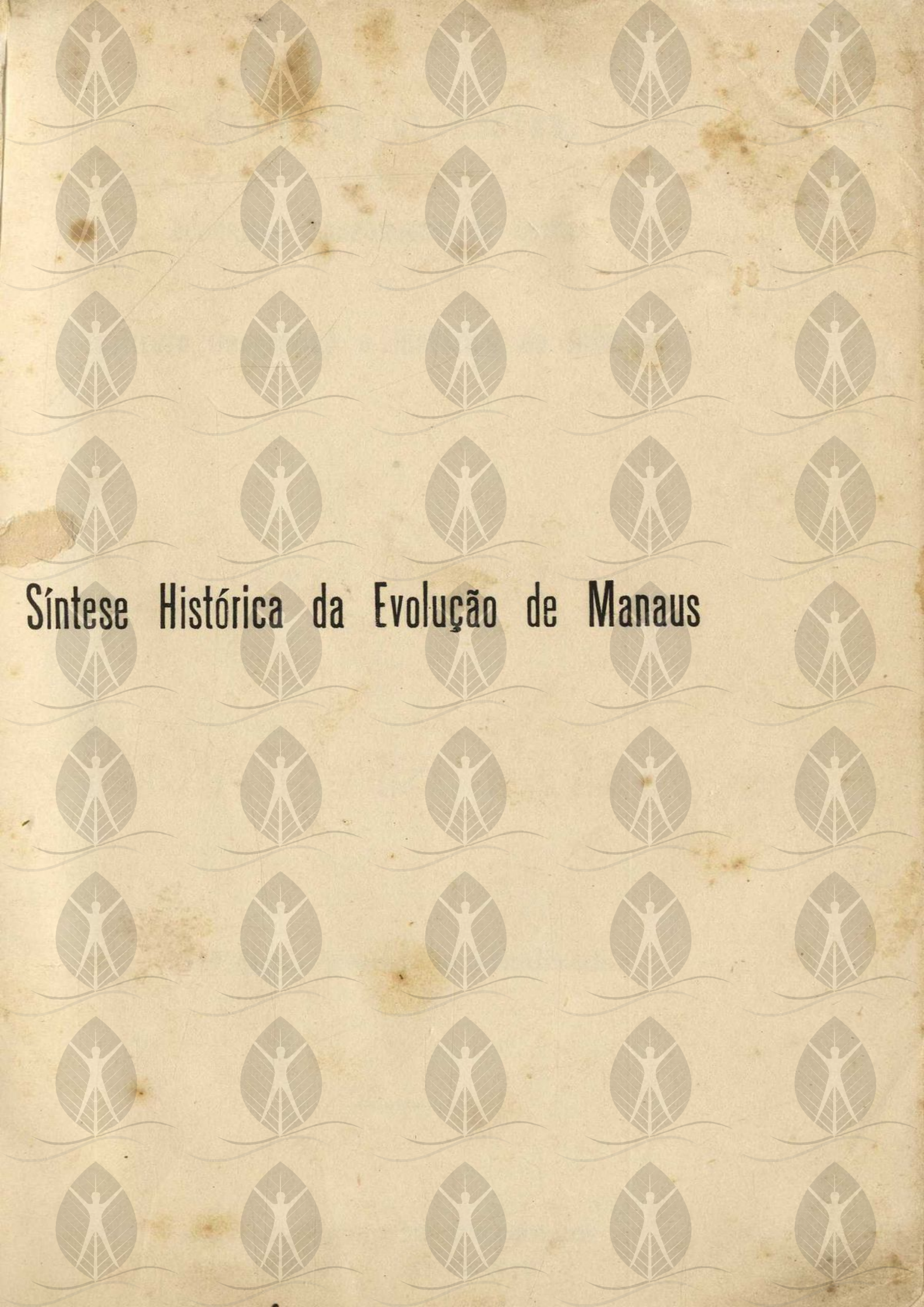
do instituto geográfico e histórico do amazonas

SÍNTESE  
HISTÓRICA  
DA  
EVOLUÇÃO  
DE

**MANAUS**







**Síntese Histórica da Evolução de Manaus**



MAVIGNIER DE CASTRO

DA

Academia Amazonense de Letras,

DO

Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

Síntese Histórica  
da  
Evolução de Manaus

Am  
981.13  
C355A

2.<sup>a</sup> Edição correta e atualizada

EDITORA UMBERTO CALDERARO  
MANAUS — AMAZONAS



Biblioteca Anur Reis  
Registro: 04068  
Data: 28/02/02

# AO LEITOR

O presente livro, teve a sua primeira edição com o nome de "SÍNTESE HISTÓRICA E SENTIMENTAL DA EVOLUÇÃO DE MANAUS", publicada no mês de outubro de 1948, em homenagem ao primeiro centenário da fundação de Manaus. Quase duas décadas são decorridas após êsse acontecimento, ressaltando-se que a referida edição foi esgotada antes de completar um mês do seu aparecimento, devendo mencionar-se que a Prefeitura Municipal enviou muitos exemplares para diversos Estados do país e outros para as Prefeituras de Nova Iorque e Filadélfia, nos Estados Unidos, conforme solicitaram os respectivos Prefeitos.

A presente edição, correta e atualizada, vem historiando embora sinteticamente, quanto progrediu a capital amazônica quer impulsionada pela administração pública quer pela iniciativa particular, dando lugar a que se observe, à primeira vista, a transformação geo-física das artérias de inúmeras ruas e praças urbanas e suburbanas, reafirmando "grosso modo" o que expressou Adriano Jorge no prefácio da primeira edição publicada em outubro de 1948, "—A paisagem é uma sinfonia que se ouve pelos olhos".

Afirmamos, por nossa vez, naquela edição, que o livro pela escassês do tempo que tivemos para escrevê-lo, segu-

ramente estava incompleto e falho na certeza de algumas informações, mas afirmávamos, também, que em um futuro não muito remoto apareceriam outros estudiosos de assuntos históricos, que supririam com entusiasmo uma obra integral e brilhante, justificando a grande soma de conhecimentos que não possuímos.

Justificado o real objetivo desta segunda edição correta e aumentada de "SÍNTESE HISTÓRICA E SENTIMENTAL DA EVOLUÇÃO DE MANAUS", consignamos aqui o nosso reconhecimento ao dinâmico Prefeito Dr. Paulo Pinto Nery, aos seus operosos Secretários e demais auxiliares que, de modo cativante e altamente compreensivo nos forneceram valiosos subsídios documentários para que nosso presente trabalho seja devidamente apreciado pelo público leitor, trabalho que, muito embora modesto, sem pretensões literárias, é, contudo sincero e oportuno.







# INTROITO

Síntese evocativa dos principais  
acontecimentos que precederam a  
fundação de Manaus



Ao viajante de qualquer procedência, notadamente nacional, que pela primeira vez se destine a Manaus, antes de conhecer a configuração topográfica da maior e mais modernizada capital do distante setentrião brasileiro, desde o seu moroso, acidentado alicercamento, ao findar-se o século XVI, até a monumentalização em que ela se espande nos vertiginosos dias de hoje, inteirando-se, também, da evolução sentimental, artística e religiosa do seu povo, concitamos a rememorar os subsídios documentários elaborados por fidedignos cronistas contemporâneos dos primeiros exploradores do rio Amazonas que se internaram pelos caudalosos tributários do mais volumoso curso fluvial do nosso planêta, em cujo rol largo e extenso, se projeta o rio Negro.

Bastando compulsar a História, evocaremos a descida pelo Marañon (alto Solimões), dos barcos aventureiros de Francisco Orellana, no ano da graça de 1540. Imaginemo-nos presentes, embora espiritualmente, ao encontro do cabo de guerra espanhol com as mulheres guerreiras da tribo Cumaris, na confluência do Nhamundá, as quais, vencendo a natural surpresa, certamente exclamaram ao visitar os íberos itinerantes: — Ma mira tate cuâ ucica eucôu cuâ igara opê?! (Que gente é esta que vem chegando nestas canoas grandes?!). A estas palavras, uma barreira de flechas impediu o desembarque dos soldados brancos que, revidando galantemente o modo agressivo de sua recepção, teriam mudado o nome indígena das atacantes para o de “amazonas”, muito

embora, contrariamente aos hábitos de suas homônimas mitológicas, não tivessem elas os seios amputados, não cavalgassem árdegos ginêtes, mas surgissem indefectivelmente nuas retesando os arcos, bem aprumadas nas suas montarias, (igarités e ubás). Procedido desta maneira o batismo simbólico das agressivas selvagens, perpetuou Orellana a memória do feito aplicando às águas lustrais do grande rio a mesma denominação que distinguira as índias.

Mêses depois, saindo no estuário do Amazonas, Francisco Orellana entraria para os fastos históricos dos navegantes como sendo o primeiro europeu que avistou a embocadura do rio Negro.

Deixemos passar vinte anos sôbre êsses acontecimentos para acompanharmos a expedição do malgrado Pedro de Ursua que pretendendo desfazer a lenda do famoso El-Dorado, veio a ser assassinado por dois oficiais de sua companhia, antes de se desiludir do imaginário objetivo que levava.

Rememoremos, ainda, outros destemidos expedicionários que se propuseram explorar o rio-mar e seus afluentes, destacando-se Lopo de Aguirre que teria excursionado pelo rio Negro até às lindes venezuelanas, e, também, Bento Manuel Parente, governador da capitania do Maranhão, o qual, desistindo mais tarde do seu intento, despachou em 1626 a Francisco Coêlho de Carvalho para tentar novos descobrimentos e impedir as incursões armadas dos holandêses a êsse tempo já senhores da Guiana que ainda hoje lhes pertence.

Transportemo-nos seguidamente ao mês de abril de 1637 e vejamos dois franciscanos, freis Domingos de Brioa e André de Toledo, deixando a cidade de Quito em companhia da gente aguerrida do capitão João de Palácios para catequisarem quantos ameríndios encontrassem pelas margens do "mar-Julce" e sigamos-lhes o cruciante regresso pela selva misteriosa, trôpegos, fisicamente combalidos, mas cheios de inabalável convicção missionária, sem poderem entretanto, sepultar

o corpo de Palácios e de muitos outros companheiros varados pelas taquaras dos indomáveis encabelados na passagem do rio Aquarico.

Visionemos, agora, a grande expedição capitaneada por Pedro Teixeira que tendo saído de Cameté a 26 de outubro de 1637, subiu o Amazonas, defrontou a foz do rio Negro e atingiu Quito onde foi recebida com excepcionais homenagens pelas autoridades locais. Historiemos a sua volta acompanhado dos padres Cristóvão Cunha e André de Artieda, quando fincou à margem direita do rio Napo um marco atestando a soberania portuguesa sôbre a área imensa daquelas terras.

Dentro de nossa retina espiritual gravemos as lutas encarniçadas desencadeadas pelas tribos Barés, Manáuas, Passés, Arauaquis e Tarumãs contra os conquistadores que, a ferro e a fogo, queriam impor-lhes uma civilização escravizadora, resultando em verdadeiras razias das malocas o desfôrço de Pedro Favela e sua gente de cujas fileiras afastou-se Francisco da Mota Falcão para alicerçar um forte que, depois de construído em 1669, oito milhas acima da confluência dos dois rios, foi artilhado com 8 peças de vários calibres e guarnecido por 60 homens de tropa, sob o comando de Angélico de Barros.

Não esqueçamos especial referência à natural altivez dos rebeldes Manáuas que, obedecendo ao valoroso Ajuricaba, vinham arrazando as instalações dos lusitanos e agredindo os missionários. Aquilatemos a tremenda cilada que aprisionou o invencível chefe gentio quando, num gesto supremo, de bordo da embarcação que o conduzia acorrentado, ao defrontar a ilha Marapatá, arremessou-se às águas livres da terra por que tanto lutara.

Lancemos um olhar retrospectivo sôbre o improvisado aldeamento fundado por Guilherme Valente, defendido pelos

brônzeos canhões do forte. Vejamos mais tarde aquêlê fundador desposando a filha de um maioral baré, conseguindo por êste ato a cessação das hostilidades de tôdas as tribos circunvisinhas.

Analisemos o grande alcance político-social que as cartas régias vindas da metrópole trouxeram aos colonos brancos da recente povoação concedendo-lhes isenções, privilégios e mesmo honrarias tão logo se casassem com as índias legitimando, assim, os fundamentos da família amazonense.

Evoquemos, finalmente, ao terminarmos esta súpula histórica, os festejos que exaltaram o orgulho cívico dos habitantes de São José da Barra, quando outra real proclamação considerando os serviços prestados pelos "mui leais súditos de sua Majestade Senhor d'Áquem e d'Alem Mar" elevou, no ano de 1758, o crescente povoado à categoria de Vila.



**Mais um pouco de história**

**De vila à categoria de cidade — Capital**





No ano de 1759, o coronel Francisco de Melo Povoas estando no govêrno da Capitania de São José do Rio Negro, criada por decreto de 11 de junho de 1757, achou por bem substituir as denominações indígenas de vários povoados por outras de origem portugûesa “para aluzitanar o paiz”, segundo explicou êle no seu relatório ao Governador Geral. Ainda naquele mesmo ano, foi decretada a 30 de junho a criação de uma Ouvidoria e de uma Provedoria de Fazenda na Capitania.

Falecido Melo Povoas em 1762, sucederam-se interinamente no govêrno da Capitania Gabriel de Souza Filgueiras, Nuno da Cunha Athaide Verona e Valério Correia Botelho de Andrade, êste último substituído em 1772 pelo segundo Governador efetivo, coronel Joaquim Tinôco Valente.

Depois da expulsão dos jesuitas da metrópole e de suas possessões decretada pelo marquês de Pombal, foram de pouca monta os fatos históricos ocorridos na vila ou em territórios de sua jurisdição.

Realizaram-se diversas expedições até 1782 com o fim de fixar os limites da Capitania com as colônias espanholas circunvisinhas, havendo em meados daquele ano irrompido um surto epidêmico que forçou a cessação dos trabalhos das Partidas ibérica e lusitana. Entretanto, o comissário Teodósio Constantino Chermont, assinara à revelia dos restantes membros da comissão demarcadora, um documento reconhecendo a soberania espanhola sôbre uma vasta extensão do rio Japurá. Êste ato valeu a Chermont processo e destituição do seu cargo no qual foi substituído

pelo coronel João Henrique Wilkens. Êste nôvo Comissário também pouco tempo se mantêve à frente do seu encargo. Surgiram sérias controvérsias entre os reis de Espanha e de Portugal. Em 1783 incorporou-se Manuel da Gama Lobo d'Almada à comissão portuguesa e dizem as crônicas da época que o seu grande tino e conhecimento prevaleceram sôbre as pretensões de Requenha, plenipotenciário espanhol...

Em 1791, governando a capitania Manuel da Gama Lobo d'Almada foi mudada a sede governamental de Barcelos para o Lugar da Barra. Esta decisão não agradou ao governador geral Souza Coutinho que ordenou a Lobo d'Almada transferir novamente a chefia do govêrno para Mariuá (Barcelos). Esta ordem transmitida pelo Aviso de 3 de agosto de 1799 feriu profundamente a sensibilidade patriótica do capitão do Lugar da Barra que veio a expirar no dia 27 de outubro daquele mesmo ano.

Havendo chegado a Belém, o nôvo governador geral, conde dos Arcos, determinou ao coronel José Simões de Carvalho que assumisse a capitania do Rio Negro e trasladasse para o Lugar da Barra a sede do govêrno. Não pôde o recém nomeado cumprir a determinação pois ao chegar a Tupinambarana, hoje Parintins, falecia vitimado por uma infecção.

Pelo mesmo conde dos Arcos foi então designado o capitão Vitório José da Costa para as funções que devia exercer o coronel Simões de Carvalho. Relatam os cronistas que o nôvo governador aprendera facilmente não sômente a língua geral mas os diversos dialetos falados pelas tribos rionegrinas. Foi êste o maior sucesso do seu govêrno. Substituiu-o o major Joaquim Manuel do Passo. Durante a sua gestão foi encaminhada à Côrte uma representação dos habitantes de Silves solicitando a separação do govêrno geral do Grão-Pará. Também a Câmara de Barcelos aderiu ao movimento, endereçando para a metrópole outro pedido separatista.

Não convindo à Capitania geral o desligamento da Capitania do Rio Negro, organizou-se em Belém uma expedição militar sob o comando do coronel Joaquim José Gusmão, que logo depois de chegado a seu destino promoveu uma revolução depondo Manuel do Passo.

De regresso a Portugal, o rei d. João VI, em 1821, vinham os brasileiros aumentando o desejo de libertação da pátria. Proclamada a independência pelo regente d. Pedro, era natural que a importância deste acontecimento se reflectisse pelos mais longínquos rincões do Brasil. A esse tempo a capitania do Rio Negro era administrada por uma junta de quatro membros chefiados por Antonio da Silva Craveiro. Até o reconhecimento e proclamação do novo governo imperial, em 9 de novembro de 1823, diversas juntas governativas estiveram à testa da capitania, a antiga denominação ficou substituída pela de comarca do alto rio Negro, integrada, porém, ao governo da Província do Grão-Pará.

Anseavam os amazonenses a autonomia do seu território. Promovido um motim militar, valeram-se da circunstância alguns entusiasmados autonomistas que, a 10 de agosto de 1832, proclamaram a independência da Província do Rio Negro. Sufocado o movimento pelo coronel Domingos Simões da Cunha Bahiana, a repercussão destes fatos acentuou-se de modo agravante, dando origem à revolução conhecida como “cabanagem”. Culminou o movimento com o assassinato do presidente da Província, do comandante das Armas e do comandante da força naval. A anarquia, roubos e assassinios campeavam por todo o interior. Somente a 31 de agosto de 1836, pôde o capitão Gregório Naziazeno da Costa expulsar os rebeldes da Vila da Barra. Depois de sangrentos reencontros com as forças do caudilho Bararoá, foram os revolucionários dominados e aprisionados pelo capitão João Valente do Couto. Um decreto de 4 de novembro anistiou os rebeldes. Pacificou-se a comarca.

Nenhum acontecimento digno de nota registrou-se depois daquele período de levantes intestinos na então comarca do Rio Negro.

Em 24 de outubro de 1848, uma Lei provincial elevava à categoria de cidade a vila do Lugar da Barra que foi visitada pelo bispo d. José de Moraes Torres, na qual, fundou a 14 de maio do mesmo ano, o seminário de São José.

Quando o movimento autonomista de 1832 proclamou a instalação da Província do Rio Negro a vila da Barra passou a denominar-se Manaus, designada ao mesmo tempo para capital da nova unidade.

Abolida pela força a efêmera autonomia provincial, voltou a vila a sua antiga designação, perdendo os foros de capital.

Manaus, como cidade, permaneceu no esquecimento dos legisladores da Província paraense até que a Lei votada em 5 de setembro de 1850 pelo Parlamento imperial, criou a Província do Amazonas da qual foi primeiro presidente João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Instalada a sede da Província amazonense, muito embora permanecesse a denominação de Manaus para a sua capital somente no ano de 1856, o 3.º Presidente, dr. João Pedro Dias Vieira, sancionou a Lei que, definitivamente, em homenagem à valorosa tribo de Ajuricaba, conferia a intuição toponímica de MANAUS à cidade capital da Província do Amazonas.



**Aspéctos geo-físicos**

---

**População—Latitude e clima**



Dois aspectos surpreendem a visão de quem chega à capital amazonense. De bordo de um avião evoluindo a mil metros de altitude, o panorama da cidade assume a configuração de um gigantesco mosaico, refletindo à luz forte de um dia ensolarado partículas bizarramente coloridas, dispostas em caprichosos desenhos que se destacam no rôtterra das serpeantes estradas suburbanas, na brancura ofuscante do casario, nas massas verdoengas dos jardins e se recortam em sentido paralelo pelas lâminas sinuosas dos igarapés côr de chumbo velho. A êste conjunto grandioso de pavimentação policrômica, serve de moldura a orla em hemicyclo da distante floresta verde-escura rematada junto à faixa larga e espelhante do rio Negro.

Para o passageiro viajando por via fluvial, notadamente para o que procede do sul do país, após deixar a capital paraense distante mais de novecentas milhas, a impressão da chegada a Manaus é a de aportar a uma ilha cheia de vida e de côr isolada no imensurável e onduloso oceano das selvãs circundantes.



O recenseamento procedido em tôda a República no ano de 1940 atribuiu à capital do Estado do Amazonas 86.000

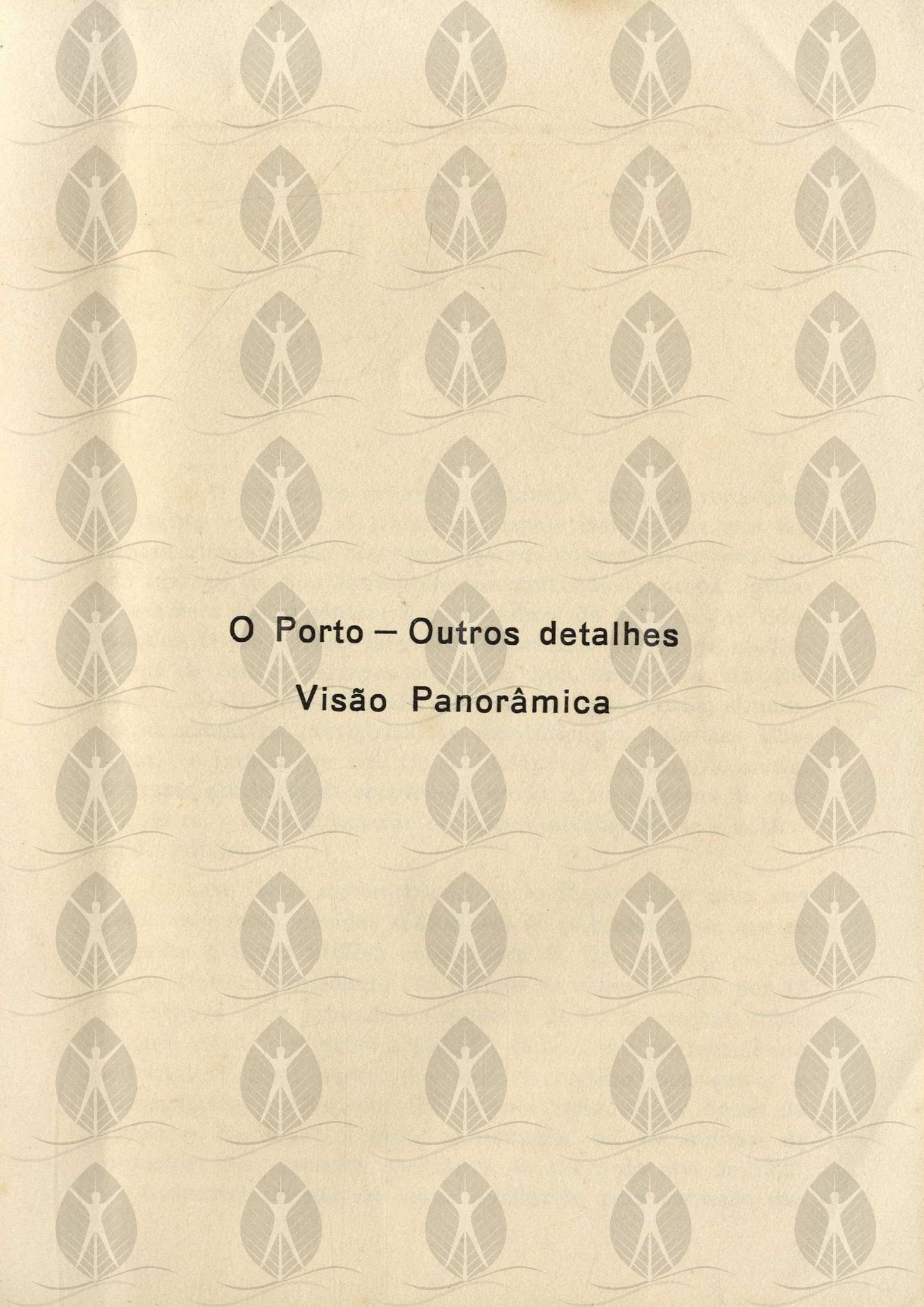
habitantes e 98.000 para o restante do seu município. Entretanto, o intenso deslocamento de massas humanas provocado pela última grande guerra, a adaptação à cidade de milhares de pessoas vindas dos seringais e de outros pontos da região amazônica contribuem, atualmente, para se orçar a densidade demográfica de Manaus em 200.000 almas. (Constante na 1.<sup>a</sup> edição dêste livro em outubro de 1948).



Três numerações iguais definem a latitude da capital na linha do meridiano de Greenwich, — 59°, 59', 59".

Comparativamente ao de Belém, o clima de Manaus é menos úmido. Dados fornecidos pela sua estação de meteorologia demonstram que o nível total das chuvas não ultrapassa anualmente 2.000 milímetros; as temperaturas costumam ser mais altas de julho a novembro decaindo dêste mês em diante, quando começa a época chuvosa. Sucede, periodicamente, que as temperaturas sofram uma queda brusca nos meses de junho, julho e agosto motivada pelo fenômeno da friagem. Tal fenômeno é provocado pela corrente gelada dos ventos andinos que sopram sôbre quase dois têtços da planície amazônica.





**O Porto – Outros detalhes**  
**Visão Panorâmica**



O perímetro urbano de Manaus abrange uma área bastante irregular. A linha das águas rionegrinas que banham a cidade pela margem esquerda começa no escoadouro do igarapé de São Raimundo, precipitando-se numa grandiosa reta até encontrar a embocadura do igarapé dos Educandos, tendo apenas largas deflexões nos pontos de confluência de outros córregos citadinos que desaguam no Rio Negro. Neste trecho de três quilômetros de extensão, situam-se os armazéns portuários, os escritórios da “Manaos Harbour”, o imponente edifício da Alfândega, a Guarda-moria, diversos estaleiros de construção naval, e, no extremo do cais de pedra, o imenso casarão de ferro e alvenaria que é o Mercado público.

No seu movimentado pôrto fluvial está uma das maiores e mais ousadas realizações de engenharia de que se orgulha a firma inglesa construtora B. Rymkiewicz: — um dique flutuante medindo 136 metros de comprimento por 15 de largura, cujo tabuado de madeira de lei se estende sôbre vigamento de aço prêso a bojudos flutuadores perfeitamente estanques. Esta ponte, por onde transitam passageiros e mercadorias, custou, em 1902, conjuntamente às docas da “Manaos Harbour”, a soma aproximada de 20 milhões de cruzeiros. Nas grandes enchentes, — tal a do ano de 1922, — o desnivelamento do dique produzido pela elevação das

águas não consegue alterar o funcionamento mecanizado do transporte dos volumes que saem ou entram para os navios atracados na parte externa do "roadway". Neste ponto, a profundidade mínima do rio nas maiores vasantes jamais sondou menos de 45 braças. Observações antigas de pessoas credenciadas afirmam que os maiores exemplares da fauna fluvial têm ali o seu contínuo e favorável habitat, sendo raras as pessoas que escaparam a horrenda morte quando lhes aconteceu cair naquele pululante viveiro de piraibas e pirararas, enormes bagres voracíssimos, sempre a espera dos detritos atirados dos navios surtos no pôrto.

O embarque de borracha, castanha, madeiras e outros produtos de exportação do Estado é feito no dique das "torres" por um engenhoso mecanismo movido a eletricidade dispondo de potentes guindastes e roldanas que deslizam sôbre cabos de aço suspensos, transportando para bordo volumosas lingadas de carregamentos.

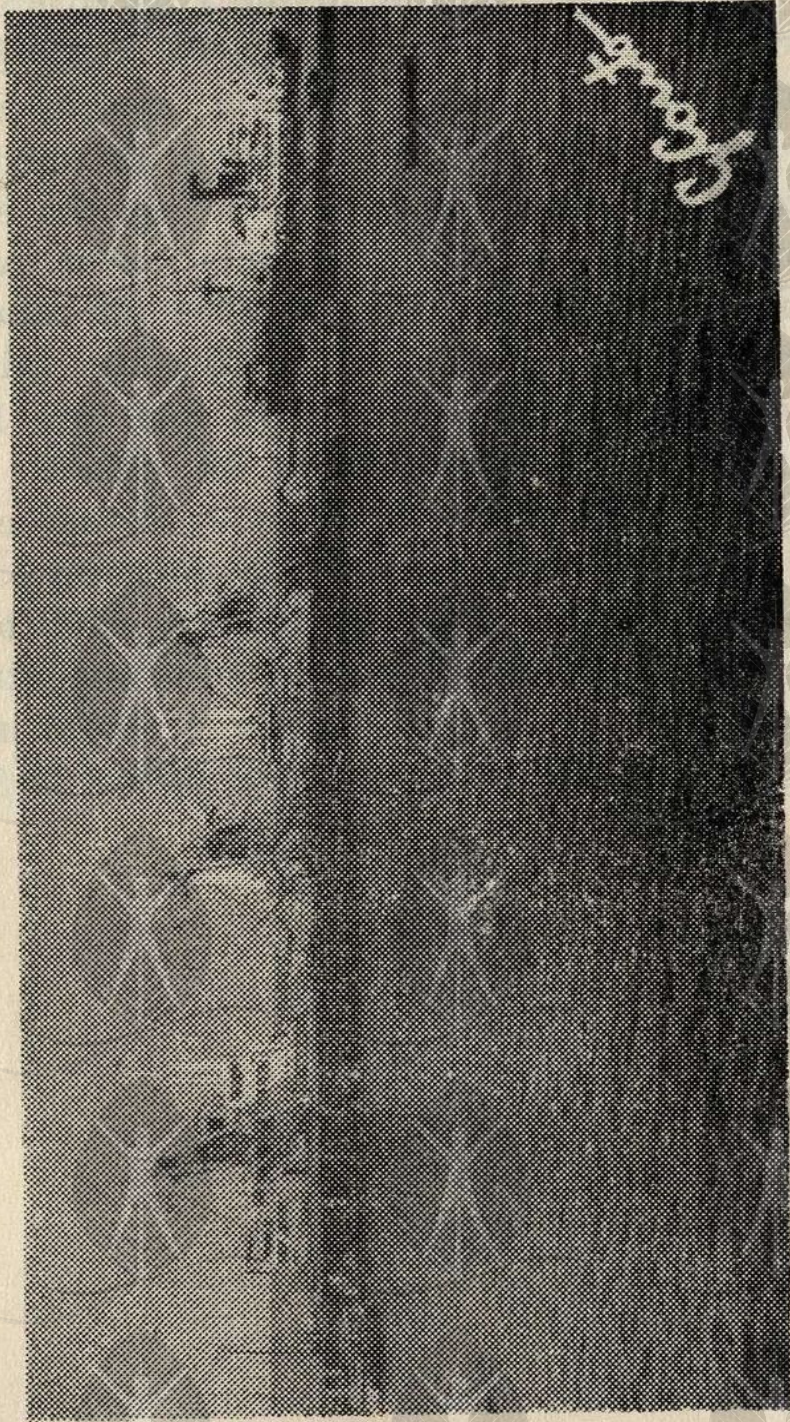


Do cais para a margem oposta, a largura do rio mede aproximadamente dois mil e quinhentos metros.

Frente ao "quadro" de ancoragem, tôdas as noites, o clarão intermitente de um farolête automático dispôsto sôbre uma bóia, indica aos pilôtos a perigosa existência de um penedo submerso.



A feição topográfica da região em que assenta a cidade é um tanto acidentada. Existem aclives e depressões, pequenos outeiros e peneplanos por onde se espraiam as habitações que ocupam a parte urbana e entram pela subur-



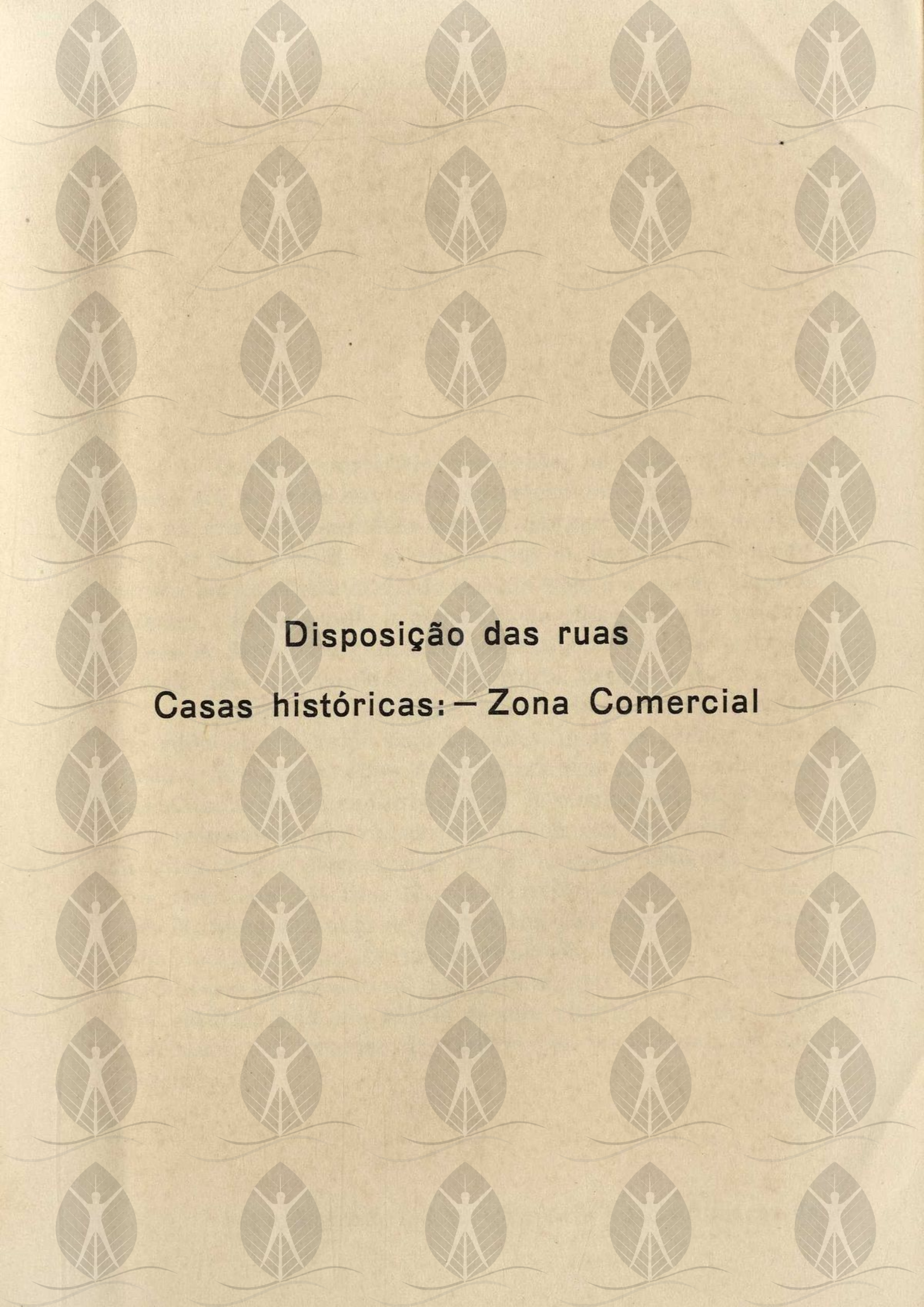
*Flutuante*

**Flutuante das Tórres**

bana. Das alturas do aprazível bairro de Adrianópolis, contempla o observador grandioso panorama de quase tóda a urbe abrangendo um complexo de planos e elevações que lhe dão admiráveis perspectivas até às margens do rio Negro.

Nêste apanhado geral de Manaus, os seus arredores justificam especial referência, mormente para quem espai- rece o espírito numa doirada manhã de sol em céu escampo. Viajando-se num ônibus da linha "Circular" o ar oxigenado tonifica os pulmões, deliciando-se os olhos na contemplação de encantadora paisagem. Para o visitante, talvez seja estranhável ou anacrônica a lembrança que teve Eduardo Ribeiro, o imortal monumentalizador da cidade, fazendo construir o grande reservatório de água, — elevado e solidís- simo edificio, — visinhando o gradil que contorna o cemité- rio de São João, como se o progresso técnico, estético e sani- tário da época de sua construção não soubesse encontrar sítio mais apropriado para depósito do líquido elemento indispen- sável à vida da população manauense até o dia do seu labore meta.





**Disposição das ruas**  
**Casas históricas: – Zona Comercial**





Crônicas históricas, referentes ao Lugar da Barra, dizem que as primeiras casas do aldeamento foram levantadas na área compreendida entre a margem esquerda do igarapé de São Vicente e as ribanceiras do igarapé do Espírito Santo, em cujo leito aterrado assenta hoje a avenida Eduardo Ribeiro. Assim sendo, a expansão do vilarejo foi se processando de Este para Oeste, e, seguidamente, com os fóros de cidade, teve avanço de Sul para Norte, desbastando a selva.

Apesar dos acidentes topográficos, os arruamentos na zona urbana estão bem traçados, mais ou menos conciliada a direção dos eixos das vias públicas com as condições acidentadas do terreno urbanístico. A avenida Sete de Setembro, primitivamente rua do Sol, depois rua Municipal e ex-avenida Juarez Távora, bem assim as ruas Saldanha Maranhão, Henrique Martins, Ramos Ferreira, Leonardo Malcher, Dez de Julho, Marquês de Santa Cruz, José Paranaguá, Quintino Bocaiúva, Lima Bacuri e outras têm os seus eixos quase paralelos à marcha do sol que, pela manhã, rega as fachadas dos edifícios com um banho de oiro fluídico e à tarde não superaquitece o interior das habitações transversais ao seu percurso.



A rua Barroso, que na aparência é a continuação da

Marechal Deodoro, tem, pela sua antigüidade, um cunho tradicional nos anais citadinos; entretanto, o brilho de suas placas esmaltadas não reflete qualquer homenagem à memória do almirante vencedor da batalha naval do Riachuelo. Chama-a o povo "Barroso" pelo fato de haver o cidadão obidense José Antonio Barroso adquirido naquele trecho vários lotes de terrenos onde construiu algumas casas residenciais, conservando-se ainda hoje a que tem o número 3, cujos alicerces foram lançados há mais de cem anos. Em visita aos seus proprietários ou por êstes hospedados, seu teto centenário abrigou personalidades de alto relêvo no Império e na República, contando-se entre outros o poeta Antonio Gonçalves Dias, Tenreiro Aranha, Barão de Tefé, Floriano Peixoto, o bispo d. Macedo Costa e o marechal Taumaturgo de Azevedo.

Na citação de casas históricas não se deve esquecer o sobrado bi-secular da Alfândega velha que, na praça Oswaldo Cruz, continua desafiando o ceticismo dos tempos. A rua da Instalação é assim denominada porque conta entre o seu casario um vetusto sobradinho de tijolo e taipa no qual, em 1852, instalou-se a sede provisória governamental da novel Província do Amazonas. Ergue-se, também, na praça de São Sebastião, fronteira à igreja local, a casa de número 4, onde residia o coronel Domingos Teófilo de Carvalho Leal, bacharel em filosofia pela Universidade de Zurich, Suíça; nesse prédio fundou ele, em 1880, o Club republicano, dali partindo em 1889 os membros da Junta governativa composta do dr. Carvalho Leal, tenente coronel Pereira da Cunha, comandante da flotilha, para assumir as rédeas governativas do Estado republicanizado do Amazonas.



As habitações de Manaus, de modo geral, são boas;

notável é a percentagem das que se devem considerar excelentes. Numerosos bangalôs, modernos e elegantes, têm sido construídos em ruas e praças centrais, vendo-se igualmente muitos outros nos bairros suburbanos de Adrianópolis e Cachoeirinha. Diversos proprietários vêm resolvendo o problema habitacional fazendo excavar os porões de suas residências ou superpondo às mesmas um ou mais andares.

A área pròpriamente comercial já está carecendo de maior amplitude para, de futuro, facilitar o movimento, porque à proporção que a cidade se desenvolve aumenta, em certas horas, a massa dos que trabalham e dos que procuram adquirir suas utilidades.

Marechal Deodoro, tem, pela sua antigüidade, um cunho tradicional nos anais citadinos; entretanto, o brilho de suas placas esmaltadas não reflete qualquer homenagem à memória do almirante vencedor da batalha naval do Riachuelo. Chama-a o povo "Barroso" pelo fato de haver o cidadão obidense José Antonio Barroso adquirido naquele trecho vários lotes de terrenos onde construiu algumas casas residenciais, conservando-se ainda hoje a que tem o número 3, cujos alicerces foram lançados há mais de cem anos. Em visita aos seus proprietários ou por êstes hospedados, seu teto centenário abrigou personalidades de alto relêvo no Império e na República, contando-se entre outros o poeta Antonio Gonçalves Dias, Tenreiro Aranha, Barão de Tefé, Floriano Peixoto, o bispo d. Macedo Costa e o marechal Taumaturgo de Azevedo.

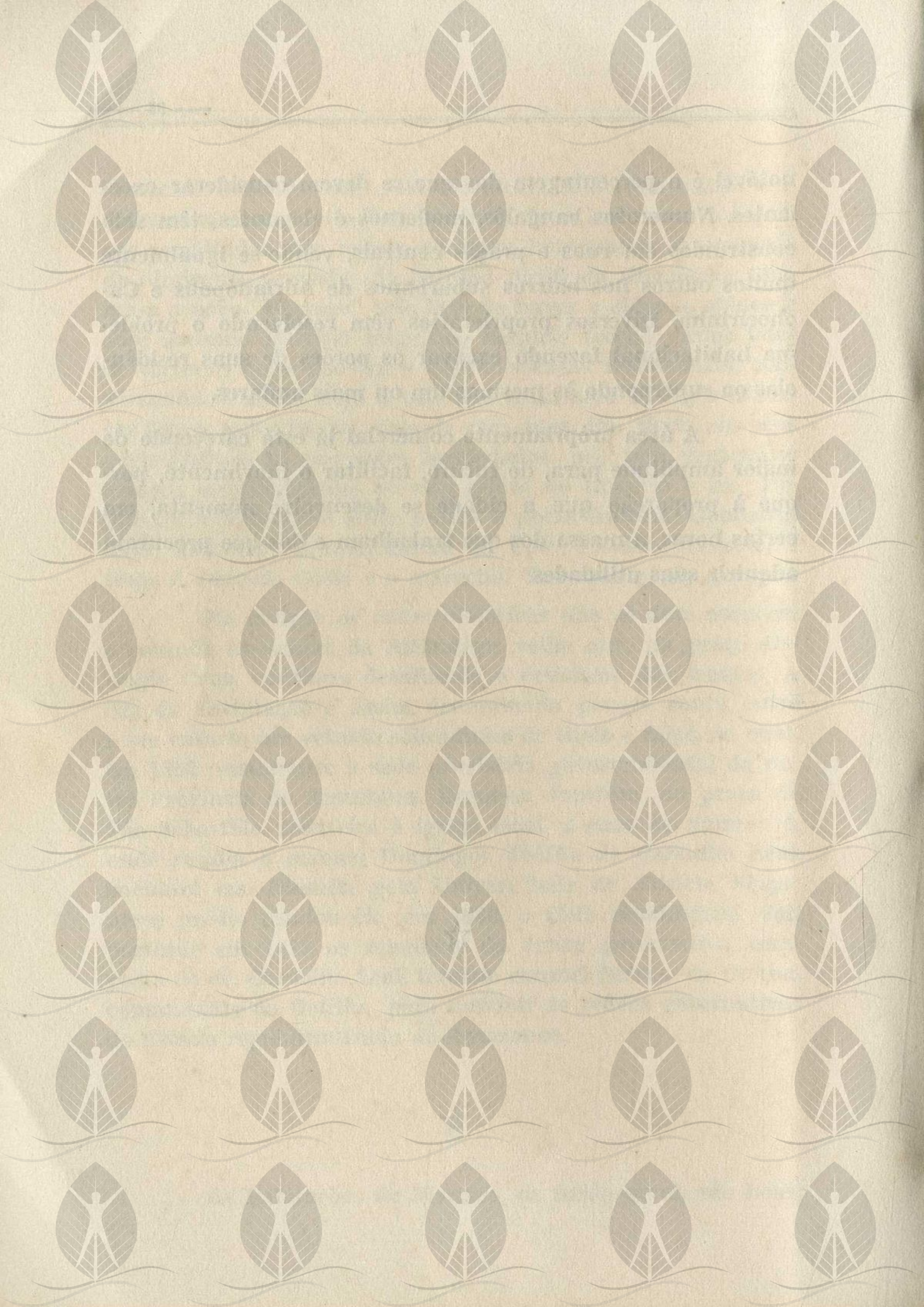
Na citação de casas históricas não se deve esquecer o sobrado bi-secular da Alfândega velha que, na praça Oswaldo Cruz, continua desafiando o ceticismo dos tempos. A rua da Instalação é assim denominada porque conta entre o seu casario um vetusto sobradinho de tijolo e taipa no qual, em 1852, instalou-se a sede provisória governamental da nova Província do Amazonas. Ergue-se, também, na praça de São Sebastião, fronteira à igreja local, a casa de número 4, onde residia o coronel Domingos Teófilo de Carvalho Leal, bacharel em filosofia pela Universidade de Zurich, Suíça; nesse prédio fundou ele, em 1880, o Club republicano, dali partindo em 1889 os membros da Junta governativa composta do dr. Carvalho Leal, tenente coronel Pereira da Cunha, comandante da flotilha, para assumir as rédeas governativas do Estado republicanizado do Amazonas.



As habitações de Manaus, de modo geral, são boas;

notável é a percentagem das que se devem considerar excelentes. Numerosos bangalôs, modernos e elegantes, têm sido construídos em ruas e praças centrais, vendo-se igualmente muitos outros nos bairros suburbanos de Adrianópolis e Cachoeirinha. Diversos proprietários vêm resolvendo o problema habitacional fazendo excavar os porões de suas residências ou superpondo às mesmas um ou mais andares.

A área pròpriamente comercial já está carecendo de maior amplitude para, de futuro, facilitar o movimento, porque à proporção que a cidade se desenvolve aumenta, em certas horas, a massa dos que trabalham e dos que procuram adquirir suas utilidades.



**Teatro Amazonas**  
**Palácio da Justiça – Alfândega**





Dois teatros existiram em Manaus até o ano de 1890. Eram ambos construídos de madeira constituindo empresas de proprietários diferentes. O “Eden-teatro” situava-se no local que ocupou primeiramente a cadeia pública à praça Pedro II. Seus freqüentadores, muitas vêzes, aplaudiram artistas de renome.

O “Teatro Lisboa”, menor do que o “Eden”, funcionava no comêço da avenida Epaminondas, achando-se fechado muito antes de sua demolição.

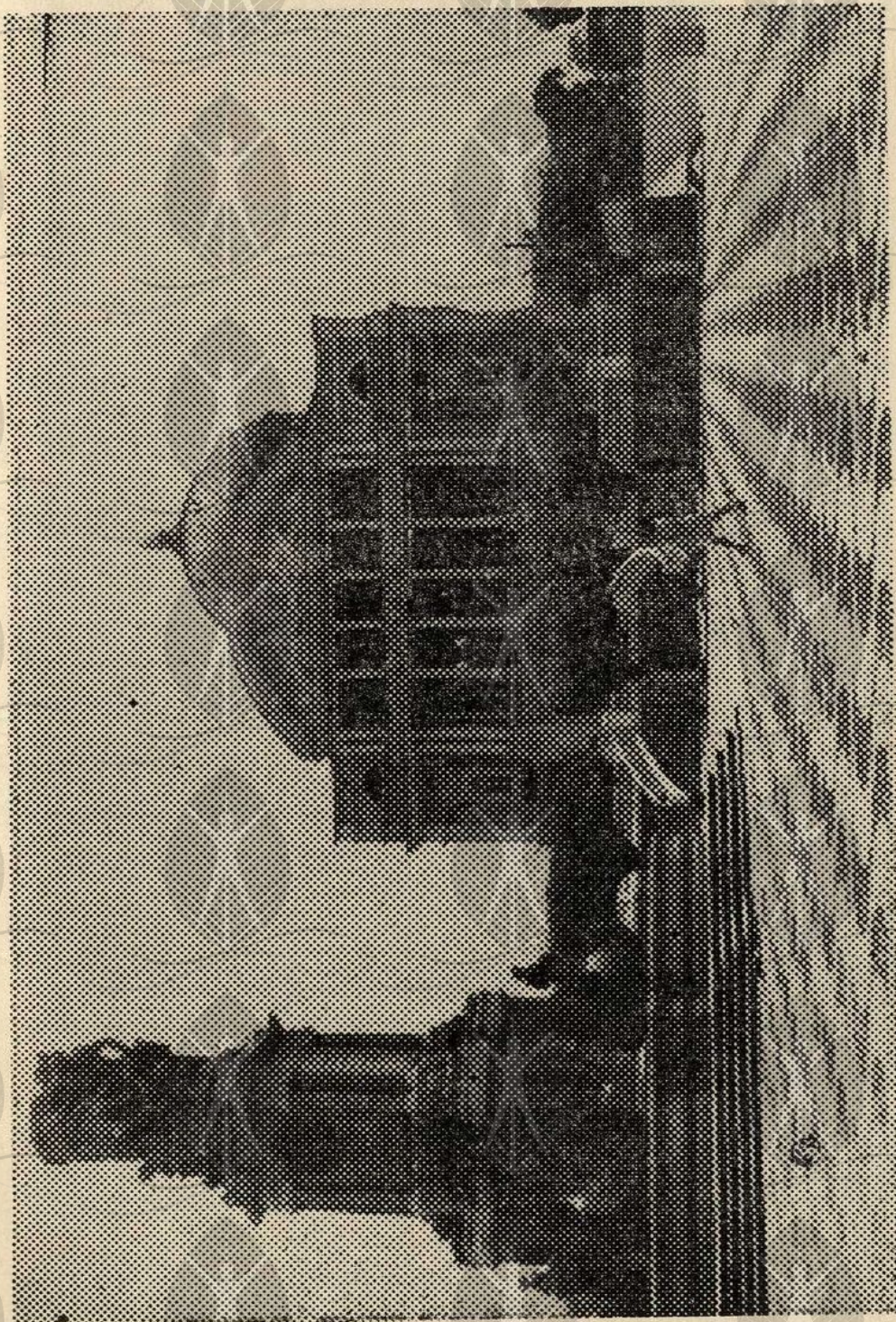
Enumerado por muitos visitantes nacionais e estrangeiros entre os mais belos teatros até hoje construídos, o vulto imponente da maior casa de espetáculos de Manaus pela altura e invulgar disposição de sua cúpula esmaltada com losangos verdes e amarelos desperta, mesmo à grande distância, interêsse e curiosidade a quem chega à capital amazonense. Sua construção é tida na conta das maiores realizações de Eduardo Ribeiro (o “Pensador”), embora projetada e iniciada pelo marechal Gregório Taumaturgo de Azevedo. Custou o grandioso edifício, inclusive terraplenagem e pavimentação do pequeno outeiro em que êle assenta, seis milhões de cruzeiros, soma elevadíssima para aquela época. (1891-1896). Capacitando-se, porém, da grandiosidade e valor artístico do monumento, o confronto financeiro dos

algarismos pouco representaria nos dias de hoje, se se emprehendesse outra obra semelhante.

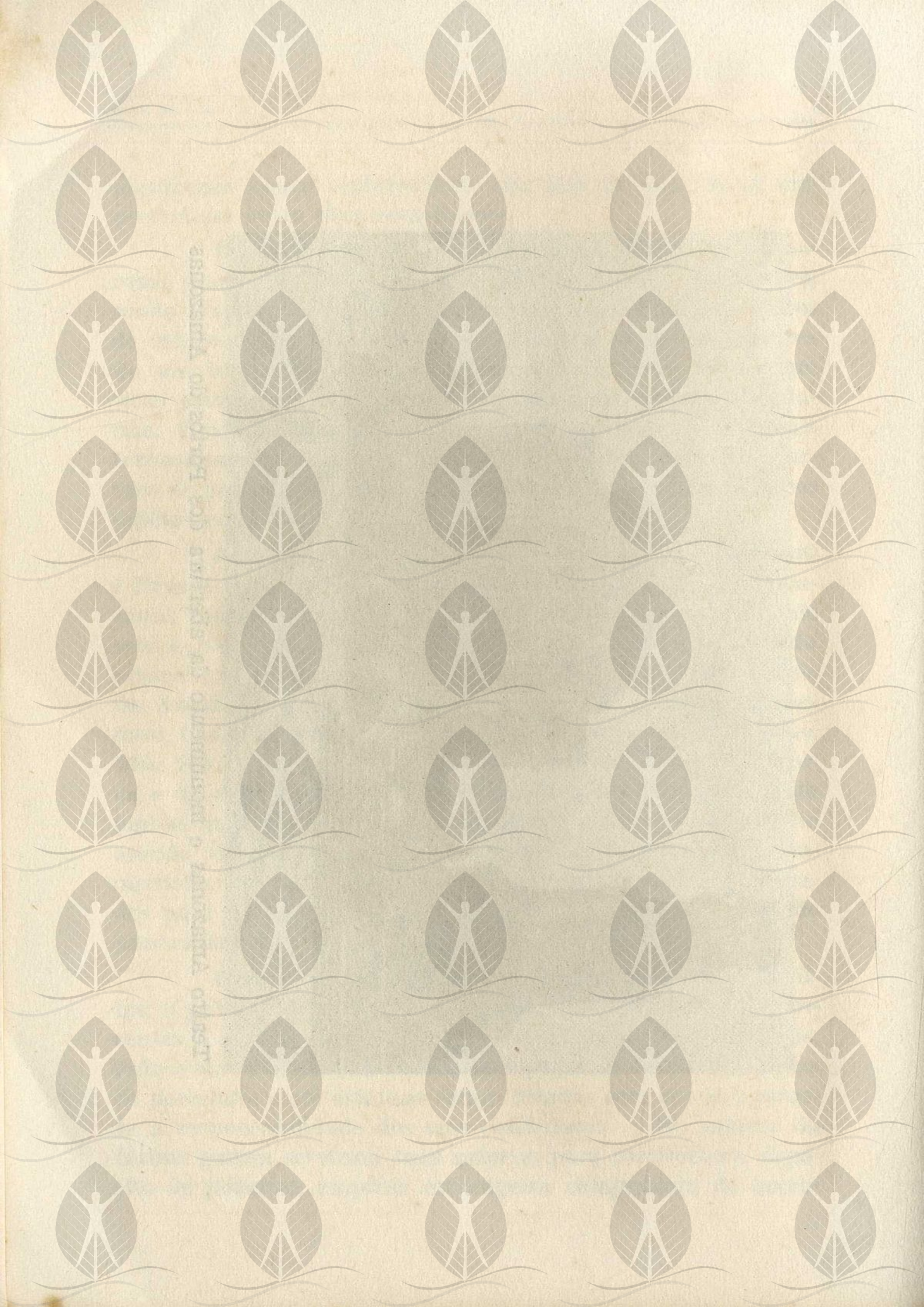
Das grandes fundições parisienses vieram os primorosos gradis tauxiados dos seus balcões, frizas e camarotes, sendo também de procedência francêsa poltronas, reposteiros de veludo, móveis estilo Luiz XV e outras peças integrantes do seu luxuoso "foyer". Marmoristas italianos cinzelaram ricas estatuetas, colunatas e degraus para as suas escadarias. Venêza, Sévres e outras cidades europeias e orientais forneceram-lhe espelhos de cristal, cariátides de bronze, jarrões de porcelana, candelabros com pingentes e maravilhosos tapêtes persianos...

Ao tempo em que os grandes trágicos Ermeto Zaconi e Ernani Emanuel pisaram em seu palco, era o teatro Amazonas uma permanente exposição, um deslumbramento de arte e bom gosto. Sua decoração pictórica interior ostenta estupendas concepções executadas pelos pincéis insignes de De Angelis, Capranesi e Silvio Centofanti. Guido Galignani, Guiomar Novais, Augusto dos Santos, Josefina Robledo, Bidu Sayão, Leopoldo Fróes e outras notabilidades da música e da arte representativa foram ali aplaudidas pela culta platéia amazonense. Companhias líricas contratadas no velho mundo vieram representar em sua ribalta, usando a indumentária que dispunham os seus guarda-roupas, aparelhados para o desempenho de quaisquer peças sem temor de anacronismos.

Depois de 1910, a incúria de certos governos facilitou o paulatino desaparecimento de valiosos objetos pertencentes à grande casa de Arte: — espelhos de Venêza, divãs, halabardas e espadins, cabeleiras e peças de vestuário, jarras de porcelana e até estátuas foram levadas sem que se apurasse a responsabilidade dos seus condutores... No comêço da última guerra serviram suas galerias para escritórios e depósito de poderosa emprêsa estrangeira compradora de borra-



**Teatro Amazonas e monumento da abertura dos Portos do Amazonas**



LEWIS & CLARK

# SERVIÇO DE LOTERIA DO ESTADO DO AMAZONAS

Criado pela Lei n.º 119 de dezembro de 1955 e regulamentado pelo Decreto n.º 6 de 18 de janeiro de 1955.

Esta Loteria é composta de 10 mil bilhetes com o prêmio maior de NCr\$ 10.000,00 e de 1592 prêmios menores no valor de NCr\$ 35.000,00, divididos em décimos, ao preço de NCr\$ 5,00, e mais o impôsto federal.

Os prêmios prescrevem 6 meses após a extração.

As extrações terão lugar às 15 hs. de cada quinta-feira, com a presença do fiscal do govêrno federal na sede à praça Oswaldo Cruz, 31.

**PEDRO NOLASCO PENAFORT**

Diretor - Presidente

**FRANCISCO DE MELO COELHO**

Fiscal Federal

# SERVIÇO DE LOTERIA

## ESTADO DO AMAPÁ

Decreto n.º 119 de dezembro de 1955  
e regulamentado pelo Decreto n.º 8 de 18 de  
janeiro de 1956.

Esta Loteria é composta de 10 mil bilhetes  
com o prêmio maior de Cr\$ 10.000,00 e de 1592  
prêmios menores no valor de Cr\$ 35.000,00, divi-  
didos em décimos, ao preço de Cr\$ 5,00 e mais  
o imposto federal.

Os prêmios prescrevem 6 meses após a extração.

As extrações terão lugar às 15 hs de cada  
quinta-feira, com a presença do fiscal do governo  
federal na sede à praça Oswaldo Cruz, 31.

PEDRO NOBRE PENAFORT  
FRANCISCO DE ALEJO COELHO

Diretor - Presidente Fiscal Federal

cha... Uma grande estátua de Apolo pesando duas toneladas de bronze que deveria ser colocada no zimbório foi presenteada à municipalidade de Fortaleza. Atualmente, os esforços conjugados da Prefeitura Municipal e dos componentes do Teatro Escola, vêm reanimando o tradicional prestígio artístico e material do majestoso edifício, justificado orgulho da terra amazonense.



De avantajadas proporções, a harmonia das linhas arquitetônicas do Palácio da Justiça forma um conjunto de sóbria mas distinta elegância. É a sede da organização judiciária superior do Estado. Sua construção fêz parte do plano de monumentalização da cidade traçado por Eduardo Ribeiro, sendo concluído e inaugurado no ano de 1900 pelo governador José Cardoso Ramalho Júnior.

Várias de suas dependências térreas são ocupadas pelos cartórios de registro civil, Procuradoria Geral, Arquivo e secções anexas aos Juizados cíveis e criminais da capital, que foram posteriormente instalados em um anexo, mandado construir pelo des. Leôncio de Salignac e Souza, presidente da Egrégia Côrte de Justiça. Uma escada monumental, de mármore, dá acesso ao piso superior onde estão instalados a sala de sessões do Superior Tribunal de Justiça e o grande salão do Tribunal de Júri, a secretaria do Tribunal, Secção da Ordem dos Advogados, Biblioteca, e outros cartórios. Mobiliado a rigor, a sua decoração interna revela nos mínimos detalhes a severidade, a decência e a discreção exigidas pelo respeito devido à função dos magistrados. No cimo da fachada uma grande estátua de Temis, devidamente vendada e mantendo em equilíbrio o fiel da balança simbólica, parece recordar o atentado à sua inviolabilidade quando, num dia

de julgamento do tribunal popular, fôrças de cavalaria, de espada em riste, penetraram seu recinto para impedir a execução do veredicto e desprestigiar a serenidade do “dura Lex”... Diversas reformas na organização judiciária do Estado têm diminuído o número primitivo de doze desembargadores para o de sete e nove membros do Superior Tribunal. Uma Revista dos anais desta alta côrte de Justiça editada semestralmente, demonstra a sabedoria jurídica dos altos magistrados amazonenses, cujos acórdãos, a miude, são transcritos ou citados além fronteiras.



Constante das cláusulas contratuais entre o govêrno e a “Manaos Harbour”, quando esta emprêsa executou os serviços portuários da cidade, o majestoso edifício da Alfândega construído nas imediações dos cais que marginam o rio Negro, compõe-se de um vasto quadrilátero de dois andares, cujas parêdes de granito são ornadas com colunas de basalto amarelo. Sua arquitetura é do mais puro estilo Renascença italiana. Tôdas as secções burocráticas aduaneiras desempenham ali as suas funções. Obedecendo a mesma estrutura estilizada, mas de proporções menores, ergue-se um elegante torreão onde tem exercício a Guarda-moria. Diligentes funcionários controlam dia e noite os serviços do fisco federal. No alto da tôrre há um grande relógio movido por mecanismo elétrico, existindo também um projetor de forte alcance iluminativo.





**Quarteis: — Bombeiros — Polícia civil**



Localizada à praça General Osório, projetando-se pela rua Luiz Antony e avenida Epaminondas até a rua 10 de Julho, a caserna do 27.º Batalhão de Caçadores sediado em Manaus, oferece ao visitante interessante aspecto arquitetônico nas suas linhas gerais. Desde o tempo do Império aos dias de hoje, consoante as reorganizações por que tem passado o exército nacional, a tropa de infantaria que garante a capital do Amazonas tem obedecido a diversas numerações de ordem regimental. Assim, de 3.º passou a 36.º, depois de 45.º a 27.º. Seu efetivo normal é superior a 600 homens. Tropa perfeitamente disciplinada, sempre que tem deixado o quartel regional para o campo da luta jamais regressou sem os louros da vitória. De suas fileiras saiu forte contingente que, lutando na Europa, ergueu bem alto o valor caboclo do Brasil nas mortíferas escaladas dos montes Apeninos, sempre cobertos de neve. Vibrantes citações e medalhas concedidas a muitos deles pelas nações aliadas perpetuam a coragem heróica dos soldados amazônidas.

Frente ao quartel, a grande praça general Osório dispõe de um campo de futebol, diversos apetrechos para exercícios ginásticos da tropa federal, um estádio de alvenaria, uma piscina com repuxo e mais requisitos exigidos pela moderna higiene.

O tradicional quartel em que se aloja a Polícia

Militar do Estado, à Praça Roosevelt, é construído em estilo um tanto antiquado, mas nem por isto passa despercebido ao interesse histórico e urbanístico da capital.

Até o ano de 1888 foi êle ocupado pela Assembléia provincial, sendo ampliado e modificado, já no regime republicano, para servir definitivamente de alojamento à milícia que então se achava instalada no prédio onde agora está a Chefatura de Polícia, à rua Marechal Deodoro.

Ladeando os umbrais externos do seu largo portão, dois grandes zuavos de ferro bronzeado, vai para quarenta anos, montam guarda junto à autêntica sentinela policial Panóplias, armaduras, lanças, elmos de aço, grandes telas assinadas por eméritos pintores de motivos militares, ornam a casa de comando e outras dependencias do vasto aquartelamento. Como reliquia de valioso subsídio histórico, dentro de artística montra envidraçada, está exposta a bandeira de sêda confeccionada pelas senhoras bahianas e pela mesmas ofertada ao batalhão da Milícia manauense quando, ao voltar da luta de Canudos comandado pelo coronel Cândido Mariano, reembarcava gloriosamente para a capital do seu Estado. Nos pátios internos a tropa se exercita em variados esportes para o que dispõe dos mais completos aparelhamentos e de oficiais instrutores especializados. No ano de 1931, dissolvida a Fôrça Policial por um ato discricionário da Interventoria federal no Estado, o grande quartel foi trancado à chave sofrendo, então, seu maior período de inatividade. No ano seguinte, reconsiderado o ato do Interventor Federal, a tradicional corporação, reorganizada, ocupou o diminuto quartel dos Bombeiros à av. 7 de Setembro. A êsse tempo, a Escola Normal se instalara na caserna policial onde permaneceu até o ano de 1944, quando se transferiu para o atual Instituto de Educação, voltando a Milícia Estadual para o seu antigo próprio, em cujo frontispício ainda por

muitos meses conservou este título em letras circulares. “Escola Normal”.



Quarenta homens constituem a companhia de bombeiros, alojados também no quartel da Polícia militar. Por diversas vezes a corporação tem se abrigado em sua própria casa, mas, exigências de ordem técnica e militar, fazem-na retornar à caserna da praça Roosevelt, passando a sua manutenção sucessivamente à conta do Estado e da municipalidade. Seu equipamento até pouco tempo era dos mais rudimentares, nada condizente ao progresso e crescimento da urbe. Atualmente a Prefeitura Municipal dotou-o de moderno material: — mangueiras, escadas Magirus e outros apetrechos montados em rápidas viaturas motorizadas. Por serem raros os incêndios, embora usem os bombeiros o capacete e a cinta vermelha que os distinguem das demais classes armadas são eles freqüentemente empregados no serviço de policiamento.



No espaço de um século a polícia civil ocupou três prédios em ruas diferentes.

A instalação da Província em 1852, a encontrou situada na atual praça Pedro II em um casarão assobradado que também servia de cadeia pública e delegacia, precisamente no local onde hoje se ergue o palácio “Rio Branco”. Em 1875, não mais oferecendo segurança suas vetustas paredes, determinou o governo a transferência da Chefatura para a casa que ocupa atualmente a agência do Banco da “Laviura de Minas Gerais”, à praça “Roosevelt”, antigo largo da “Constituição”.

Muitos anos se passaram antes que a séde da Polícia civil fôsse instalada no amplo palacête em que ora funciona à rua Marechal Deodoro. Em 1934, quando chefe de Polícia o dr. Rui Araujo, o prédio foi acrescido por um andar permitindo melhor funcionamento à secção de dactiloscopia. Também na gestão do dr. Sadí Tapajós de Alencar a repartição policial recebeu notáveis melhoramentos, sendo adquirido o primeiro carro celular para transporte de prêsos. Na administração governamental do dr. Pedro Bacelar contava a cidade dois distritos policiais cada um obedecendo à respectiva delegacia. A primeira funcionou no prédio da rua Joaquim Sarmiento agora pertencente à tipografia "Fenix" e a segunda na esquina da avenida Eduardo Ribeiro com a rua 10 de Julho.

Apesar de tècnicamente desaparelhada, não contando entre os seus investigadores nenhum detetive de curso especializado, a polícia civil de Manaus tem-se distinguido inúmeras ocasiões ao demonstrar argúcia na pista de salteadores e bravura no capturar indivíduos facinorosos quase sempre foragidos de outros Estados. Quando chefiava a repartição o dr. Marionilio Lessa, no mês de fevereiro de 1934, em consequência de um conflito entre militares e elementos da Guarda Civil, o próprio da rua Marechal Deodoro foi invadido, desarmada a sua guarda e desacatados os comissários e escrivães de serviço que foram recolhidos R Penitenciária do Estado.

Anexa à Chefatura funciona a Comissaria da Polícia do pôrto. No prolongamento do mesmo prédio mas defachada para a rua dr. Moreira, tem o seu quartel a Guarda Civil, montando um efetivo de sessenta homens. Sua fundação data de 1917. Pelo dr. Rui Araujo, em 1933, foi organizada a Guarda Noturna.



**Palácio “Rio Negro”  
Palácio “Rio Branco” – Palácio da  
Prefeitura**





A cidade possui cinco palácios governamentais dos quais quatro pertencem ao Estado, o "Rio Negro", séde do govêrno e "Rio Branco" onde funciona a Secretaria Geral. O primeiro dêstes edifícios foi comprado pelo governador Pedro Bacelar, em 1917, pela quantia de duzentos contos ao súdito alemão Ernesto Scholtz. De construção sólida e elegantes proporções arquitetônicas, depois de ligeira remodelação interior ficou êste próprio estadual perfeitamente adaptado à finalidade de sua aquisição. Suas principais dependências estão ornadas com algumas telas assinadas por artistas de grande mérito, entre outros: — Parreira, Angelo Guido, De Angelis. Dois presidentes da República, Washington Luiz e Getúlio Vargas, o Núncio Aloisio Masela, embaixadores de vários países, ministros de Estado e dezenas de outras personalidades ilustres em visita à terra amazonense foram seus hóspedes de honra. Frente às suas sacadas, por várias vezes, tem-se comprimido a mole estuante do povo ora entusiasta quando ouvia o verbo redentor de Ribeiro Junior, em julho de 1924, ora fremente de indignação quando, em outubro de 1930, exigia a renúncia do presidente Dorval Pires Pôrto.



Situado igualmente na avenida Sete de Setembro,

no mesmo terreno em que outrora se erguia a cadeia pública, o palácio "Rio Branco" mandado construir pelo interventor Nelson de Melo e terminado no governo do dr. Alvaro Maia é um edificio bastante espaçoso, de linhas harmônicas, formando um conjunto distinto e bem adequado ao destino para que foi levantado: — o funcionamento das diversas secções da Secretaria Geral do Estado. O custo de sua construção não foi além de setecentos contos, revestindo-se a decoração interna de distinta elegância e de aprimorada escolha o mobiliário. Dispõe, também, de moderno e rápido ascensor. Numa das suas amplas dependências térreas instalou-se a grande coleção numismática pertencente ao Estado e classificada em quarto lugar entre as congêneres mundiais. O sr. João Alberto, entretanto, contrariando os técnicos, asseverou, ao visitá-la, que nos países orientais onde êle serviu como diplomata a valiosa coleção de moedas do palácio "Rio Branco" seria um simples mostruário... Deve o Estado a sua aquisição ao sábio amazonense coronel Bernardo Ramos, conhecido egiptólogo e técnico numismático especialista de reconhecida probidade que, comissionado pelo governo do dr. Silvério Nery adquiriu em vários países raríssimos exemplares de antigas cunhagens em ouro, prata e outros metais, catalogando-as na grandiosa coleção amazonense.



À praça Pedro II se localiza o mais antigo palácio governamental do Amazonas. Sua construção foi projetada em 1865 e efetivada em 1871. Seu vulto ocupa tôda a extensa largura do aprazível sítio em que êle foi erigido. Primitivamente, era séde do governo da Província, continuando na mesma serventia após a República até o ano de 1917, quando o dr. Pedro Bacelar transferiu a administração para o

palácio "Rio Negro". Instalou-se nêle o govêrno municipal que anteriormente funcionava no prédio em que se encontra a Escola Técnica de Comércio "Solon de Lucena". No peristilo duas grossas e altas colunas de granito sustêm as molduras da fachada. Recuperado totalmente na administração do Prefeito Paulo Nery.

Duas espaçosas salas laterais à entrada, são ocupadas respectivamente pelo gabinete do Prefeito e pela Câmara Municipal. No teto desta dependência destacam-se magníficas interpretações de motivos amazônicos trabalhados em estuque, e embutidos nas paredes retratos da maior parte dos prefeitos de Manaus ressaltando no relêvo primoroso das molduras. Na outra, onde os edis se reúnem para sessões legislativas, existe uma galeria de notáveis retratos a óleo dos antigos Superintendentes municipais. Como parte integrante da ornamentação dêste grande salão, admiram-se duas belíssimas telas de Aurelio Figueiredo representando em tamanho natural o último imperador do Brasil e sua augusta filha, princesa Isabel, no ato da assinatura da Lei Áurea. Mãos vandálicas, ao tempo da proclamação da República ousaram profanar a efígie da Redentora, mutilando-lhe a serena beleza expressada pelo pintor na execução desta reliquia histórica. Restaurado o grande quadro ainda conserva visíveis os criminosos traços que o feriram.

Colocado no lado posterior da poltrona que ocupa o presidente da Câmara, alteia-se imponente dossel de madeira entalhada, genuina obra de escultura do século XIX, todo lavôrado de fôlhas de louro e encimado por dois anjos sustendo um escudo com as armas da cidade de Manaus. Ao centro, pouco acima do espaldar da cadeira presidencial, esta legenda latina gravada em baixo relêvo: — Qui geris publica privata depone, como advertência ou memento cívico para uso perene da edilidade.

À praça Tenreiro Aranha, ergue-se o palácio da  
Cultura, onde funciona a Secretaria da Educação e Cultura.

Há ainda o Palácio Rodoviário, construído no ano  
de 1956 na avenida Carvalho Leal (Cachoeirinha).



**Arborização – Pontes – Calçamentos**



Quem chega a uma cidade pela primeira vez e relanceia em breve tempo ruas e praças não colige cabedal suficiente para esquadrihá-la satisfatòriamente.

Há, contudo, manifestações que os sentidos colhem e que bastam ao observador inteligente para induzir conclusões positivas. A arborisação de Manaus é um frisante exemplo. Edificada da orla da mais opulenta selva tropical, onde germinam os mais raros espécimes de plantas ornamentais, a capital amazonense, excetuadas duas praças centrais, não ensombra as suas demais artérias com um só exemplar da exuberante vegetação autótone. Afóra a mangueira vulgaríssima, crescem pelas calçadas os troncos tortuosos dos ficus-benjamin, desgraçoso arbusto de origem indiana, cuja ramagem mal protege o fio do calçamento contra a canícula dos dias de verão e que exhibe, em lugar de flôres, longas fibras pendentes, semelhantes a hirsuta cabeleira de monstruoso ídolo budista... todavia, esta nota dissonante se atenua pela presença álaçre e policrômica de inúmeras espécies de catléias amazônicas dispostas entre os galhos dos ficus onde umas e outras estadeiam suas florescências de perfumosa beleza.

Nem sempre é fácil falar-se em pontes sem experimentar um acesso de lirismo. Simples viadutos de alvenaria ou grandiosas construções de arcadas metálicas, quando não nos favorecem a perspectiva das paisagens, constituem elas próprias motivos de continuados, inalteráveis panoramas.

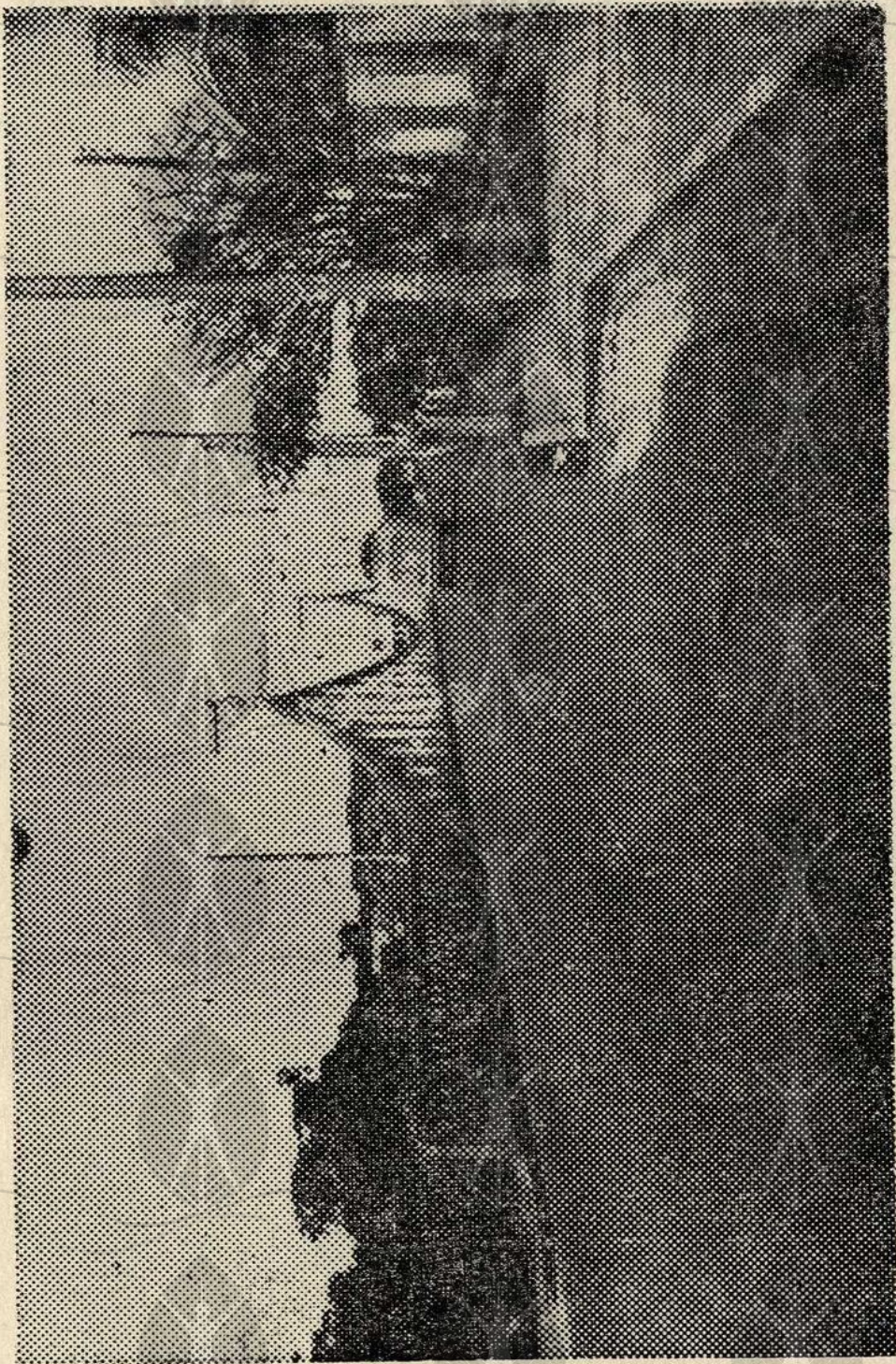


As duas pontes de ferro e outras três de pedra dispostas sôbre os igarapés de Manaus nos despertam sempre estas impressões. A imponente armação de vigamentos de aço que une as margens do igarapé da Cachoeirinha, não tendo embora a desmedida extensão da ponte suspensa de Brooklyn, é um admirável conjunto de flexibilidade e de fôrça, perpetuando a genialidade construtiva do governador Eduardo Ribeiro. Fincada à ilharga do paredão que ampara o aterro entre a rua dr. Almino e a avenida Sete de Setembro, estende-se um pontilhão de sessenta metros, denominado "passagem Cabral" que serve de palanque aos apreciadores dos treinos de regatas promovidas pelo "Clube do Remo". Todos, entretanto, pontes e pontilhões, tendem a total desaparecimento; não porque estejam imprestáveis, velhos ou insubstituíveis, mas porque o desenvolvimento da cidade, forçando o atêrro dos cursos d'água que êles transpõem, vai exigindo o sacrifício de sua demolição, considerando um perigo a proteção dos seus parapeitos, tornando inútil o fastígio de sua tradição.



As ruas da maior parte central da cidade eram calçadas de paralelepípedos de granito procedentes de cantareiras portuguesas. Encomendou-os em grande quanti-





Ponte de ferro "Benjamin Constant" .



# S. MONTEIRO

— E —

## 5 FILIAIS

**Rua Quintino Bocayuva, 7591**

### Filiais:

Avenida Eduardo Ribeiro, 473

Avenida Getúlio Vargas, 702

Rua dos Barés, 17

Av. Leopoldo Péres, 624 (Educandos)

Rua Belém, 1876 (Cachoeirinha)

FONES: { 2834  
1073  
1573

MANAUS

—  
AMAZONAS



S. MOUTEROS

5 FILIAIS

Rua Quintina Bocayana, 7501

Endereços:

Avenida Eduardo Ribeiro, 473

Avenida Getúlio Vargas, 702

Rua das Barras,

Av. Leopoldo Pires, 824 (Educandos)

Rua Estím, 1870 (Cachoeirinha)

2.834

1073

1578

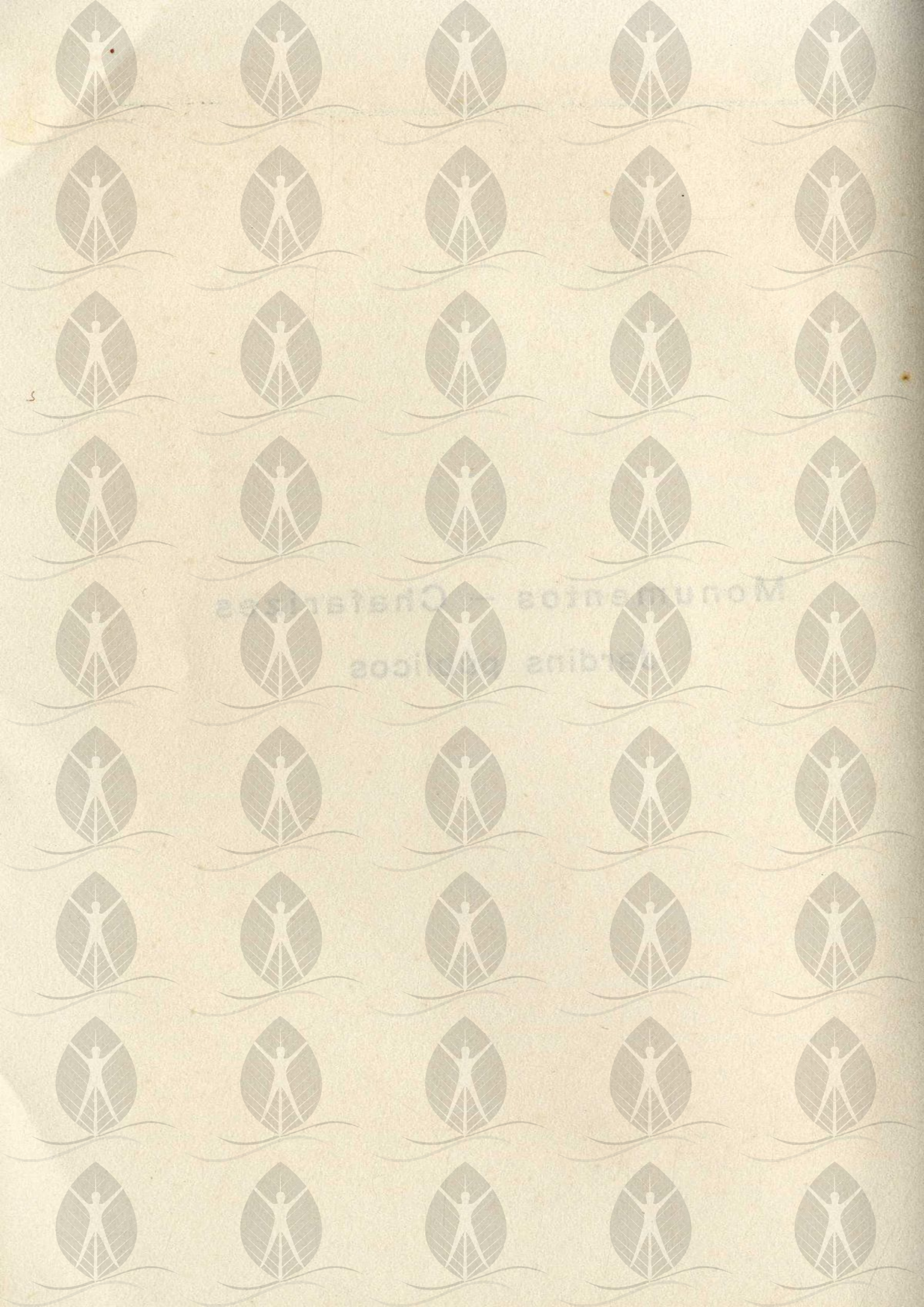
FONE

AMAZONAS

MANAUS

dade Eduardo Ribeiro. Quando superintendia o município o coronel Adolfo Lisboa, vieram outras apreciáveis partidas. Daí a segurança de antigos colonos lusitanos no asseverarem que transitando pelas ruas manauenses pisavam terra de Portugal. Data da administração Araújo Lima o emprêgo da pedra jacaré no calçamento de algumas vias públicas. De formação sedimentária, com certa percentagem de manganês e óxido de ferro que lhe empresta coloração de argila queimada, êste pedregulho oriundo das margens do Rio Negro, não possuindo a consistência do granito presta-se, todavia, a pavimentação, apesar dos volantes afirmarem que o atrito provocado pela asperêsia do calçamento desgasta rapidamente os pneumáticos dos carros por êles dirigidos.





Não é possível fazer-se crítica judiciosa de um monumento sem a noção exata dos fatos históricos que justificaram a sua ereção, demonstrando exatamente o que as figuras exprimem. O belíssimo conjunto de mármore e bronze que se ergue à praça de São Sebastião, é a resultante de elementos que se harmonizam para atrair o espírito do espectador pelo arrôjo da concepção e pela firmeza da comemoração que êle interpreta: a abertura dos portos do Amazonas ao comércio mundial. (Sinteticamente, passamos a descrever as partes essenciais do artístico e grandioso monumento. No alto do pedestal de granito róseo, com ornatos laterais em bronze ergue-se de pé a figura do Estado representada por um belo tipo de mulher tôda de bronze, tendo à dextra um iacho, os cabelos sôltos ao vento, ladeada pelo deus Mercúrio e outras entidades mitológicas. Ao redor da base quadrangulada vê-se a prôa de uma galera correspondendo a um dos continentes: — Europa, Ásia, África e Amércia. Âncoras, tritões, delfins e outros motivos marinhos completam a ornamentação de extraordinária beleza ficando o grupo escultórico ao centro de uma vasta bacia oblonga, em mármore róseo, circulada por uma corrente também de bronze.

A grande calçada em que assenta o monumento é pavimentada de mosaicos brancos e negros, formando de-

senhos sinuosos de atraente relêvo.

Este conjunto monumental é proclamado por todos que o visitam como sendo um dos mais admiráveis trabalhos de escultura que se exibem no Brasil. Foi êle inaugurado no ano de 1900.

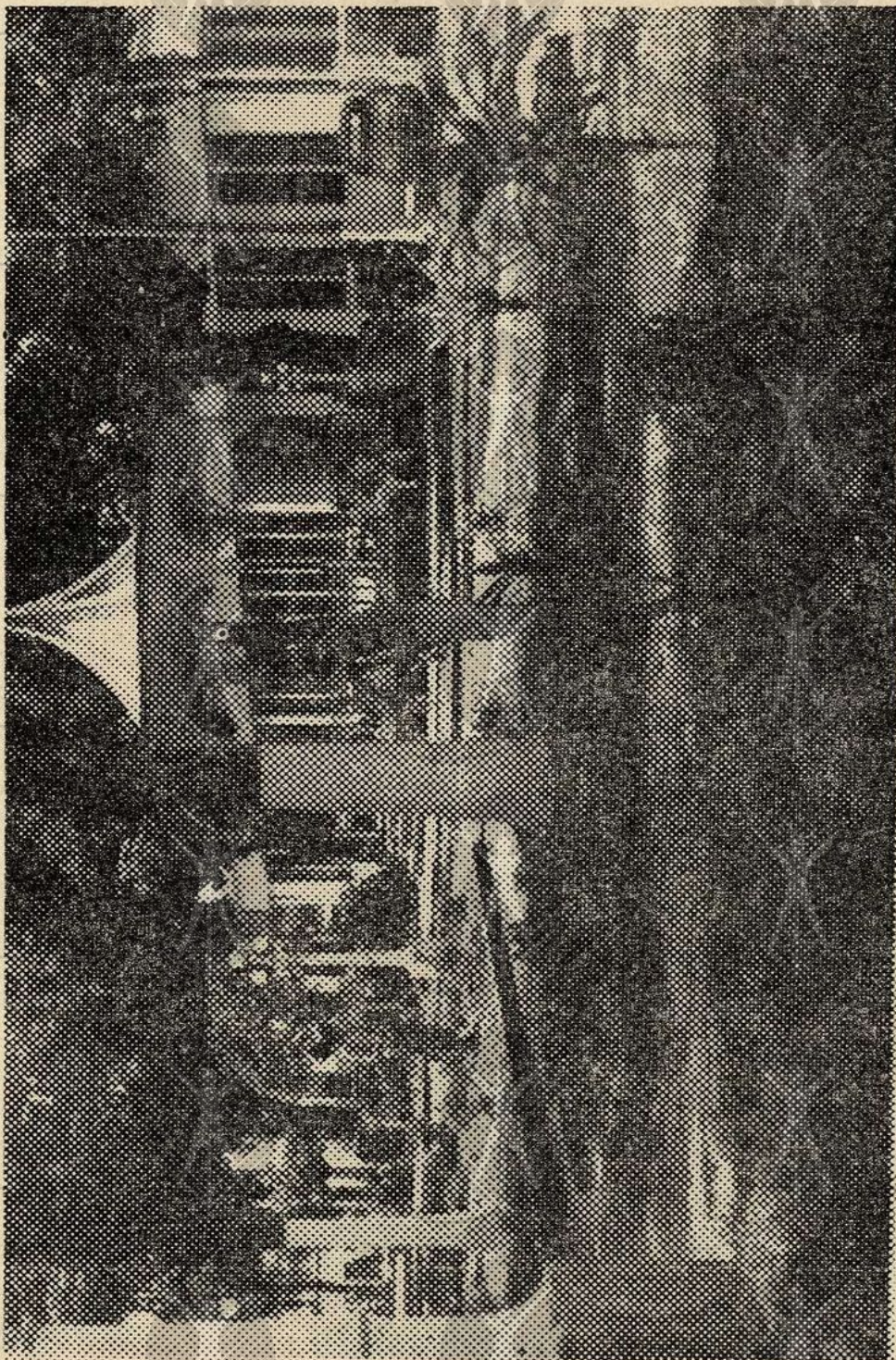
A João Batista de Figueirêdo Tenreiro Aranha, primeiro presidente da imperial Província do Amazonas, o povo manauense ergueu suntuosa estátua de bronze. O monumento, porém não mais ocupa o lugar em que foi erigido. Transladaram-no da praça do seu nome para o largo da "Saudade". O presidente, envergando o fardão agalado de espada à cinta, está de pé no cimo da coluna de granito, com a face voltada para o ocidente, a espera, talvez, que o removam para o local de onde veio ou que denominem "Tenreiro Aranha" o aprazível logradouro em que êle ora se encontra.

Carlos Gomes, Santos Dumont, batão de Santana Nery e São João Bosco têm as suas efígies vasadas em bronze e também Ribeiro Júnior, colocadas no alto de hermas belíssimas que ornamentam várias praças. Frente à igreja dos Remédios e no largo do Congresso existem as imagens do Coração de Jesus e da Imaculada Conceição, talhadas em mármore.



Primorosas fontes ornamentais se levantam em alguns trechos públicos ajardinados da cidade. A que está na Praça Osvaldo Cruz, à entrada da urbe, guarda nas suas proporções lances de grande valor artístico. Compõe-se de cinco partes a sua disposição: — a base, a grande bacia hexagonal, uma coluna com outra bacia menor encimada por uma Afrodite e um grupo de crianças que, em farândula, derramam continuamente jarros de água no bôjo do grande tanque. À noite, iluminado com lâmpadas de côres,





Praça Pedro II e Prefeitura Municipal



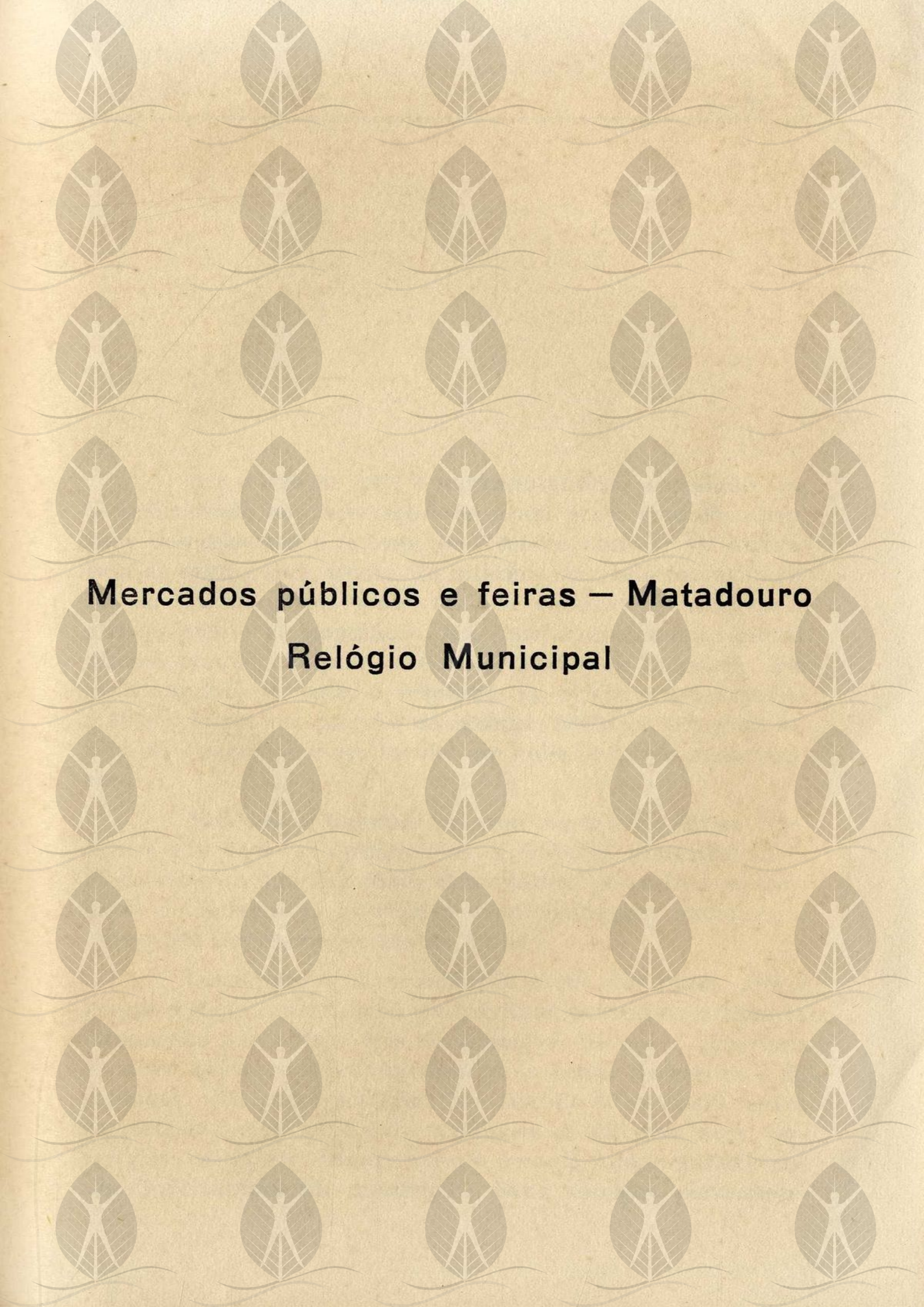
é de vistoso efeito o aspecto geral dêste chafariz, que foi adquirido em 1906. Na mesma praça, defrontando a escadaria do lado direito da Matriz, outra fonte de ferro fundido, de menores proporções que a primeira, despeja água pela boca de três hipógrifos, borrifando a grama dos canteiros adjacentes. Mais uma fonte monumental de sugestivas decorações tem a praça Pedro II, fronteira ao palácio da Prefeitura Municipal. Gárgulas de ferro bronzeado enchem constantemente um grande recipiente térreo onde musas sentadas apóiam as costas, mantendo os pés sobre as bordas de outro vaso de onde a água se derrama em cascata, enquanto grupos de cianças esculpidas em bronze, no primeiro tanque, entornam ininterruptamente as ânforas que elas sustentam em graciosas atitudes.

Foi o dr. José Francisco de Araújo Lima quando Prefeito da capital, um grande animador de ajardinamentos, transformando praças escalavradas, nuas, batidas pelo mormaço impiedoso em elegantes, benéficos logradouros públicos. Há pouco mais de vinte anos, a atual praça Osvaldo Cruz era um vasto quadrilátero desornado, a estafar a marcha do transeunte que a atravessasse nas horas candentes da soalheira diurna. Remodelou-a o grande administrador, dando-lhe a feição agradável que hoje apresenta, recortada de floridos canteiros e dispondo de cômodos e numerosos bancos de cimento armado. Lugar preferido pela sociedade manauense para esparecimento físico e espiritual, é também, a praça "Roosevelt", antiga da "Constituição" e ex "João Pessoa" atualmente "Heliodoro Balbi", na qual a harmoniosa banda musical da Polícia militar executa aos domingos e dias feriados peças do seu aplaudido repertório no soberbo corêto local, enquanto a juventude passeia alegre e descuidosa entre as alamedas onde se destacam, altas e pompeiantes, belíssimas palmeiras imperiais.

Na praça da "Saudade", ergue-se o Palácio da

Cultura construído pelo Gov. Gilberto Mestrinho. A praça Pedro II ostenta um belo e artístico jardim que circunda as suas calçadas. Plantado de seringueiras e outras árvores nativas da Amazônia, o seu conjunto constitui o mais antigo ajardinamento público da cidade, sendo êle, a êsse tempo, todo gradeado.

Passados governos municipais muito se descuidaram dos trechos ajardinados acima referidos, hoje, porém, nota-se por parte da Prefeitura reação inteligente para melhorar ou conservar os logradouros públicos, renovando-se o plantio de flôres e substituindo-se bancos, caramanchões e ornatos deteriorados por outros novos.



**Mercados públicos e feiras – Matadouro**  
**Relógio Municipal**



Até o ano de 1897 o mercado público da cidade esteve localizado nas imediações da atual praça Oswaldo Cruz, onde desembocava o igarapé do Espírito Santo. Ali atracavam as canôas que, vindas do interior, trazendo carregamentos de frutas, peixes secos, farinha e outros gêneros para abastecimento da população. Não havia tabelamento oficial, mesmo porque nenhum vendeiro, peixeiro ou magarefe, por mais ganancioso, teria o desplante de exigir preço superior a 3000 reis por um paneiro de farinha, 5000 reis por uma arôba de pirarucu e cinco tostões um quilo de gorda carne sem osso.

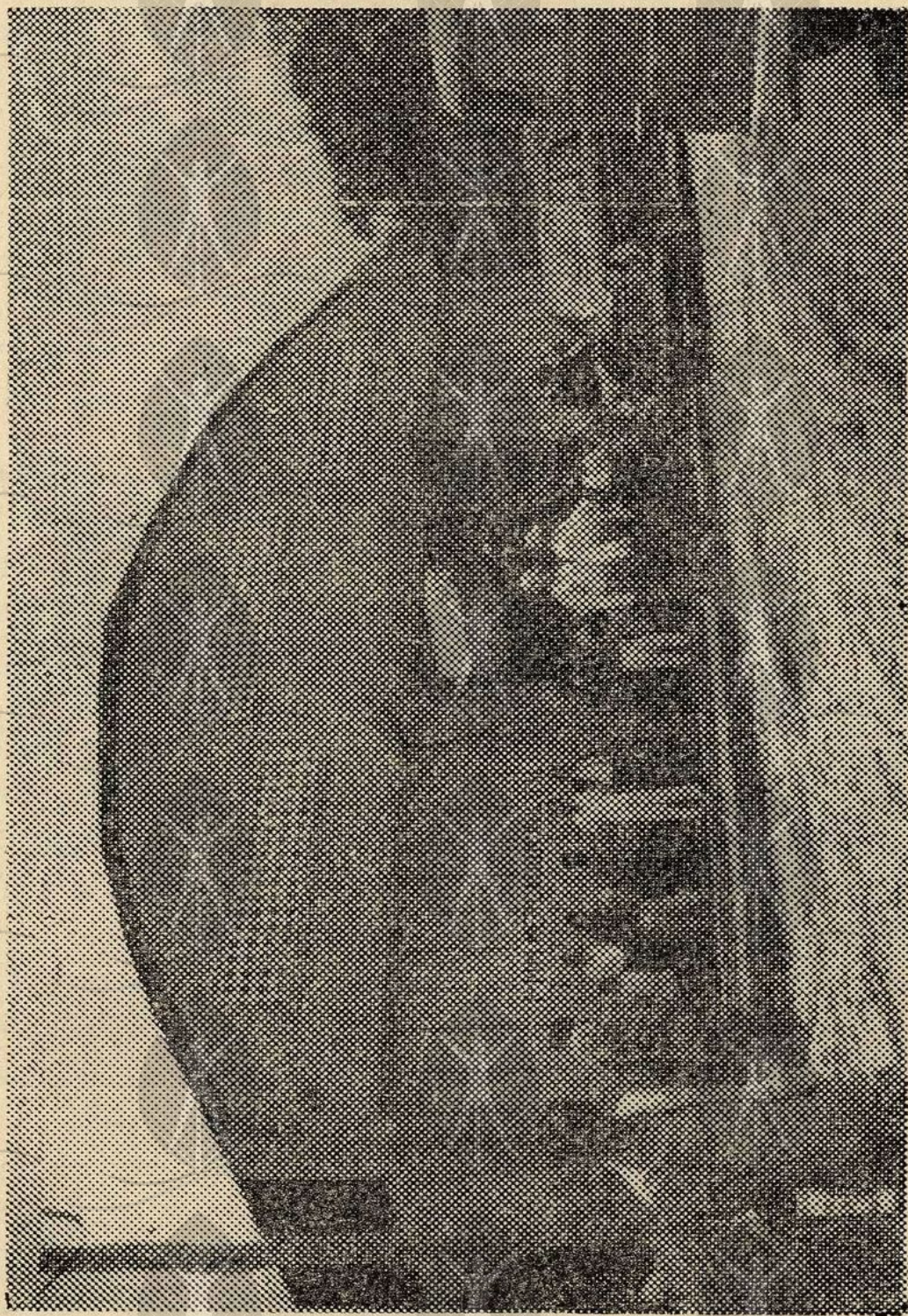
Mas veio a República e, com ela, a nova divisa "Ordem e Progresso". Expandia-se a cidade, aumentando a olhos vistos a sua densidade demográfica, a fartura desbordante do mercado já se tornava insuficiente para satisfazer o imprevisto acréscimo de tantas bôcas.

Construiu-se outro mercado à rua dos Barés, alto e amplo edifício constante de um pavilhão central de alvenaria flanqueado por outros dois de armações de aço e cobertura de zinco, destinados respectivamente a venda de carnes e de pescados. Na parte posterior, em sentido transversal, outra construção anéxa serve para vendagem de vísceras, aves, tarugas, caças, etc. Inaugurou-o o coronel Adolfo Lisboa, então Superintendente municipal. Seus serviços permanece-

ram arrendados à Empresa "Manaus Markets" até 1924 quando o governador revolucionário Ribeiro Júnior encampou-os ao patrimônio da Comuna. Diariamente, às cinco horas, seus pesados portões de ferro giram sobre os gonzos 'ranqueando aos habitantes da capital o acesso às bancadas sempre refertas das mais variadas qualidades de viandas e espécies de peixes, de diferentes legumes, frutas e outros artigos culinários. Rodeando o grande próprio municipal, vêm-se dezenas de pequenas lojas de madeira, na maioria ocupadas por sírios e portugueses que comerciam em armarinhos, cafés, sapatarias, garapeiras, tabacarias e mais alguns ramos de negócios. Imensa e variada é a quantidade de frutas, sobretudo bananas, laranjas, abacates, assaí, pupunhas, que, provindas dos sítios vizinhos, são trazidas nas embarcações rebocadas por lanchas e motores que trafegam pelos rios e lagos do município. Junto às rampas que descem para o rio, esta abundância frutífera e leguminosa se evidencia pelo odor acre da fermentação dos abacaxis, cupuassus, tomates e pepinos sobrados das vendas e atirados à água pelos mercadores. Às 9 horas, encerrado o negócio de pescados, acontece freqüentemente serem creolinadas pelos guardas do Mercado enormes quantidades de peixes, comprando-se carne verde, tabelada a 8 cruzeiros, ao preço de 4 e 2 cruzeiros. Quando era Superintendente municipal, o Dr. Dorval Pôrto construiu outro Mercado público no bairro da Cachoeirinha, cujo abastecimento supria a população deste subúrbio e ainda a dos moradores dos Educandos. Fechado no governo do Dr. Pedro Bacelar, foi restaurado na gestão do Dr. Raimundo Chaves Ribeiro, que o dotou de higiênicas e mais amplas modificações.

Localizada outrora na vasta interseção da avenida Constantino Nery com a rua Silva Ramos, funcionava uma Feira que reunia os habitantes da parte noroeste da cidade. Consolidado o hábito daqueles moradores, na facilidade de





Mercado Municipal da Praça 14 de Janeiro



adquirirem seus artigos de mercado no referido local, por motivos de desimpedimento de trânsito, transferiu a Prefeitura aquela Feira para o cruzamento das ruas Ferreira Pena e Silva Ramos. Embora fiscalizados pela Municipalidade, os gêneros ali expostos são vendidos com liberação de impostos, por serem os seus adquirentes, na maior parte pessoas de poucos recursos, moradoras nas adjacências.



O Matadouro municipal desde 1904 funciona em um próprio, cujas pilastras de tijolos sustentam uma cobertura dividida em metade de telhas e folhas de zinco. No longo decurso de quarenta e quatro anos, poucos têm sido os reparos e melhoramentos trazidos a este departamento municipal que persiste em toda sua primitividade.

Contudo, apesar de desprovido de aparelhamentos exigidos pela técnica e higiene modernas, o seu funcionamento não tem sofrido solução de continuidade, mercê dos diligentes esforços dos encarregados pela sua manutenção, asseio e ordem.

A matança diária de gado vacum é fiscalizado pelo veterinário dr. Carlos Durand em média, de cem cabeças, regulando-se o aumento ou diminuição desta quantidade pela abundância ou escassês de pescados no Mercado público.

Nas margens do igarapé de São Raimundo, até o tempo da instalação do atual Matadouro, eram abatidos os animais destinados ao consumo da cidade. A execução dos serviços decorrentes era a mais rudimentar possível, oferecendo aos olhos de quem presenciasse a matança e esfolamento das rêsas um impressionante espetáculo de sujeira e ausência de técnica.

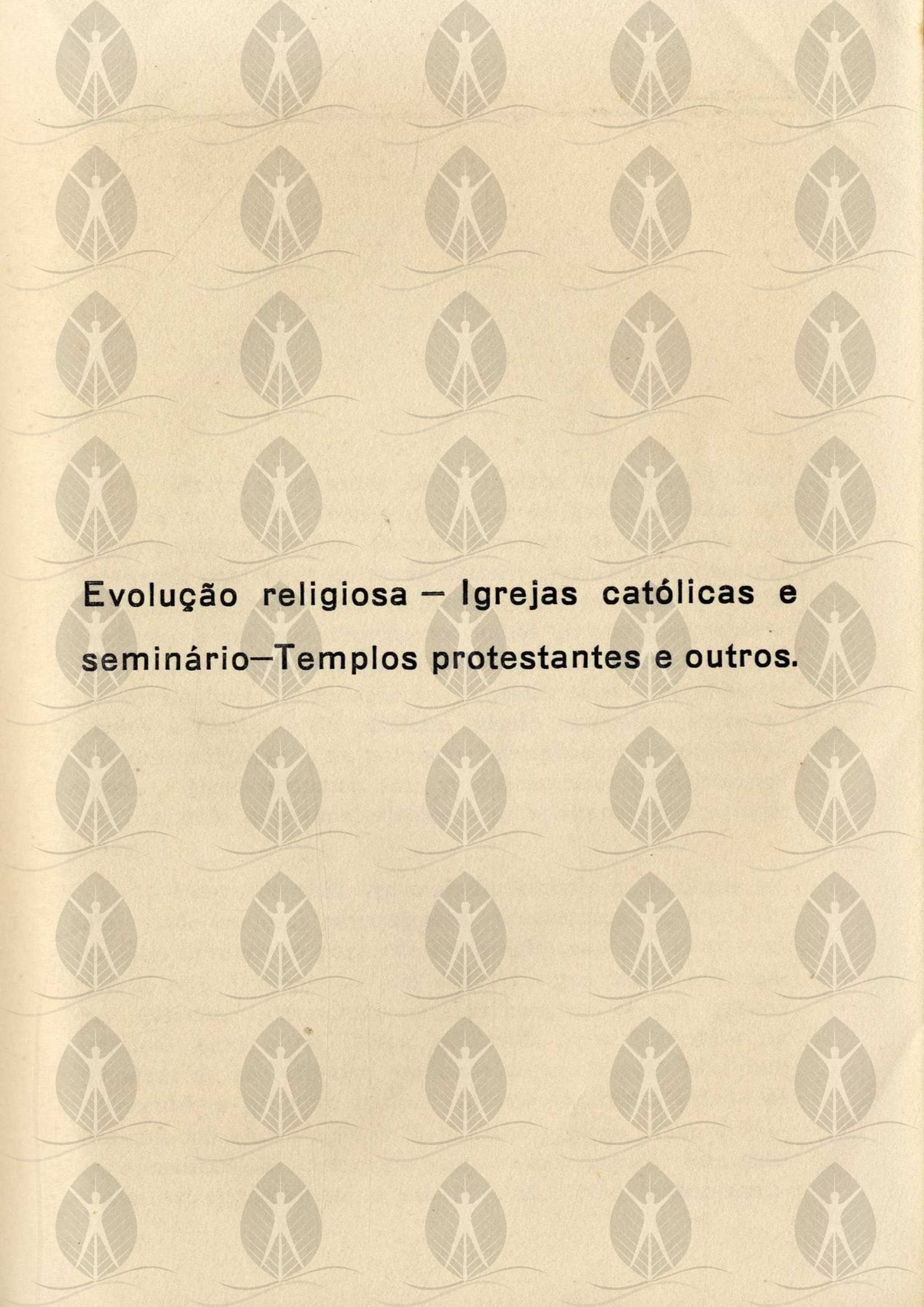
Pretende o atual Prefeito iniciar brevemente a construção de outro edifício, contendo os requisitos técnicos e

sanitários que o aumento da população e o progredir da cidade estão reclamando para um moderno Matadouro.



É o relógio municipal de Manaus interessante monumento que o dr. Araújo Lima quando Prefeito, fêz erigir no comêço da avenida Eduardo Ribeiro. A base quadrangular tem cinco metros de altura e é tôda de pedra com molduras de cimento. Sôbre ela está um supedâneo também de alvenaria, em que assenta o grande relógio com dois mostradores. Circula a parte externa, em letras vermelhas, uma divisa latina ressaltando o valôr e o bom emprêgo do tempo pelos homens. Encomendado a uma relojoaria suíça, quando o mecanismo chegou, verificou-se que os ponteiros giravam apenas sôbre uma única face. Pelosi & Roberti, antigos ourives de Manaus, armaram o outro mostrador com os ponteiros que faltavam, completando a obra de duplo letreiro que tem funcionado cronométricamente até os dias atuais.





**Evolução religiosa – Igrejas católicas e  
seminário—Templos protestantes e outros.**



Quatro anos antes de Francisco da Mota Falcão construir em 1669 o fortim do Lugar da Barra, a vinda de alguns padres da Ordem Carmelitana para as terras do Rio Negro iria contribuir de modo decisivo para a incorporação de algumas tribos à vida civilizada. Mais tementes à fúria dos brancos que escravizavam os índios do que propriamente da belicosa desconfiança destes, lograram aquêles religiosos com infinita resignação em suportar sacrifícios e hostilidades, a fundação da primeira missão catequista entre as malocas indígenas e as palhoças habitadas pelos primeiros colonos. Desta maneira, iam os missionários assistindo espiritualmente os reinós cristãos e os selvagens recém batizados.

Captando cada vez mais fortemente a confiante solidariedade dos seus catequizados, procuraram os Carmelitas sítio apropriado para ereção de uma capela. Encontraram-no sem delongas: — um outeiro, cujas faldas arborizadas desciam suavemente para as margens de um igarapé defluindo para o rio. Tôsco, acanhado, mas expressivo na grandeza do seu objetivo, no cimo desta elevação marginal foi erguido o primeiro templo católico da futura cidade de Manaus, sob a invocação de N. S. da Conceição. Com o tempo, aumentado o aldeamento ampliou-se a capela. Sua existência prolongou-se até o ano de 1781. Não tardou nova-

mente a construção de outra mais ampla no mesmo local.

Expandindo-se continuamente o povoamento da cidade, já denominada S. José da Barra, o Governador da Província, Manoel da Gama Lobo d'Almada, ordenou a demolição da igreja por achar insuficiente o seu espaço. Foi então construído outro templo. Em dezembro de 1850, depois de um novenário, a violência de um incêndio irrompido súbitamente, transformou a igreja num montão de destroços carbonizados. Já estando erguida nessa época a capela de N. S. dos Remédios, nela praticaram-se os officios religiosos para os fiéis que freqüentavam a Matriz incendiada.

Sendo presidente da Província o dr. Francisco Furtado, a 23 de julho de 1856 lançou-se a pedra fundamental da atual Matriz. Criada por ato pontifício a diocese provincial do Amazonas, foi a nova igreja elevada à categoria de Catedral. Num mausoleu de mármore, à direita da entrada, estão guardados os restos mortais do 1.º bispo de Manaus, dom Lourenço da Costa Aguiar. Por diversas reformas tem passado o antigo e grandioso templo. Seis sinos vasados em fundições portugêsas, grandes e sonoros, no alto das duas tôrres, fazem ecoar diàriamente por tôda a cidade, ora em repiques festivos ora na plangência dos dobres a finados, as notas graves, inconfundíveis, de sua voz secular.

A fé e a religiosidade do povo manauense sempre se caracterizaram por intenso fervor. As procissões realizadas pelas diversas paróquias em honra dos seus respectivos padroeiros, de ano para ano tornam-se mais concorridas. Dezenas de crianças com vistosas indumentárias apropriadas e penitentes cumprindo promessas e ex-votos, ladeiam os andôres em todos os itinerários processionais. O 1.º Congresso Eucarístico de Manaus, em 1943, contou a presença de muitos bispos e dignidades eclesiásticas, sendo presidido pessoalmente pelo Núncio Apostólico dom Aluisio Masella, como Legado do Papa. Esta festividade, de raro brilhantismo e



extraordinária concorrência, teve por cenário a antiga praça “Antonio Bitencourt”, na qual, servindo-se dos alicerces do Instituto de Educação, o artista Branco Silva adaptou o altar-monumento, todo ornado com primorosos motivos religiosos.



Além da Catedral, a diocese conta as igrejas que se seguem por ordem cronológica. — Nossa Senhora dos Remédios, à praça do mesmo nome, edificada em 1873 no local onde havia um cemitério indígena. A nave deste templo passou muitos anos esperando acabamento. Sua torre alta e esguia está aparelhada para mais tarde receber uma grande imagem da padroeira paroquial. Quando incendiou-se a Matriz, ela serviu durante oito anos de sede diocesana. Na praça de São Sebastião está localizada a igreja deste santo que foi construída sob a direção do franciscano Gesualdo Macchetti de Lucas. Anteriormente, no referido sítio, havia uma ermida dedicada àquele martir cristão. A inauguração do templo atual data de sete de Setembro de 1888. Sua decoração interna se notabilisa pela beleza e grande originalidade dos vitrais cuja disposição obedece ao estilo gótico. São notáveis também os doze quadros em alto relêvo da via-crucis. Na torre, um grande relógio bate as pancadas das horas por um mecanismo em conexão com o carrilhão do campanário.

O bairro de S. Raimundo possui, igualmente, um belo templo dedicado àquele santo, cuja construção atual se deve à iniciativa dos padres da Congregação do Espírito Santo que regem a mesma paróquia. Sob a invocação de N. S. do Perpétuo Socorro, ergue-se no bairro dos Educandos uma igreja que primitivamente era de madeira. O espírito religioso da população local aliada ao esforço inteligente do vigário,

Pe. Antonio Palácido de Souza, vem reestruturando aquêlo templo, cuja fachada de alvenaria, em breve tempo, estará completa com o restante da nave e das duas tôrres, de acôrdo com a planta aprovada pelo bispo de Manaus.

Adrianópolis, ex-Vila Municipal, tem a sua igreja paroquial dedicada à veneração de N. S. de Nazaré.

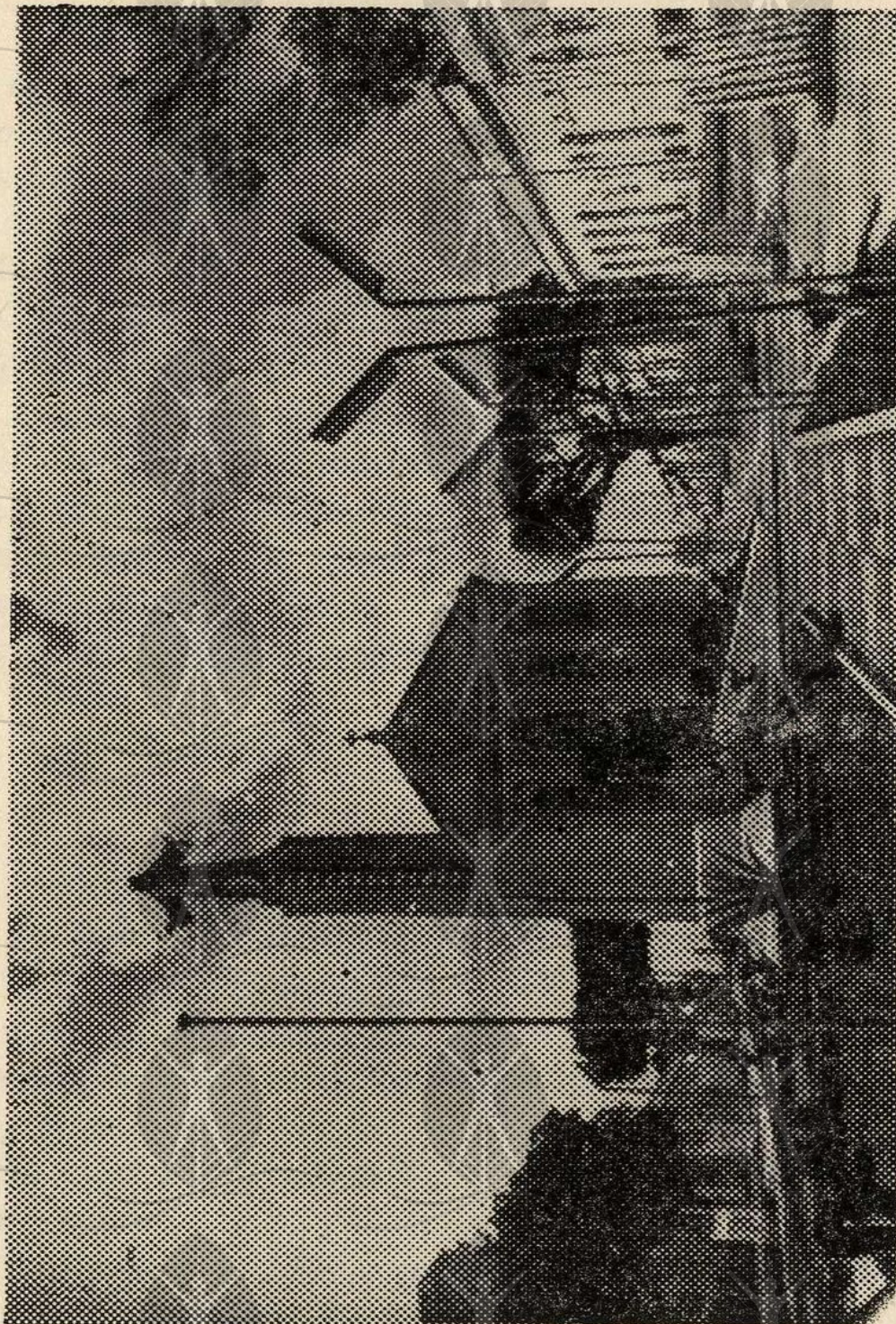
Administrada pelos padres Redentoristas da paróquia de N. S. Aparecida, criada pela autoridade diocesana em janeiro de 1944, a igreja do mesmo nome é franqueada diariamente ao culto dos fiéis residentes naquela parte da cidade. Também os padres Agostinianos mantiveram a direção da igreja de Santa Rita de Cássia, à rua 24 de Maio, cujo templo se ergue hoje à avenida Carvalho Leal, anexa a um colégio daquêles religiosos.

Outros templos de apreciáveis proporções arquitetônicas são os que se elevam à praça S. João Bosco, pertencente ao colégio salesiano e N. S. Auxiliadora visinha ao educandário dirigido pelas irmãs salesianas.

No bairro da Cachoeirinha existe uma capela dedicada a santo Antonio, tradicionalmente conhecida por igreja do "Pobre Diabo" por ser esta a autonomázia do súdito português que, há mais de 50 anos, construiu a referida capela, doando-a a Diocese de Manaus, Santa Luzia, São Francisco Xavier, Santa Terezinha, são venerados em ermidas levantadas em diversos lugares suburbanos. Há, também, no colégio das Dorotéias, uma capela. A Santa Casa de Misericórdia, o Instituto Benjamim Constant, os hospitais Beneficente Portuguesa, São Sebastião e outros possuem as suas capelas para assistência espiritual dos enfêrmos neles internados.

Sob a invocação de S. José Operário, argueram os padres salesianos belíssima e vasta igreja à rua Visconde de Pôrto Alegre.

Está em construção, desde alguns anos, na Praça 14 de Janeiro, um grandioso templo dedicado a N. S. de Fátima,



**Praça de N. S. dos Remédios**

Бумага из М. В. для книг



cuja planta obedece às mesmas disposições que distinguem a basílica do mesmo nome erigida em Portugal.

No ano de 1848, d. José Afonso de Moraes Tôrres, bispo do Pará, fundou o Seminário de São José que foi também o primeiro estabelecimento de curso secundário para os moços amazonenses. Era um vasto edifício de um andar localizado onde se encontra agora a agência do Banco do Brasil. Contando embora a ajuda financeira do governo provincial, motivos imprevistos determinaram seu fechamento, depois de mais de quarenta anos de contínua função.

D. João da Maça e Amaral, 5.º bispo do Amazonas, iniciou a sua gestão adquirindo um grande terreno murado à rua Emílio Moreira e, com auxílio dos fiéis e do governo estadual, construiu o atual Seminário de São José que foi solenemente inaugurado a 19 de março de 1943. Este prédio, amplo e sólido, custou aproximadamente 700.000 cruzeiros.



Depois do catolicismo, é o culto batista ou evangélico o de maior importância na capital amazonense.

Foi um missionário inglês, pastor Edward Keller, que, na segunda metade do século XIX, fundou e inaugurou o primeiro templo da Igreja Episcopal ou Anglicana em Manaus. Erguia-se o prédio frente ao atual cemitério de São João no bairro Adrianópolis, em cujo local podem ser vistas as suas ruínas.

No ano de 1900 o pastor Eurico Nelson fundou a primeira igreja batista situada à avenida Joaquim Nabuco, canto da rua dr. Machado. A segunda casa de oração do culto evangélico data de janeiro de 1922. Seguidamente, outros templos batistas foram sendo construídos nos bairros de Cachoeirinha e Educandos.

Os filiados ao culto presbiteriano têm o seu templo à rua Silva Ramos, o qual foi inaugurado há mais de meio século.

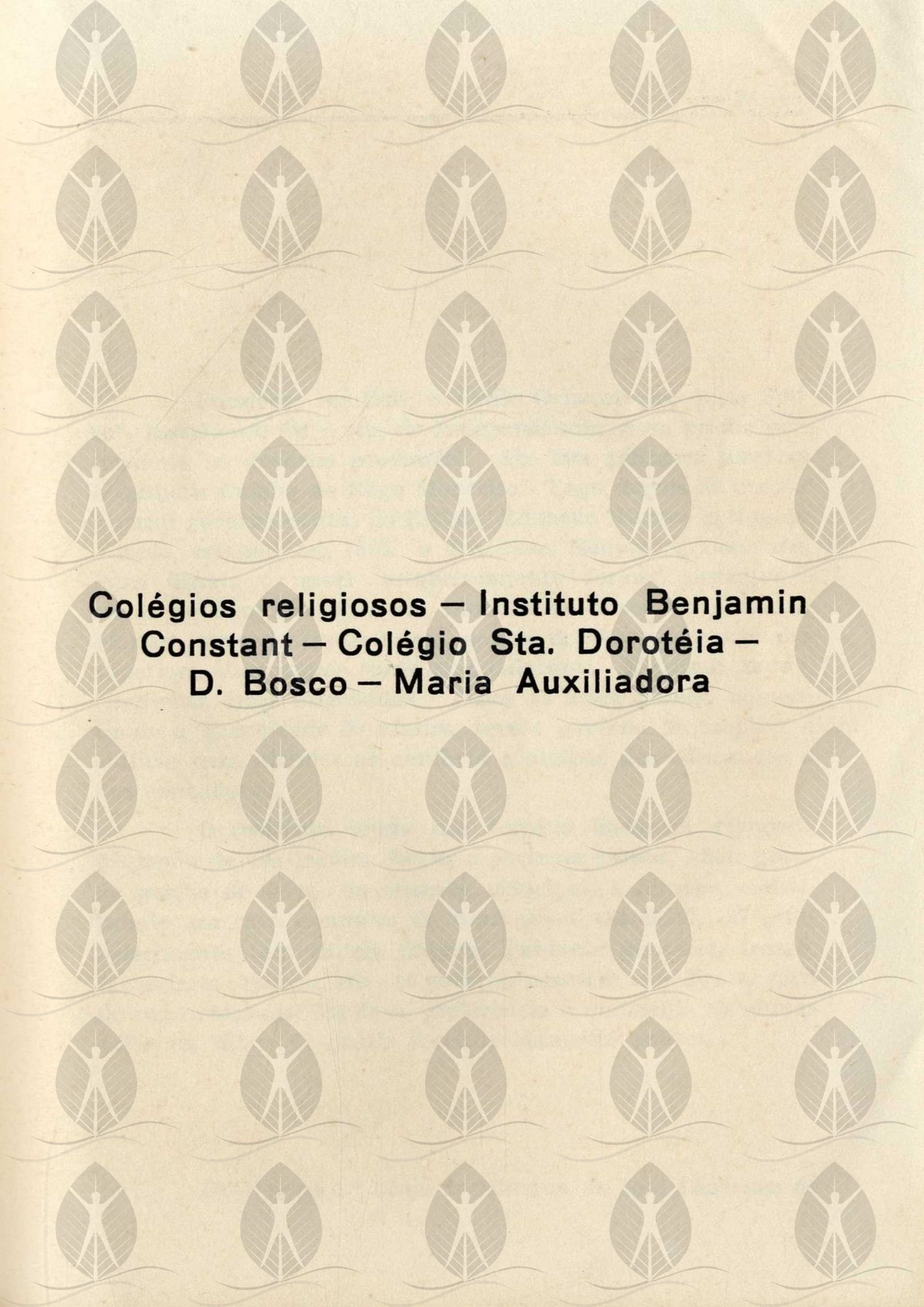
Recentemente, os adventistas levantaram à avenida Sete de Setembro suntuoso edifício para realização dos seus ofícios religiosos.

Tôdas as igrejas do culto batista mantêm a “União da Mocidade Batista” e fazem circular um boletim expondo as atividades dos seus membros.

Denomina-se “Assembléia de Deus” a casa de oração que os adeptos do culto pentecostal erigiram à rua Duque de Caxias.

Os hebráicos fazem suas orações em duas sinagogas, tendo a colônia hebraica construido novo edifício religioso a rua Leonardo Malcher 630, da qual é Rabino o Sr. Jacob Azulay.





**Colégios religiosos – Instituto Benjamin  
Constant – Colégio Sta. Dorotéia –  
D. Bosco – Maria Auxiliadora**



Instituto Benjamim  
Colégios Religiosos - Colégio Sta. Doroteia -  
D. Bosco - Maria Auxiliadora



Fundado, em 1884, o “Asilo Orfanológico Elisa Souto”, instalou-se êle à rua da Independência, num prédio pertencente ao govêrno provincial. Foi sua primeira diretora a senhora Eulália do Rêgo Monteiro. Logo depois de ocupar a curul governamental do Estado, Eduardo Ribeiro extinguiu o Asilo, criando, em 1892, o Instituto Benjamin Constant. Para dirigir o novel estabelecimento foram contratadas irmãs de Sant’Ana que, em número de cinco, chegaram a Manaus, procedentes de Roma, no ano de 1893. Sua primeira superiora chamava-se soror Ana Gilardini. Existiam, então, cinqüenta órfãs internadas. Todos os anos, porém, aumentando a quantidade de alunas, teve o govêrno de ampliar o edificio para atender ao confôrto e hygiene das educandas e das educadoras.

O Instituto ocupa um terreno bastante espaçoso, dispondo de um jardim, horta e pequeno pomar. Seu grande portão de ferro, na entrada principal, é famoso, constituindo um raro exemplar de fundição ornamental. O estabelecimento tem capela própria, gabinete dentário, teatro, lavandaria, apiário, etc. O govêrno mantém um diretor civil de sua nomeação, dando-se preferência à matrícula de alunas órfãs ou filhas de casais reconhecidamente pobres.



Deve-se ao 1.º bispo de Manaus, D. José Lourenço de

Aguiar, secundado pelas instâncias de seu sucessor, D. Frederico Costa, a fundação do Colégio Santa Dorotéia, que teve lugar a 7 de outubro, de 1910, sob a direção de madre Antonieta Montoni. As religiosas, em número de cinco, iniciaram suas aulas numa casa da rua Dez de Julho, contando apenas 30 alunas. Aumentando consideravelmente os pedidos de matrículas, transferiu-se o colégio para um próprio da diocese, na avenida Joaquim Nabuco. Evoluindo sempre, sentiu o educandário necessidade de ampliar as suas salas de classes, permitindo o arcebispo do Pará a construção do atual edifício que foi iniciado em 1919.

O colégio conta presentemente mais de 500 alunas entre internadas e externas, tendo fiscalização federal para efeito de curso ginasial.



O colégio Dom Bosco teve sua fundação no ano de 1921, sendo seu primeiro diretor o padre Pedro Ghislandi. Funcionando primitivamente no antigo palácio episcopal, à avenida Epaminondas, pouco a pouco os padres salesianos foram construindo o imponente edifício do atual colégio.

Diversas gerações de moços amazonenses ali concluíram seus estudos de humanidades.

A igreja de São João Bosco contígua ao educandário, é um dos belos templos católicos da cidade.

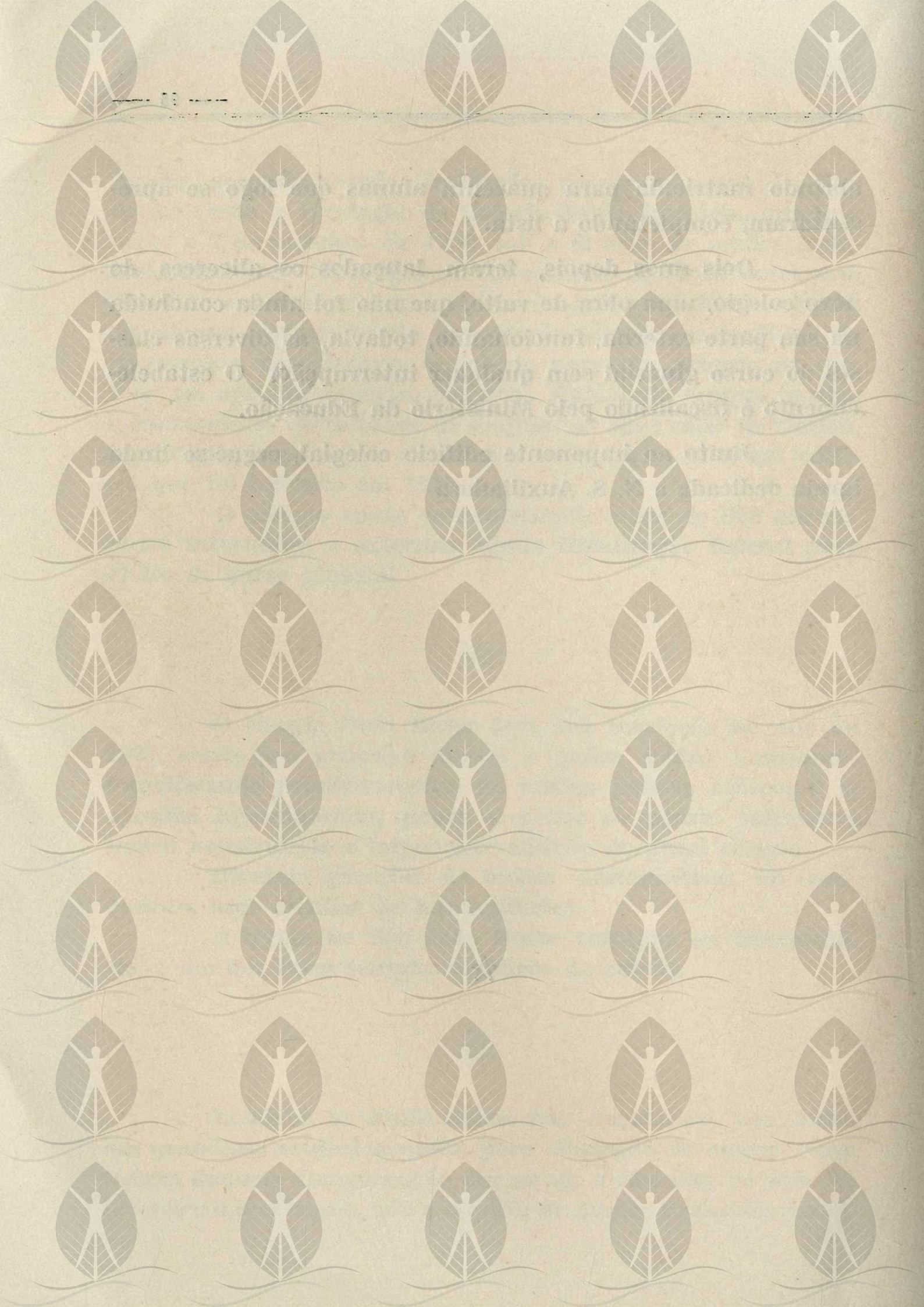


Também as irmãs salesianas fundaram, em 1930, um grandioso estabelecimento para educação de moças. Nove freiras daquela Congregação chegaram a Manaus no mês de fevereiro daquele ano, sob a direção de madre Francisca Lang,

abrindo matrícula para quarenta alunas que logo se apresentaram, completando a lista.

Dois anos depois, foram lançados os alicerces do nôvo collegio, uma obra de vulto, que não foi ainda concluída na sua parte externa, funcionando, todavia, as diversas classes do curso ginasial sem qualquer interrupção. O estabelecimento é fiscalizado pelo Ministério da Educação.

Junto ao imponente edifício colegial, ergue-se linda igreja dedicada a N. S. Auxiliadora





**Associação Comercial – Sindicatos e  
outras associações de classes –  
Inspetoria de Tráfego**



A Associação Comercial do Amazonas, data sua fundação de 18 de junho de 1871, sendo seu primeiro presidente o próprio fundador José Coelho de Miranda Leão. Constituindo-se, desde logo, em órgão oficial representativo da expansão comercial e industrial da Província, sua sede ocupou provisoriamente um sobrado sito à rua Guilherme Moreira, transferindo-se depois para o prédio em que funcionou a Caixa Econômica Federal, à rua Marechal Deodoro, aí permanecendo até o mês de julho de 1942, quando se passou definitivamente para o suntuoso palácio de sua propriedade na rua Guilherme Moreira. Traçadas as plantas de sua arquitetura pelo engenheiro Aluisio Araújo, a construção do bellissimo edifício montou à soma de 720.000 cruzeiros.

Dois modernos elevadores servem os quatro andares, onde funcionam as diversas secções assistidas por funcionários de irrepreensível diligência. Para composição de sua diretoria são eleitos anualmente representantes do alto comércio amazonense. Os amplos salões de conferência da prestimosa sociedade têm visto reunir-se, várias vèzes, vultos eminentes das esferas financeiras do Brasil e de outros países, para firmarem, em memoráveis documentos, convênios e tratados de positiva relevância econômica para a indústria e o comércio regionais.

Mensalmente o seu departamento de publicidade

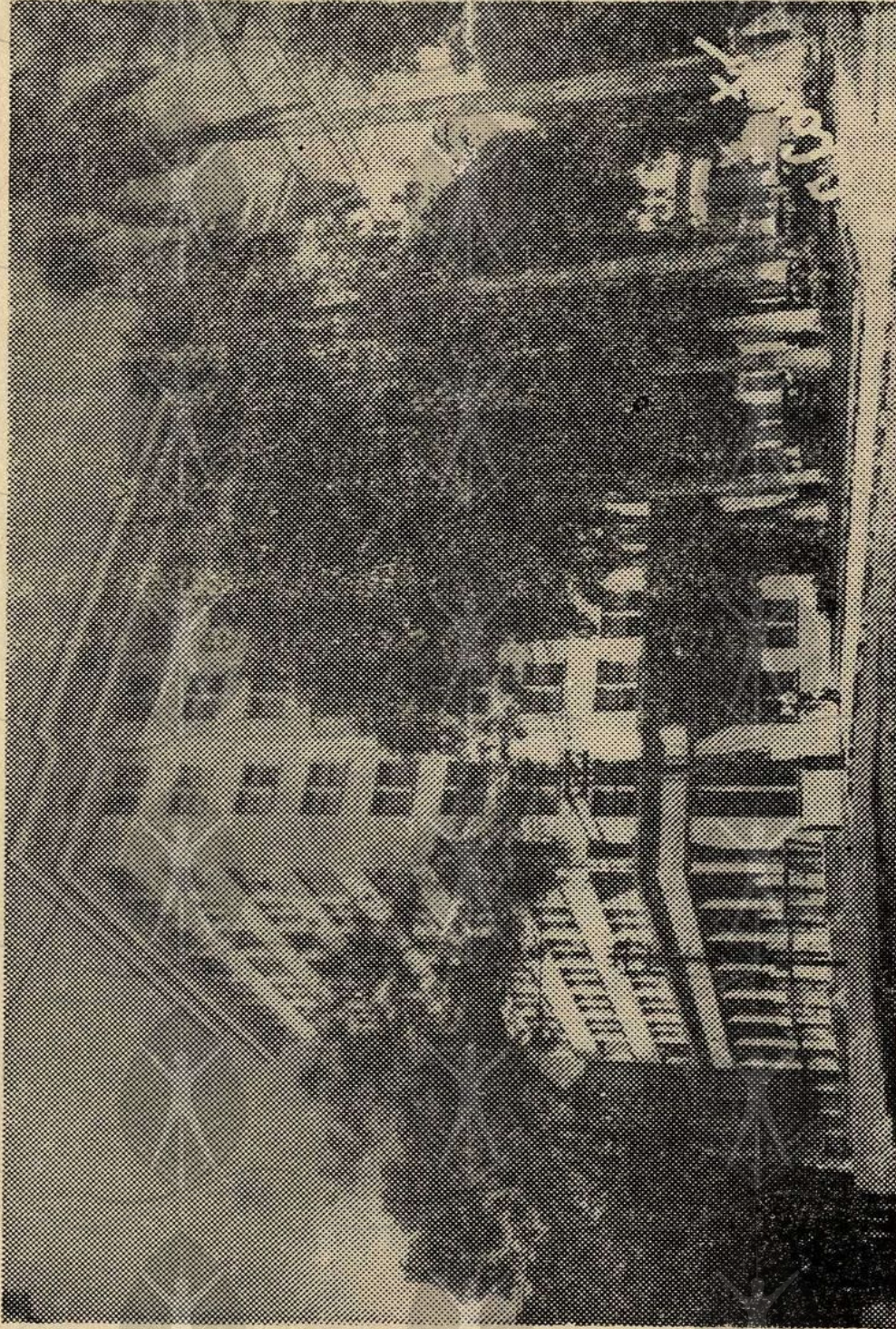
faz circular o “Boletim da Associação Comercial”, e “Revista dos arquivos da Associação Comercial”, em edições trimestrais. Numa espaçosa dependência térrea está organizado interessante museu que pode ser visitado diàriamente pelas pessoas desejosas de conhecer de visu a quase infindável variedade de produtos das selvas, do solo, sub-solo e mesmo das águas amazônicas. Êste grandioso mostruário se nos apresenta com dois aspectos: — o estado bruto das matérias primas e as mesmas depois de beneficiadas para industrialização. — Madeiras, goma elástica de qualquer espécie, óleos medicinais, cascas de pãu-rosa e vasos com linalol, fibras de juta, de piassaba, salsas, timbó e vidros com a retenona dêle extraída, castanhas confeitadas e seus ouriços transformados em artísticas pucarinas, pepitas de ouro e gemas preciosas das minas do Rio Branco, cristais de rocha, quartzos polidos e águas-marinhas, blocos de carvão mineral, mica e pedras-pome fluviais, couros sêcos e curtidos de variadas espécies de cobras e jacarés, peles de lontras, de jaguar e outras amostras incabíveis na abreviatura da presente relação. Possui também, o grandioso palácio do comércio, valiosa e farta biblioteca, figurando no catálogo notável coleção de livros dos melhores autores nacionais e estrangeiros que se têm ocupado da Amazônia. Seu atual presidente é o comendador Jacob Paulo Leví Benoliel.



Quase tôdas as classes trabalhadoras de Manaus se encontram sindicalizadas: Bancários, industriários, foguistas e maquinistas, taifeiros e marinheiros, magarefes, sapateiros, taberneiros, pedreiros, padeiros, etc., obedecem aos regulamentos sindicais controlados pelo ministério do Trabalho, possuindo algumas suas sedes próprias.

O Sindicato dos Comercíarios, antigamente “Asso-





Edifício I. A. P. E. T. C.



# **Drogaria Universal**

---

---

Medicamentos em geral

Perfumarias

---

---

**Rua Marechal Deodoro, 143**

**Avenida Eduardo Ribeiro, 140**

**Fones: 1550 - 1551 - 2556**

**Manaus**

**Amazonas**

Pharmacia Universal

Medicamentos em geral  
Perfumarias

Rua Marechal Deodoro, 143

Avenida Eduardo Ribeiro, 140

Fones: 1550 - 1551 - 2556

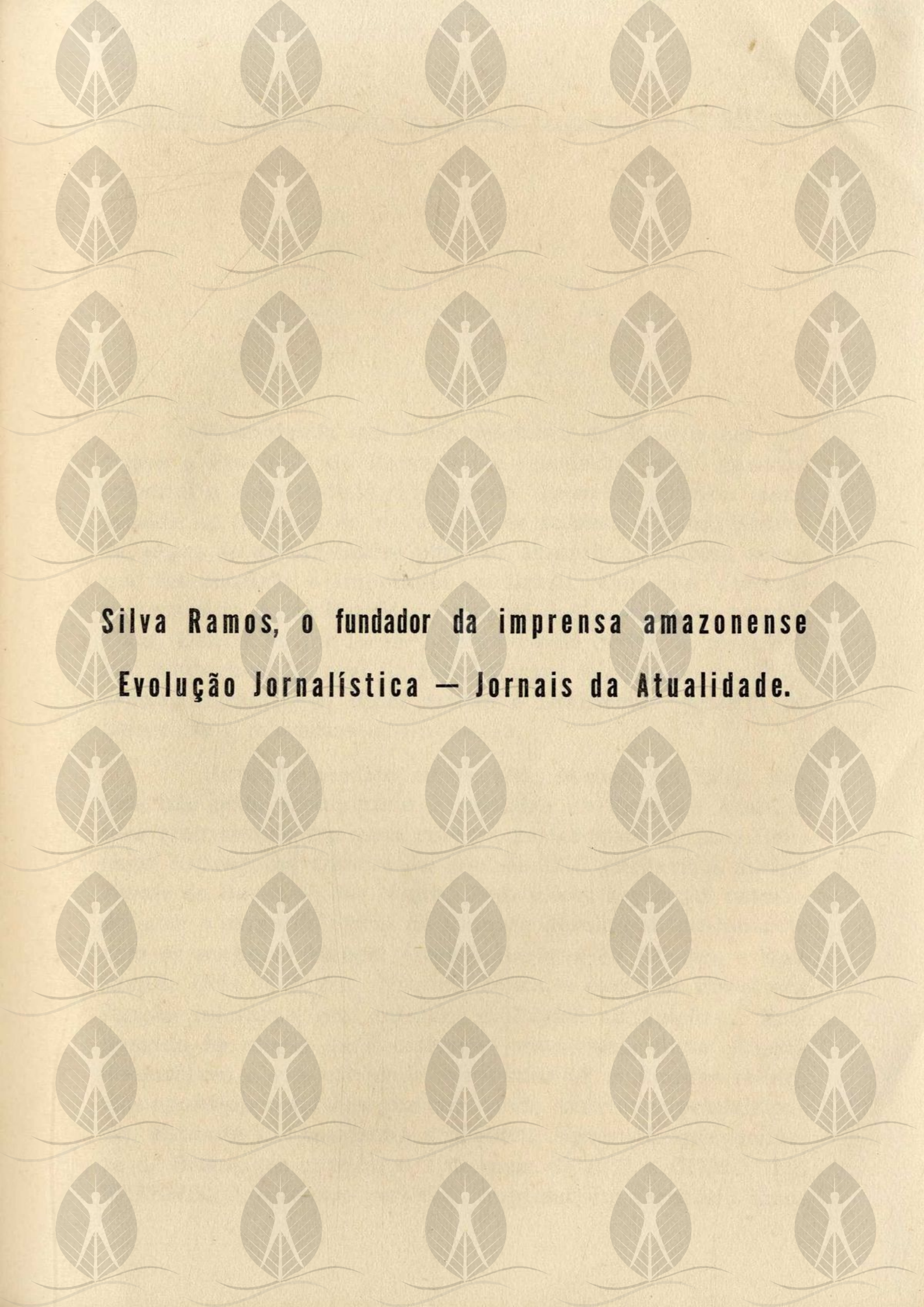
Manaus Amazonas

riação dos Empregados no Comércio do Amazonas”, tem mais de cinquenta anos de existência. A sede desta sociedade tem ocupado vários prédios, desde a sua instalação em 1902. Atualmente, adquiriu amplo palacete à rua Luiz Antony. Seu montante de associados é superior a três mil. A biblioteca dos comerciários é famosa, constituindo, pelo número e raridade das obras, um dos melhores patrimônios bibliográficos existentes no Estado.



A inspetoria de Tráfego, fundada no governo do dr. Alvaro Maia, está instalada em um próprio mandado construir pelo governo do Estado à rua José Paranaguá. É a sede dos Inspetores de veículos que perfazem um total de quarenta homens. Nos cruzamentos das ruas mais movimentadas, como sejam da Marechal Deodoro com a Marquês de Santa Cruz, da avenida Sete de Setembro com as praças Roosevelt e Osvaldo Cruz e ainda com as avenidas Joaquim Nabuco e Eduardo Ribeiro, existem postes de sinalização luminosa que funcionam automaticamente durante a noite e controlam o trânsito quando acontece chover nas horas diurnas. Atualmente ascende a perto de mil o número de carros de praça, subindo a mais de 500 os de propriedade particular. Existem 350 caminhões matriculados.





**Silva Ramos, o fundador da imprensa amazonense**  
**Evolução Jornalística — Jornais da Atualidade.**





Promulgada em 5 de setembro de 1850 a Lei que criava a Província do Amazonas e escolhido pelo governo imperial a João Batista Figueiredo Tenreiro Aranha para presidir os destinos da nova unidade política e administrativa, antes de deixar Belém para vir assumir o honroso cargo que lhe confiara o Imperador do Brasil, convidou diversos amigos para o auxiliarem na direção das repartições provinciais. Dentre os que foram honrados pela invitation presidencial contava-se Manoel da Silva Ramos, diplomado em Farmácia, maranhense, hábil artista e conhecedor perfeito de tipografia e máquinas de impressão.

Havendo acedido ao convite, Manoel da Silva Ramos não pôde acompanhar a comitiva de Tenreiro Aranha, mas embarcando em uma coberta pertencente ao snr. Henrique Antony, no comêço do ano de 1851 chegava à antiga cidade da Barra do Rio Negro. Dois meses depois foi nomeado para o cargo de Fiscal da Câmara Municipal, juntamente com os senhores Manoel Vicente Barbosa de Oliveira e Raimundo Luiz de Souza. Naquela época, o cargo de Fiscal era função relevante, por enfeixar múltiplas atribuições. Empossado na chefia da fiscalização municipal, Silva Ramos desenvolveu a sua atividade apresentando constantes relatórios contendo sugestões que iam sendo aprovadas pela Câmara. Estando já aparelhada a pequena tipografia que trouxera de Belém, fez circular a 3 de maio de 1851 o CINCO DE SETEMBRO, primeiro periódico impresso em território ama-

zonense. A 16 de agosto do mesmo ano, foi êle nomeado Procurador da Câmara Municipal, função que exerceu cumulativamente com a de Fiscal até 29 de outubro. No dia 2 de janeiro de 1852, logo depois de inaugurada a Província, o “Cinco de Setembro” passou a denominar-se “Estrêla do Amazonas”. Em 7 de janeiro de 1857 foi Silva Ramos nomeado para o cargo de 3.º Juiz de Paz e, em julho do ano seguinte, prestou compromisso para Vereador suplente.

Em princípios de 1857, assumiu a direção do “Estrêla do Amazonas” Francisco José da Silva Ramos, irmão do fundador e proprietário do pequeno jornal. A 19 de novembro de 1859, por proposta do vereador cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo, que chegou mais tarde a arcebispo da Bahia, foi efetivado no exercício de Secretário da Câmara Municipal, conforme consta da seguinte indicação, unanimemente aprovada — “O cidadão Manoel da Silva Ramos que exerce interinamente o cargo de Secretário desta Câmara desde 3 de fevereiro do corrente ano tem desempenhado os seus deveres com muita aptidão e zelo, por isso a Comissão de Polícia interna indica que o mesmo cidadão seja provido definitivamente no referido emprêgo Sala das Comissões da Câmara Municipal de Manaus, em 19 de setembro de 1859. (a) Antonio Lopes Braga, presidente, Joaquim Gonçalves d’Azevedo, João Antonio Pará”.

Silva Ramos era oficial da Guarda Nacional. Consoceiuiu-se com d. Jesuina de Azevedo Ramos, havendo dêsse matrimônio os seguintes filhos: Manoel de Azevedo da Silva Ramos, Bernardo de Azevedo da Silva Ramos e Daria de Medina Ribeiro. O seu falecimento ocorreu a 4 de março de 1861, tendo o seu corpo sepultura no antigo cemitério de São José. A municipalidade homenageou a sua memória apondo-lhe o nome numa rua da capital.



De 1851 a esta data, contínua e preponderante tem

sido a atuação da imprensa manauense nos destinos gloriosos que têm conduzido o Estado do Amazonas a um lugar de evidência entre as demais unidades da federação brasileira.

Tôdas as aspirações, todos os movimentos de reivindicações populares sempre encontraram guarida nas colunas dos jornais que jamais temeram terçar armas contra os homens mais poderosos, fôssem quais fôssem as suas posições, contanto que os direitos dos oprimidos não sofressem tripúdios no solo amazonense.

Depois do “Estrela do Amazonas”, ex “5 de Setembro”, editado por Manoel da Silva Ramos, inúmeros periódicos foram saindo a luz da publicidade. Raro era o ano em que não surgisse nôvo órgão defensivo dos interesses do povo. “Vigilante” foi o segundo semanário aparecido na capital em 1859, “O Catequista” em 1860, “O Progressista”, em 1862. Afora alguns folhetos mensais ou bi-anuais, até 1866 foi “O Amazonas” o maior diário que se publicou em Manaus.

Houve em 1869 um “Jornal do Comércio” que deu poucos números e outro com o mesmo título aparecido em março de 1893, desaparecendo em 1894.

Fastidioso seria enumerarmos nesta resenha as denominações de quantos jornais, revistas e panfletos circularam depois da saída quase secular do “Estrela do Amazonas”. Com o aumento ininterrupto da cidade, era natural que dos agrupamentos humanos surgissem as idéias políticas e que estas tivessem, para cada partido, um órgão defensivo dos seus propósitos.

“A Constituição”, “O Liberal”, “A Evolução”, “Tribuna do Povo”, para citar sòmente os de maior aceitação pública, fizeram época na expansão acêsa dos seus ideais. Houve luta renhida. Mas batalhava-se com espírito ético, sem linguajar de caião, sem se tocar de leve na honra e dignidade dos preliadores. Já em 1881 a maior parte dos jornais manauenses propugnavam a extinção da escravatura no Brasil. No ano seguinte, em edição especial, “O Amazonas” trazia

logo abaixo do seu cabeçalho êste aviso em letras de fôrma: "Os redatores dêste jornal não possuem um só escravo". O altruismo dêste gesto valeu a cada um do corpo redacional o recebimento de diversas ameaças. O movimento libertador, porém, foi se avultando a ponto de, chegado o ano de 1884, ser o Amazonas a primeira província do Império que, antes da Lei Aurea, abolira completamente o sistema escravagista. Assinado pela regente princesa Isabel, o Ato Redentor, em maio de 1888, tôda a imprensa de Manaus, sem distinção de côres partidárias, assinou um memorial de congratulações e agradecimentos a S. Altesa Imperial. Proclamada a República, cujo desiderato fôra ardorosamente defendido por vários órgãos da imprensa manauense, ressurgiram os ataques contra os reacionários. Empastelaram-se algumas tipografias. Trocaram-se tiros, houve prisões. Muitos anos depois, as oficinas do "Quo Vadis" foram incendiadas. Faltou água, mas os bombeiros traziam tanques aos quais ligaram as mangueiras que esguichavam querosene para extinção do fogaréu, segundo o relato de algumas pessoas que testemunharam a cena...

Penas eruditas de mestres jornalistas deixaram traços inapagáveis nos anais da imprensa local. Alcides Bahia, Araujo Filho, Domingos de Andrdade, Domingos Teofilo de Carvalho Leal, J. B. Faria e Souza, Lopes Gonçalves, Monteiro de Souza, Silva Gayoso, Gaspar Guimarães, Taumaturgo Vaz, Licinio Silva, Otávio Sarmento, João Barafunda, Vicente Reis, Coriolano Durand, Adelino Costa, Silverio Nery, Correa Mendes, Pedro Guabiraba, Alberto Rangel, Antonio C. Ribeiro Bitencourt e muitos outros já falecidos, grangearam, no jornalismo da capital do Amazonas, honrosa e imorredoura tradição.



"Jornal do Comércio" é atualmente, o decano da

imprensa de Manaus. Fundado pelo dr. Rocha dos Santos em 2 de janeiro de 1904, passou depois à propriedade e direção do dr. Vicente Torres da Silva Reis. Adquirido pela empresa "Diários Associados", foi o grande órgão completamente remodelado. Suas oficinas receberam moderníssimas linotipos, rotoplanos e demais maquinismos necessários à feitura de um jornal credenciado. Seu edifício, acrescido de três andares, tem imponentes proporções. Numa de suas dependências está instalada, desde 1945, a Rádio "Baré", P.R.F.-6 pertencente também aos "Diários Associados".

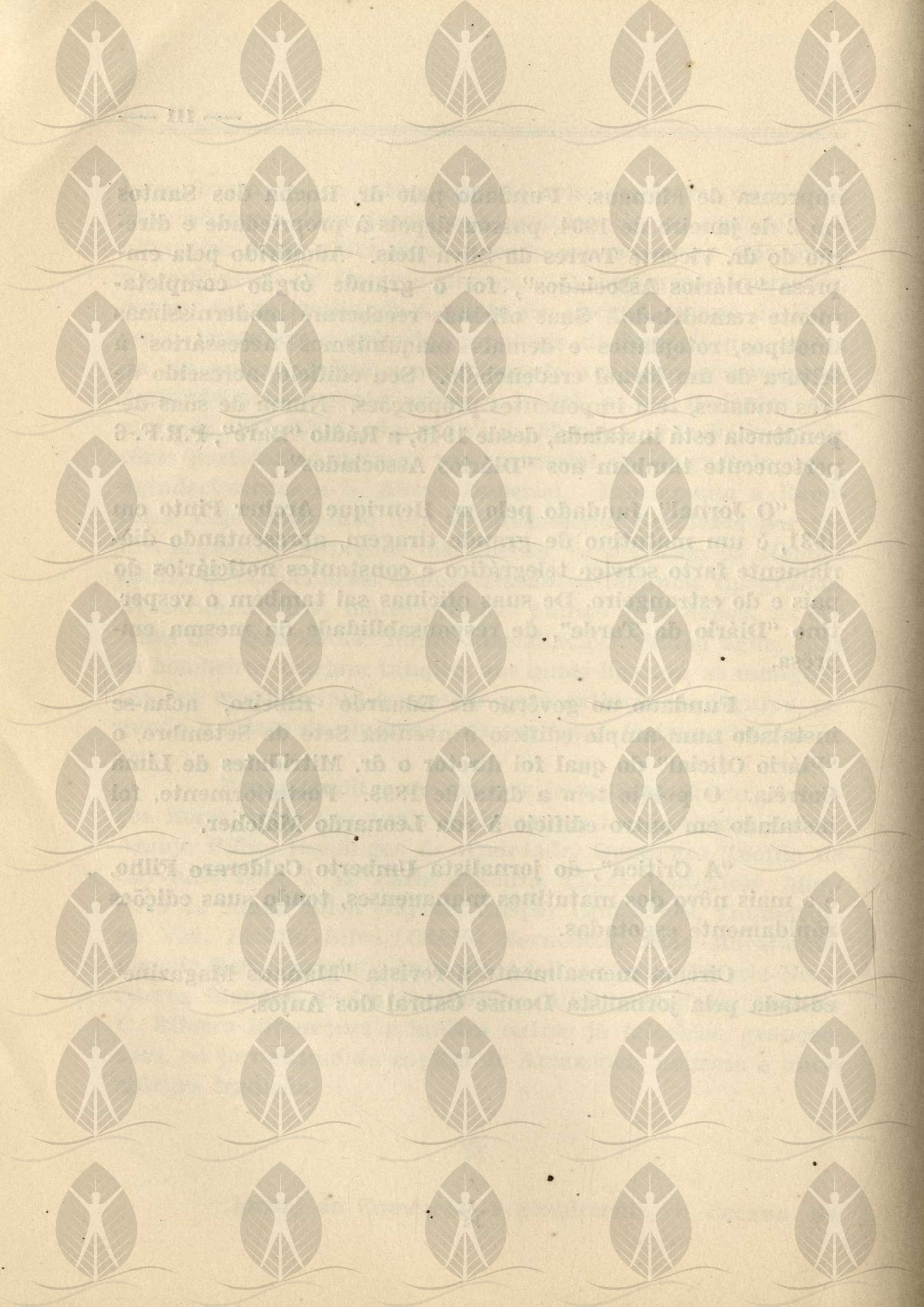
"O Jornal", fundado pelo sr. Henrique Archer Pinto em 1931, é um matutino de grande tiragem, apresentando diariamente farto serviço telegráfico e constantes noticiários do país e do estrangeiro. De suas oficinas sai também o vespertino "Diário da Tarde", de responsabilidade da mesma empresa.

Fundado no governo de Eduardo Ribeiro, acha-se instalado num amplo edifício à avenida Sete de Setembro, o "Diário Oficial" do qual foi diretor o dr. Mitridates de Lima Corrêa. O prédio tem a data de 1893. Posteriormente, foi instalado em outro edifício à rua Leonardo Malcher.

"A Crítica", do jornalista Umberto Calderaro Filho, é o mais nôvo dos matutinos manauenses, tendo suas edições rapidamente esgotadas.

Circula mensalmente a revista "Manaus Magazine" editada pela jornalista Denise Cabral dos Anjos.







**Faculdade de Direito – Colégio Estadual  
Instituto de Educação.**





Fundada em janeiro de 1909 pelo dr. Astrolábio Passos, a Universidade de Manaus reunia os seguintes cursos de ensino superior: Ciências jurídicas e sociais, Farmácia, Odontologia e Agronomia. Considerada de utilidade pública por uma lei do Estado, no ano de 1910 cada escola passou a ter direção própria, a Academia de direito, desligada da Universidade, ocupou o prédio onde agora funciona o grupo escolar “Nilo Peçanha”, à avenida Joaquim Nabuco. No começo da interventoria do dr. Alvaro Maia foi remodelado o grupo escolar “Silvério Nery” situado na praça dos Remédios. Concluídos os reparos, instalou-se o curso jurídico naquele edifício, perfeitamente aparelhado para formatura de bachareis em direito.

A maioria do seu corpo docente é composta de professores que cursaram a própria Faculdade. É seu atual diretor o dr. Abdul Sayol de Sá Peixoto.



É o Colégio estadual do Amazonas o mais antigo estabelecimento de ensino secundário funcionando na capital do Estado. Pode-se dizer virtualmente que foi Tenreiro Aranha, o instalador da Província, quem fomentou a instrução

secundária no Amazonas. Até àquela época, os moços conheciam apenas rudimentos de curso elementar, ignorando quaisquer noções de ensino secundário. Criado no Seminário de São José o curso ginasial, inscreveram-se vinte alunos que, ao término dos estudos, constituíram a primeira turma de bacharéis em ciências e letras formados no Amazonas. Ainda no ano de 1886, já inaugurado pelo dr. Ernesto de Medeiros Chaves, 25.º presidente da Província, o atual edifício denominado "Liceu amazonense", continuava o curso de humanidades a ser feito no seminário. Em 1890, o Governador do Estado, dr. Augusto Ximenes Villeroy, extinguiu o Liceu que passou a denominar-se Instituto Normal Superior. Extinto este no ano de 1893, foi criado o "Ginásio Amazonense". Desligado da diretoria geral de Instrução pública do Estado, por força da lei de 12 de setembro de 1919 depois de 1925 teve a denominação de "Ginásio Amazonense Pedro II".

O corpo do amplo edifício do Colégio Estadual, cuja construção começou no ano de 1881, dispõe de salas espaçosas e arejadas onde são ministradas as aulas das diversas séries, possuindo também laboratórios de química, física e história natural. Conserva-se no seu peristilo o escudo em mármore das armas imperiais. Visitou-o, em 1888, o príncipe Gastão de Orleans, conde d'Eu. Em 1827, Dom Pedro de Orleans Bragança, filho do precedente, também anotou suas impressões no livro de visitas do "Ginásio Amazonense".

A tradição do antigo estabelecimento está ligada a quase todos os grandes acontecimentos da história do Amazonas, a contar de 1886. Grasse um incêndio num bairro pobre, promovem os estudantes bandos precatórios em favor das vítimas.

Audacioso forasteiro ofenda o decôro e a dignidade dos amazonenses, vão os ginasianos à praça pública condenar o réprobo que não soube honrar a generosa hospitalidade da terra que o acolheu. Quando o Brasil participou das

duas grandes guerras mundiais, as primeiras manifestações de solidariedade ao governo partiram dos moços liceanos do atual Colégio Estadual.

Bode “Castelo”, a mascote ginásial, figura obrigatória nas paradas comemorativas, já se tornou conhecidíssimo dos habitantes da cidade e até mesmo adquiriu imunidades perante os executores das posturas municipais, com presumível despeito dos outros caprinos que, por andarem às soltas, vez por outra, são recolhidos para imposição de multas aos seus respectivos proprietários.



Reformada a Instrução pública da Província do Amazonas, por determinação da Lei 506 de 4 de novembro de 1880, foi criada a Escola Normal que foi inaugurada a 6 de março de 1882, sendo seu primeiro diretor o dr. Epifânio José Pedrosa. Executada a Lei provincial n.º 579, de 24 de maio daquêlê ano, fundiram-se em um só estabelecimento de ensino o Liceu e a Escola Normal.

Reformada novamente a Instrução pública pelo regulamento n.º 56 de 17 de março de 1886, o curso normal ficou separado do curso preparatório, passando as futuras professoras a freqüentar o Asilo Orfanológico à rua da Independência, onde recebiam o competente ensinamento.

Extinto o Liceu Amazonense pelo Governador Augusto Ximenes Villeroy, por decreto de 17 de janeiro de 1890, a Escola Normal passou a denominar-se Instituto Normal Superior, indo de nôvo funcionar no edifício do atual Colégio Estadual. Desligada outra vez do Ginásio em 1912, foi ocupar o prédio atualmente cedido pela municipalidade à Escola de Comércio “Solon de Lucena”, na avenida Sete de Setembro, dali saindo em 1932 para funcionar no quartel da

**Fôrça Policial que havia sido extinta por ato da Interventoria Federal no Estado.**

O dr. Alvaro Botelho Maia, então Interventor federal, ordenou a construção do atual edifício do Instituto de Educação, à praça do Congresso. Foram aproveitados os alicerces mandados levantar pelo coronel Ramalho Júnior que fêz demolir o palácio começado pelo governador Eduardo Ribeiro. Muitos anos permaneceram aquelas paredes sem outra serventia que a de enquadrar um grupo de casinholas para abrigo de imigrantes, amontoado de mocambos a margem de tôda higiene, que o povo denominou "Galpão".

Consoante a reforma do ensino efetivada pelo ministro Gustavo Capanema, a Escola Normal, já denominada Instituto de Educação e Cultura, em 1945 instalou-se no grandioso edifício cuja ala direita, no ano de 1947, cedeu à Assembléia Legislativa do Estado, que, a título provisório, vinha ali realizando as suas sessões.

Vista de perto, na proporção imponente das suas linhas gerais, a grande casa de instrução desenha-se agradavelmente, faltando-lhe no entanto melhor perspectiva quando observada a distância, de vez que a frontaria podia ter elevação proporcional à extensão do prédio.

No seu interior encontra-se o essencial à educação da mulher, desde o ensino de línguas, noções de ciências naturais, desenho, música, até prendas domésticas e exercícios físicos.

O número de alunas, nos diversos cursos, é superior a setecentas.

É diretora geral do estabelecimento a doutora Neusa Ferreira.

No ano de 1965, havendo o Governador Arthur Reis mandado fazer urgentes reparos no edifício da Biblioteca Pública do Estado, voltou a Assembléia Legislativa a ocupar novamente o andar da ala esquerda do Instiuto de Educação.



**Do ano de 1951 a esta data a cidade vem contando com diversos edifícios públicos e particulares, entre outros o I.A.P.E.T.C., na praça D. Pedro II, inaugurado em 1951. Tem 10 andares e 2 elevadores. É seu atual dirigente o sr. Carlos Onety Figueiredo.**

**O “Hotel Amazonas” ergue-se à praça Adalberto Valle, seu fundador e proprietário. Tem magníficas acomodações e requisitos exigidos pelo confôrto moderno.**

**Na avenida 7 de Setembro foi erguido o edifício das Lojas Brasileiras. Tem 10 andares e 2 elevadores.**







**Evolução maçônica – O Grande Oriente  
do Amazonas, Acre e demais Territórios  
Limítrofes – Federação Espírita**





# **LOJAS POPULARES**

---

---

**Tudo para o conforto de seu lar**

**Vende barato para  
vender muito.**

**AV. EDUARDO RIBEIRO, 453**

**Fones: 1479 - 2125**

**Manaus**

**Amazonas**

LOJAS POPULARES

Tudo para o conforto de seu lar

Vende barato para  
vender muito

AV. EDUARDO RIBEIRO, 453

Fones: 1479 - 2125

Manaus Amazonas

A 6 de outubro de 1872, vinte e sete maçons iniciados em outras Províncias, desejosos de propagarem os postulados da Arte Real na capital da antiga Província do Amazonas, deliberaram fundar uma Loja que tomou a denominação de “Esperança e Porvir”, sendo-lhe expedido o Breve Constitutivo pelo Supremo Conselho do Grande Oriente do Brasil, em 1.º de maio de 1873.

Instalou-se esta Oficina no prédio de sua propriedade à rua de São Vicente, atualmente Bernardo Ramos, sendo seu primeiro Venerável o brigadeiro João de Rego Barros Falcão, falecido no posto de Marechal de Campo do Exército Nacional.

Dentre outras personalidades históricas iniciadas na Loja “Esperança e Porvir” destacam-se o Marechal Floriano Peixoto naquê tempo servindo no 3.º Batalhão de infantaria sediado em Manaus, no posto de major, Marechal Tau-maturgo de Azevedo, dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, barão do Juruá, barão de Manaus, dr. Silvério Nery, General Constantino Nery e Antônio Clemente Ribeiro Bitencourt.

A segunda Loja, por ordem cronológica, é a “Amazonas”, fundada em 4 de março de 1877 e instalada à rua Leovegildo Coelho. Seu primeiro Venerável foi o professor Francisco Público Ribeiro Bitencourt.

Em 1894 surgiu a “Conciliação Amazonense”, fundada por diversos obreiros, dos quais o único sobrevivente até o comêço do ano de 1948 era o desembargador Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto.

A 5 de novembro de 1896 fundou-se a Loja “Rio Negro” e, a 20 de junho de 1897, outros grupos de maçons instalavam a Loja “Aurora Lusitana”. Daquela data em diante o movimento maçônico irradiou-se pelo interior do Estado, sendo fundadas em quase todos os municípios várias oficinas que iam obtendo os respectivos Breves constitutivos, registrando-se no Cadastro geral da Ordem. Perfazem elas atualmente o número de 29, inclusive as que estão situadas na capital.



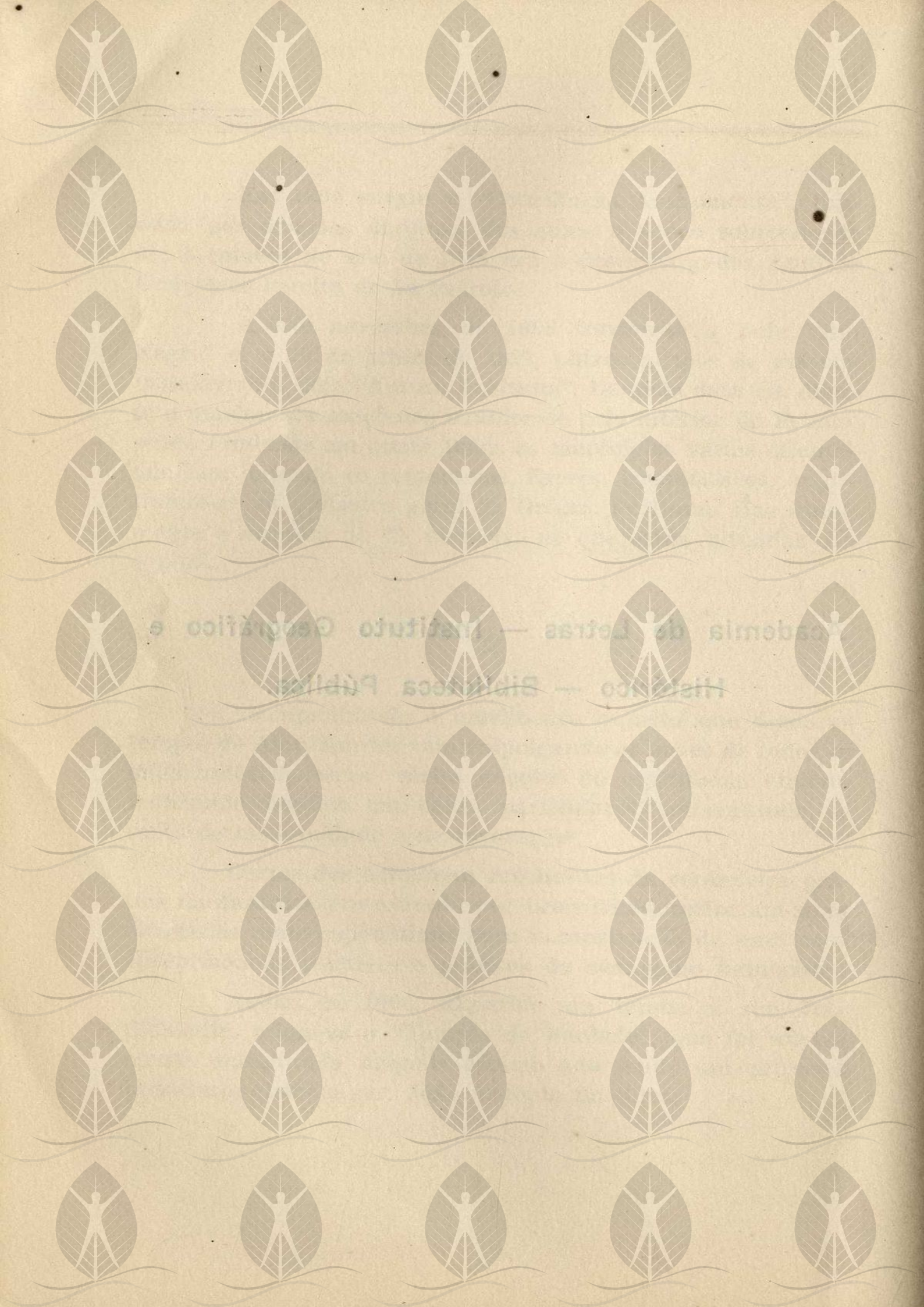
Acompanhando o movimento espírita que desde os tempos de Alan Kardec vem empolgando os povos de todos os quadrantes da terra, vários adeptos do espiritismo vinham realizando sessões em casas particulares, aumentando os casos de meduinidade e de invocações.

Certos dos beneficios resultantes da verdadeira prática da doutrina preconizada por Leon Dinis, cotizaram-se os elementos mais capacitados para a construção de uma casa apropriada às reuniões e práticas do evangelho kardecista.

Assim, em 1904, adquirido um terreno à rua José Clemente, erigiu-se o “Templo da Verdade”, que foi solenemente inaugurado naquêle mesmo ano sendo seu primeiro presidente eleito o snr. João Antônio da Silva.



**Academia de Letras — Instituto Geográfico e  
Histórico — Biblioteca Pública.**



Promovidas por vários intelectuais que se dedicavam brilhantemente ao cultivo das belas letras, antes de 1917, houve diversas tentativas para a consecução definitiva de um agrupamento que selecionasse os beletristas amazonenses, proporcionando-lhes o ensêjo de poderem reunir-se em memoráveis sessões acadêmicas.

Levadas a efeito reuniões preparatórias, ora no salão nobre da Associação Comercial, ora na sala de redação do jornal "A Imprensa" na avenida Eduardo Ribeiro, os homens de letras adotando a forma regimental da Academia Brasileira de Letras, fundaram naquêle mesmo ano a Academia Amazonense de Letras, constituída de trinta membros, sendo eleito presidente do sodalício o acadêmico Adriano Augusto de Araújo Jorge.

Tem contado a Academia publicistas de grande renome nas letras pátrias, destacando-se Pericles Morais, autor de obras credenciadas sôbre crítica literária, João Leda, Leopoldo Péres, ensaístas, Anísio Jobim, Artur Reis e Mário Ipiranga Monteiro, historiógrafos, Huascar de Figueirêdo, Ramayana de Chevalier, Nunes Pereira, André Vidal de Araújo, Djalma Batista e outros escritores e poetas.

Em 1932 o Interventor Nélson de Melo doou, por parte do Estado, o atual prédio da Academia, à rua Ramos Ferreira.

Dirigida pelo acadêmico pe. Nonato Pinheiro, desde alguns anos vem circulando a "Revista Acadêmica". Ocupa a presidência o acadêmico Djalma Batista.



Em 1917 instalou-se à rua Bernardo Ramos, antiga São Vicente, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. O prédio foi posteriormente doado pelo governo do Estado. Na parte térrea, aos domingos e dias feriados, expõem-se à visitação pública as diversas secções de arqueologia, etnografia, numismática, bibliografia e antigas preciosidades históricas do Brasil colonial, do Império e da República.

Em 1926 foi adquirida a grande coleção de trabalhos indígenas: arcos, flechas, objetos de adôrnos de guerra, cócares, igaçabas, utensílos e paramentos usados por diversas tribos amazônicas, que foram catalogados pelo grande etnólogo Crisanto Jobim, já falecido.

A coleção de antigos jornais amazonenses é outra raridade digna de ser apreciada na referida dependência do Instituto.

No livro de visitantes apuzeram suas assinaturas personalidades nacionais e estrangeiras de passagem por Manaus. É possível que dentro de pouco tempo seja adquirido em outro local um próprio mais espaçoso, pois o atual, além de se achar um tanto afastado do centro mais movimentado da cidade, já se está tornando deficiente para acomodar suas coleções e mostruários arqueológicos.

A primeira presidência do Instituto foi ocupada pelo coronel Bernardo da Silva Ramos, dirigindo-o, atualmente, o desembargador João Machado.



No Patronato Santa Terezinha mantido pelas irmãs



Salesianas, existe um museu etnográfico que fica anexo ao grande educandário e que pode ser visitado e admirado por quantos se interessam pela etnologia amazônica.



Em 1870, no Consistório da antiga Sé de Manaus, foi criado o Gabinete de Leitura da Província do Amazonas. A 19 de março do ano seguinte, com a denominação de Biblioteca Pública Provincial, foi esta inaugurada, contando nas suas estantes pouco mais de seis mil volumes.

Organizada a sua catalogação, instalou-se no prédio que hoje ocupa a agência do Banco da Lavoura na praça Heliodoro Balbi. Um ato do governo de 8 de dezembro de 1897, determinou a sua extinção, reorganizou-a, porém, outro ato oficial datado de 9 de agosto de 1899. Construído pelo governador Constantino Nery um imponente edifício para servir de sede à Assembléia Legislativa, à rua Barroso, no mês de setembro de 1910 transferiu-se a Biblioteca para a ala direita do pavimento térreo do referido próprio estadual, indo o Arquivo Público para o outro salão, à esquerda da entrada.

Na madrugada do dia 22 de agosto de 1945, violento incêndio que teve origem no andar ocupado pela Assembléia, destruiu rapidamente toda a parte direita do grandioso palácio, consumindo o valioso patrimônio bibliográfico que ali se guardava.

Apelando para todas as instituições culturais do país e do estrangeiro e solicitando a cooperação das pessoas que quizessem contribuir para o ressurgimento da Biblioteca, o sr. Genesino Braga, orientou bem dirigida campanha através de circulares e bandos precatórios que redundaram num completo êxito, tal a afluência de livros que diariamente chegavam de todos os quadrantes.

Antes de ser incendiada, contava a Biblioteca cêrca de 20000 volumes; na data de sua reinauguração, em 21 de novembro de 1947, estavam catalogados e classificados 40.000 publicações.

Estudantes, operários, médicos, advogados, funcionários e militares, procuram aumentar seus conhecimentos frequentando os grandes salões de leitura daquela dependência do Estado, cuja entrada é franqueada todos os dias úteis, das 12 às 22 horas, indo o seu expediente até às 20 horas nos dias feriados e domingos.





**Escola municipal de comércio "Solon de Lucena"**

**Outras escolas de curso técnico-comercial**



Outras escolas de curso técnico-especial.  
Escola municipal de comércio "Solon de Lucena".

A Escola Municipal de Comércio "Solon de Lucena", foi criada em virtude da Lei n.º 578, do Conselho Municipal de Manaus, em 26 de novembro de 1909, sendo instalada à rua Barroso, no atual prédio da União dos Estudantes.

A sua inauguração foi feita solenemente em 22 de fevereiro de 1910, pelo então superintendente municipal, professor Agnelo Bitencourt.

Tem experimentado várias reformas, tôdas no sentido de ampliar e melhorar o seu curso. Em 2 de fevereiro de 1933, moldando-se à grande reforma de ensino comercial do Governo Provisório do Brasil, determinada pelo decreto federal n.º 20.158, de 30 de junho de 1931, adotou o curso propedêutico e o de perito-contador.

Desde 1931 encontra-se fiscalizada pelo Governo Federal, para efeito de equiparação. Conforme o ofício n.º 10.783, de 23 de dezembro de 1935, do sr. Vitor Viana, Inspetor Geal, ficaram os cursos de comércio dêste estabelecimento em face do art. 11 do decreto federal 24.439, classificada na fase de reconhecimento a que se refere a alínea 3.ª do art. 4.º das instruções de 27 de novembro de 1933.

Em 1935, transferiu-se para o próprio do Estado onde ora funciona o grupo escolar "Nilo Peçanha", na avenida Joaquim Nabuco.

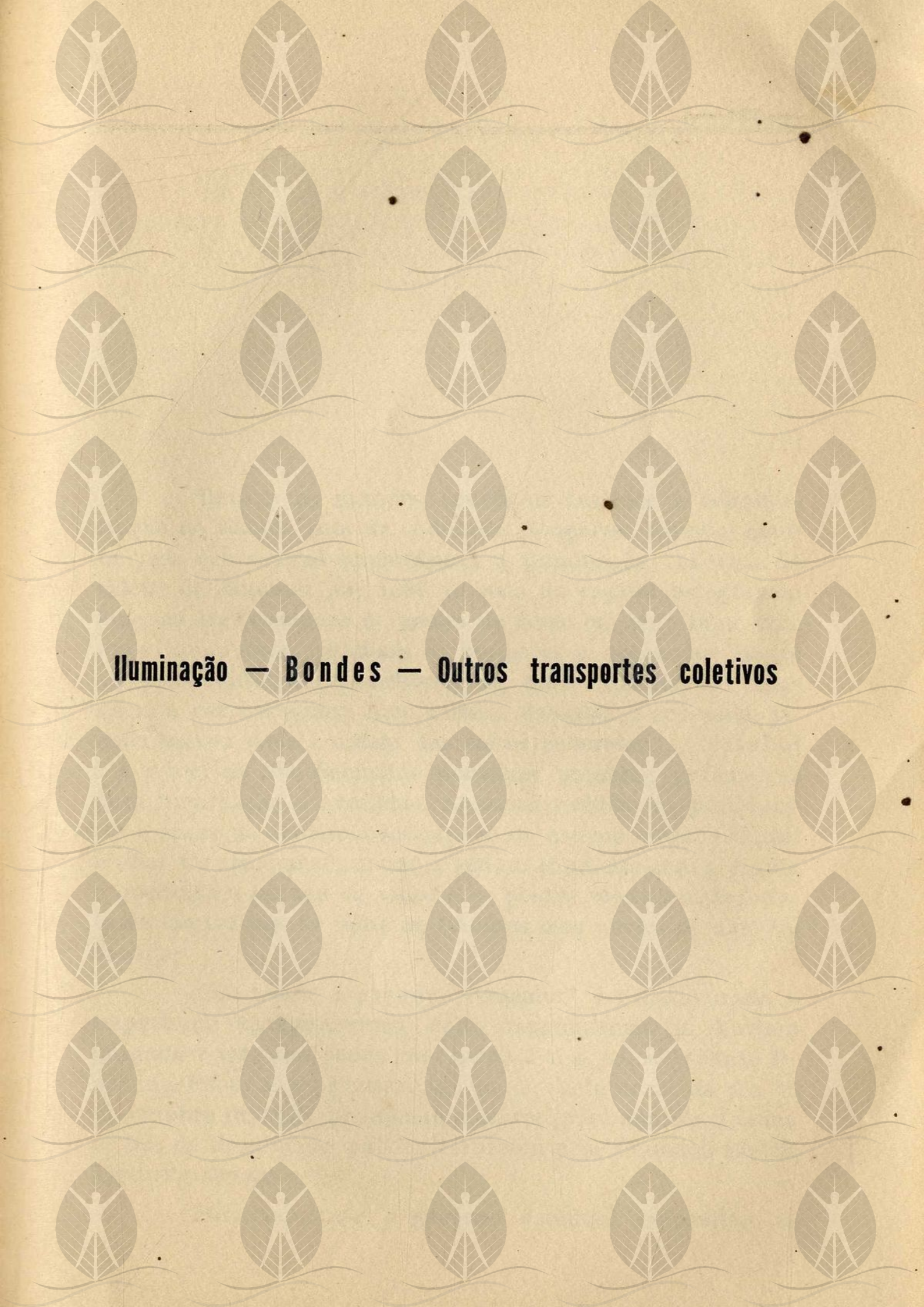
Novamente em 1943, determinou o Governo Federal outra legislação do ensino comercial considerando que esse importante ramo de ensino dia a dia conquista maiores progressos atingindo notável aperfeiçoamento, a dita reforma tinha por escôpo tornar o ensino mais adequado às exigências não só da vida comercial como também dos negócios administrativos do país.

Pelo decreto-lei municipal n.º 256, de 21 de junho de 1945, a Escola adaptando-se àquele diploma federal, passou a denominar-se Escola Técnica de Comércio "Solon de Lucena", mantendo o curso comercial básico e o técnico de contabilidade, diplomando respectivamente, auxiliares de escritório e contadores. Os cursos mantidos funcionam desde a sua fundação no turno noturno e o ensino é absolutamente gratuito, recebendo alunos de ambos os sexos. Seu atual diretor é o dr. Bartolomeu Dias de Vasconcelos.

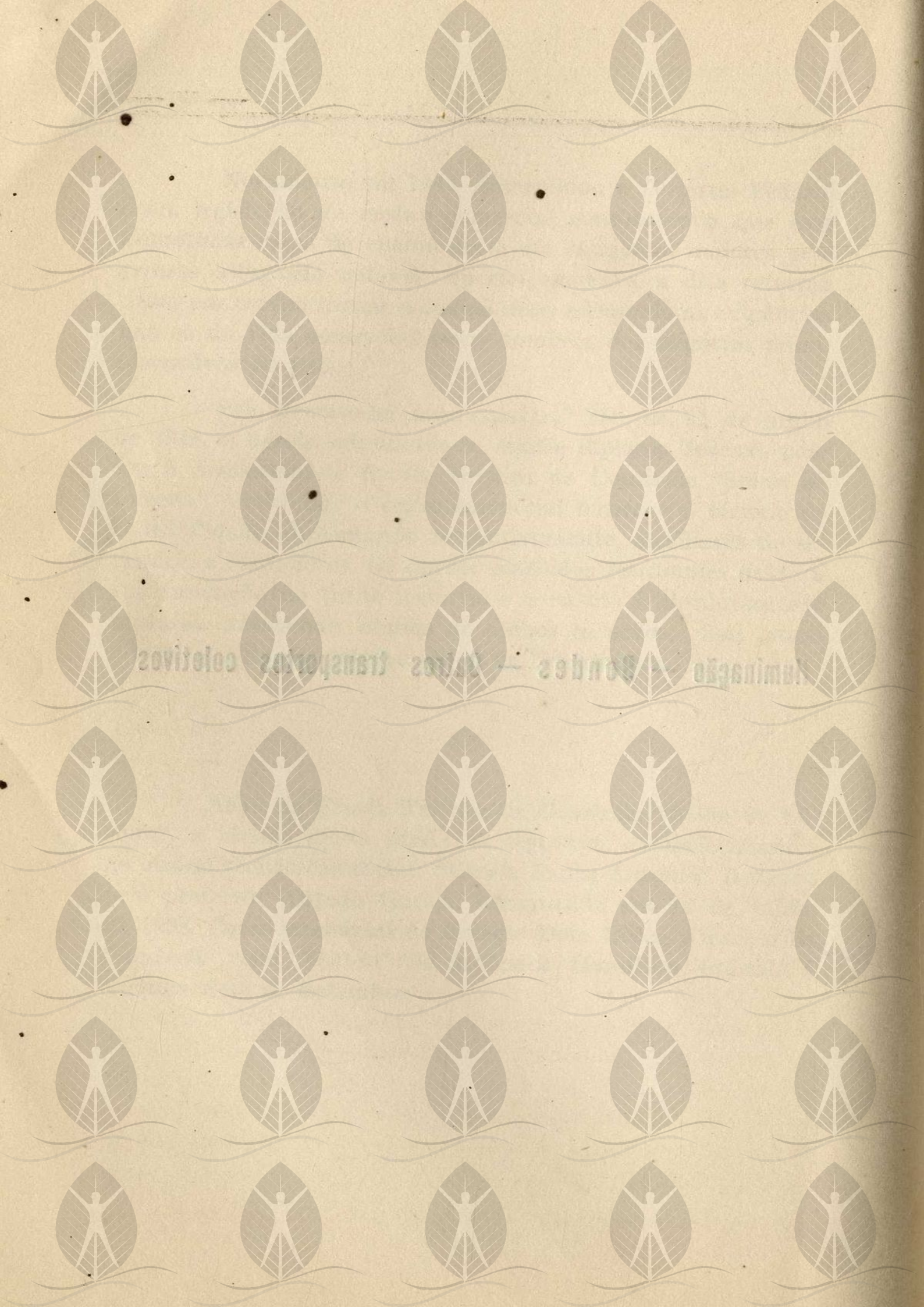


Além da Escola Técnica de Comércio "Solon de Lucena", a cidade conta ainda os seguintes estabelecimentos de ensino técnico-comercial: "Escola Santo Antonio" fundada pelo professor Alfredo Garcia, inaugurada em 13 de junho de 1908. Curso comercial do Colégio Dom Bosco e Escola de Comércio "Rui Barbsa" do professor Hamilton Cabral, à avenida Sete de Setembro.





**Iluminação — Bondes — Outros transportes coletivos**





Dentre os grandes benefícios trazidos à administração do Estado pelo dr. Eduardo Gonçalves Riberio, avulta, pela sua capital importância, a iluminação elétrica da cidade de Manaus. Até 1896 as ruas da capital ostentavam duas ou três centenas de postes de ferro em cujo tampo, tristes e fumarentos, pendiam os lampeões a querosene. Houve algumas tentativas, anteriormente, para instalar-se uma usina a gaz carbônico, mas a idéia, debatida e sopesada, jamais passou para a ordem das coisas concretas. A cathedral e a igreja de São Sebastião possuíam pequenos gazômetros para iluminação a acetileno. Algumas residências particulares e casas de comércio serviam-se do mesmo sistema iluminativo. Os abastados usavam o vistoso candieiro com a esguia e quebradiça manga de vidro e os pobres recorriam às infalíveis lamparinas de fôlha de flandres com pavios de algodão torcido.

Não pôde o grande "Pensador" ver inaugurado o importante melhoramento, cujos maquinismos já haviam chegado e estavam sendo montados. Foi o seu substituto legal, dr. Fileto Pires Ferreira, quem, às vinte horas do dia 15 de outubro de 1896, pressionou a chave geral ligando à usina os fios da iluminação pública fornecida pela "Manaus Electric Lightnig Company".

Posteriormente, o govêrno estadual encampou os

serviços de tração e luz arrendando-os à empresa Travassos & Maranhão que, por sua vez, os transferiu ao engenheiro Antônio de Lavandeyra. Em 9 de junho de 1909 este novo arrendatário passou à "The Manaus Tramways and Light Co. Ltda.", a direção definitiva.

Em 1910, construiu-se no "Plano Inclinado" a usina central que ainda ali vem funcionando. No bairro da Cachoeirinha, no ano de 1939, foi inaugurada a sub-usina.

Em 1908, havendo se mudado o Tesouro do Estado para o prédio que ocupa atualmente, transferiu-se para o edifício vago, à praça Osvaldo Cruz, a sede da "Manaus Tramways".

As caldeiras consumiam diariamente 140 toneladas de lenha. Possuía a Companhia 45 carros, 10 reboques, 6 vagões para carga e condução de lenha, 2 locomotivas para reparos e um carro-salão denominado "Amazonas" de uso privativo do Governador do Estado. Os serviços eram fiscalizados por um engenheiro de nomeação do Governo. No momento, orçam as instalações mais de 60 milhões de cruzeiros.

Manaus pode jactar-se de ter sido a segunda cidade brasileira que teve iluminação elétrica. A luz fornecida pela "Manaus Tramways" até o tempo do governador Dorval Pôrto era proclamada das melhores que havia em todo o Brasil. Tal a sua intensidade, que o clarão refletido no céu, tôdas as noites, era visto de vários pontos do município.

Atualmente, o aumento constante dos aparelhos de rádio, de usinas e de outros estabelecimentos que trabalham à noite, está exigindo maior dispêndio de energia, motivando que a luz particular se ressinta do seu fulgor de outrora. Também o acréscimo de construções vem contribuindo para o inevitável bruxoleio das lâmpadas que somente depois das 20 horas podem readquirir a sua intensidade iluminativa. A atual C.E.M. foi criada por Lei federal, projetada e executada pelo então Deputado Paulo Pinto Nery.

Não somente a iluminação à eletricidade fêz parte do programa governamental do dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro. O grande administrador também volveu seus cuidados para os serviços de transporte de que carecia a população manauene. Seu finalizar de govêrno ainda pode ver o assentamento dos trilhos sôbre os dormentes. Coube, porém, ao governador Ramalho Júnior a inauguração dos bondes elétricos. Realizou-se o ato com grande solenidade a 1.º de agosto de 1899, sendo arrendatária a "Manaus Railway Company".



O magnífico material rodante, através de quase meio século de contínuo funcionamento, tem honrado a firma inglêsa que o forneceu. As duas grandes guerras mundiais em que a Inglaterra se viu envolvida, vem dificultando a aquisição de novos elementos para reparos e sobressalentes necessários à conservação dos carros e das linhas. Contudo, até a sua encampação pelo Govêrno do Estado, a Companhia atuou de modo a satisfazer às exigências do povo, notadamente dos subúrbios, pois o bonde foi o transporte mais acessível pelo baixo preço de sua tarifa.



Até 1939, não possuia a cidade outro meio de transporte coletivo além dos carros elétricos. Surgiu a iniciativa de um particular pondo em circulação quatro ônibus, os quais, depois de rodarem pouco mais de um ano, foram comprados pela "Manaus Tramways" que os encostou na usina da Cachoeirinha onde não tardaram a transformar-se em sucata.

A não ser os carros pertencentes a “Panair do Brasil” não se via pelas ruas manauenses outro transporte coletivo motorizado. Em 1943, apareceram dois ou três pequenos ônibus fazendo linha para os bairros de Educandos e Cachoeirinha. Não demoraram outros a seguir-lhes o exemplo. Praça 14, Adrianópolis, Aparecida foram contemplados com carros novos. E, à medida que eles iam aparecendo, o povo ia-os apelidando com as denominações das canções em voga: “Pirata”, “Perna de Pau”, “Periquito da Madame”, etc.

Transitam hoje quase cem ônibus de vários tamanhos e feitios, não mais havendo habitante suburbano que se queixe da falta de transporte para alcançar sua residência. A tabela de passagem cobra cem cruzeiros para qualquer das linhas.



**Aero Clube — Diretoria de Aeronáutica Civil —**  
**Aeroporto — Capitania dos Portos**



Assembleia dos Pais — Diretoria de Aeronáutica Civil

Fundada a 20 de março de 1940, uma Escola de Pilotagem civil denominada "Aero-Clube", considerou-a de utilidade pública um decreto-lei assinado pelo Interventor Federal no Estado, em 31 de agosto do ano acima referido. Aprovados em Assembléia geral os estatutos do A.C.A., procedeu-se à eleição da primeira diretoria, cuja presidência recaiu na pessoa do dr. José Antônio de Souza Carvalho.

No mês de junho de 1941 efetivou-se outra eleição, na qual, por grande maioria, foi votado para a presidência o dr. Avelino Pereira.

Em 1944, provocada uma intervenção motivada por dissensões internas, assumiu a direção do A.C.A. o dr. Rui Araújo, na qualidade de Interventor. Procedidas novas eleições, foi escolhido o capitão Mário Almeida da Silva para presidente da diretoria. Havendo falecido aquele oficial em consequência de um desastre no campo de pouso situado no bairro de Flôres, ficou respondendo pela direção o dr. Almir do Vale Corrêa. Ocorrida a renúncia coletiva da diretoria presidida pelo dr. Almir Corrêa, realizaram-se outras eleições, sendo eleito presidente o snr. Mário Covas; destituído êste por deliberação unânime da Assembléia Geral, assumiu a direção da Sociedade no caráter de Interventor, o dr. Lauro Almeida da Silva.

Reunida a Assembléia Geral na sessão do dia 15 de

agosto de 1947, foram reformados os estatutos, realizando-se a 4 de setembro a eleição para a nova diretoria que ficou sendo presidida pelo dr. Lauro Almeida da Silva.

Do ano de 1941 a 1945, a Escola de Pilotagem do Aéreo Clube do Amazonas brevetou 52 pilotos de turismo; adquiriu também mais 2 aviões Piper-Cub comprados à RDC em dezembro de 1944 pelo Cap. Mário A. Silva. Em 1947 o Aero Clube ganhou um avião doado pela Campanha Nacional de Aviação tipo Cap-4; Paulistinha ficando a sua frota, em 1947, contando 5 aviões em bom estado e um Taylorcraft na sucata para consertos, faltando as asas. A Diretoria de Aeronáutica Civil desde 1944 até o ano atual tem enviado materiais que fazem parte da oficina mecânica, a qual, foi doada a título de subvenção por aquela instituição, a referida oficina estava valorizada em mais de Cr\$ 58.000,00.

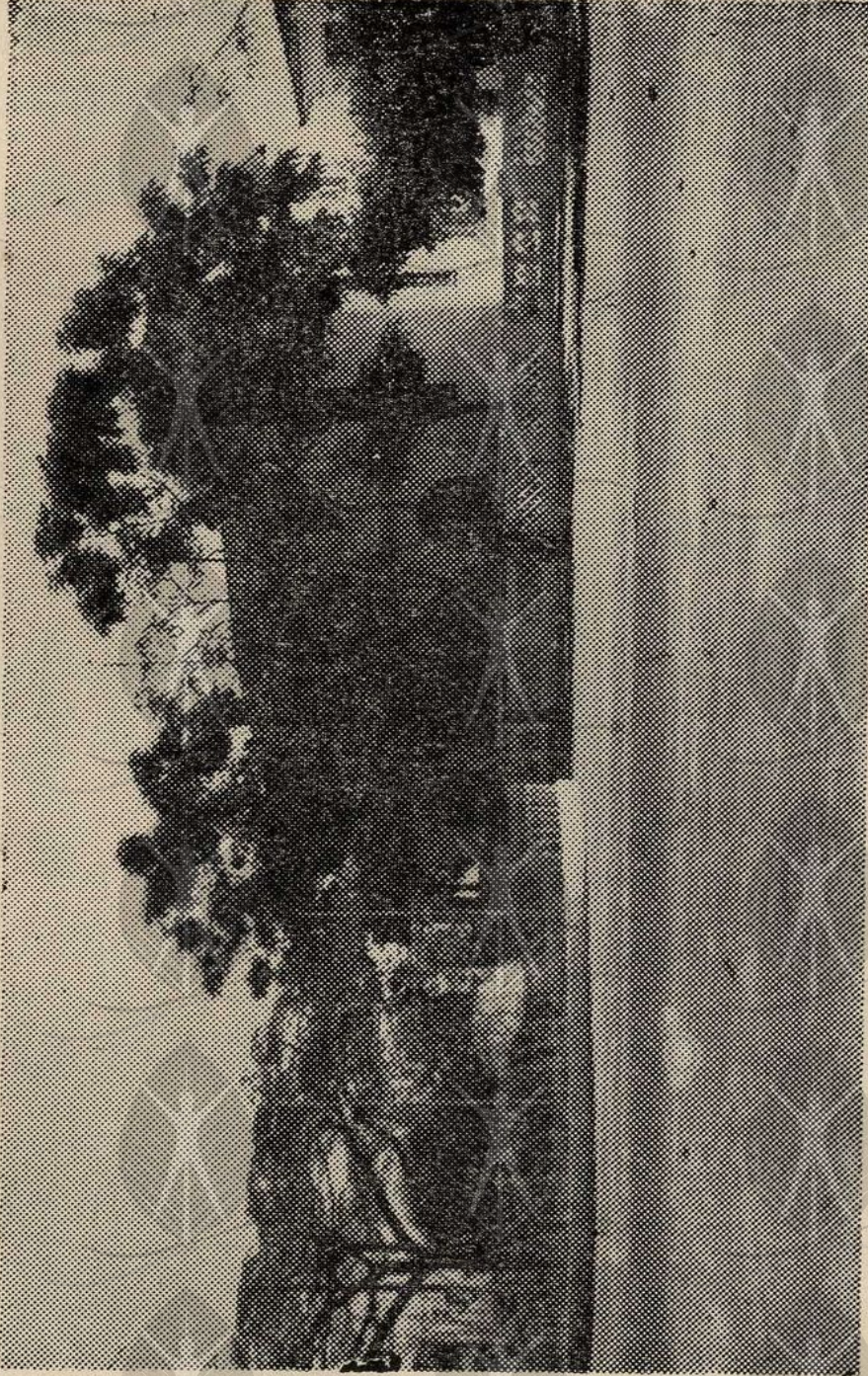
Presentemente, o Aero Clube do Amazonas conta com 92 sócios inscritos e 10 candidatos à Escola de Pilotagem. O Governo do Estado mensalmente paga ao A.C.A., Cr\$ 3.000,00 como subvenção.

Aos sábados, domingos e dias feriados, a Diretoria do A.C.A., mantém vôos de turismo para os associados e demais pessoas que gostam de avionar e que desejam conhecer os aspectos da capital e dos seus arredores.



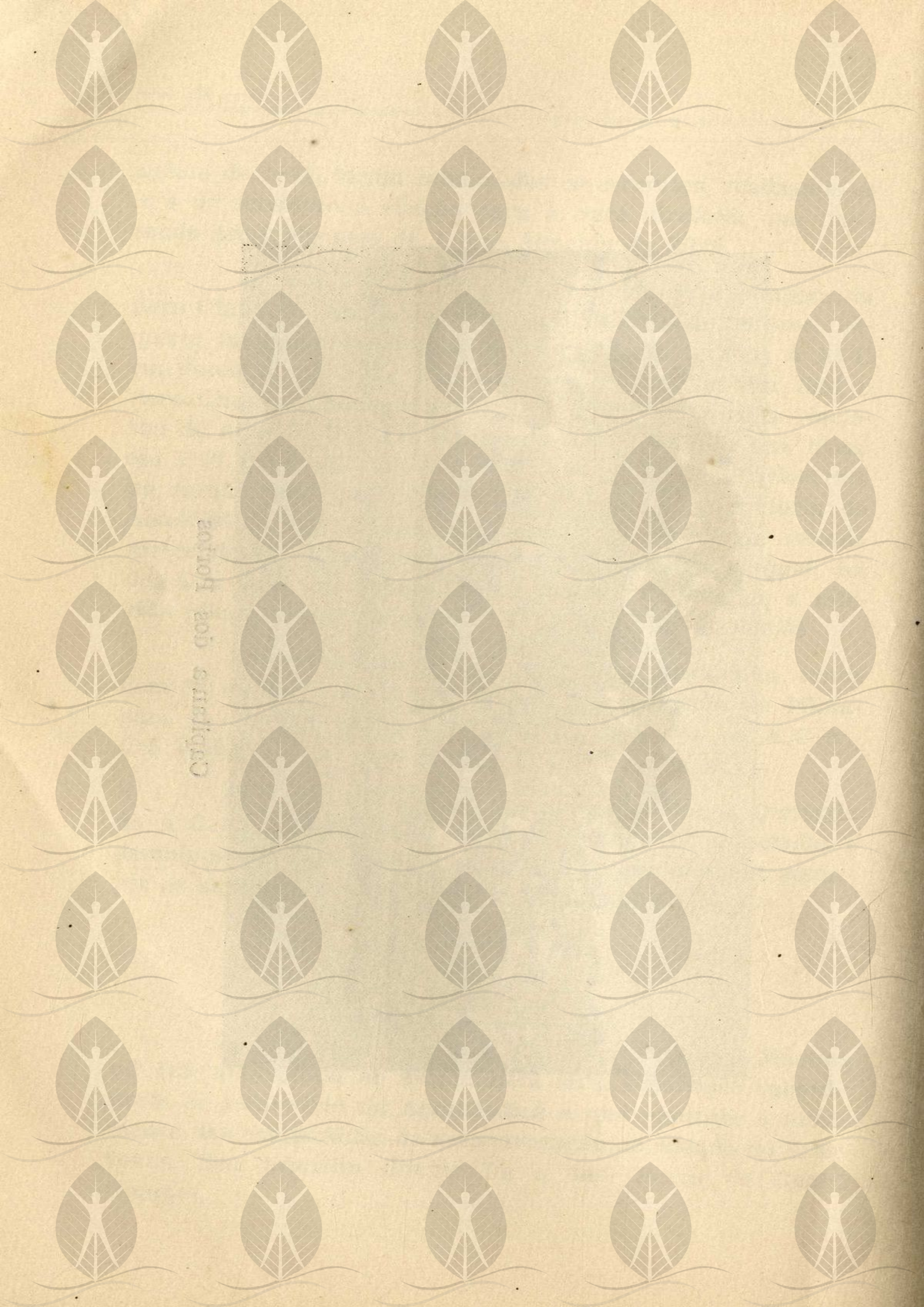
No ano de 1942 intalou-se à rua Henrique Martins n.º 185, a Diretoria de Aeronáutica civil, repartição subordinada ao ministério da Aeronáutica e que controla o movimento das companhias de aeronavegação no Estado do Amazonas. Seu primeiro diretor foi o snr. Pedro da Rocha Campos.





Capitania dos Portos

Colégio dos Horios



# **Andrade Santos & Cia. Ltda.**

---

---

Louças, Ferragens,  
Artigos para presentes.

---

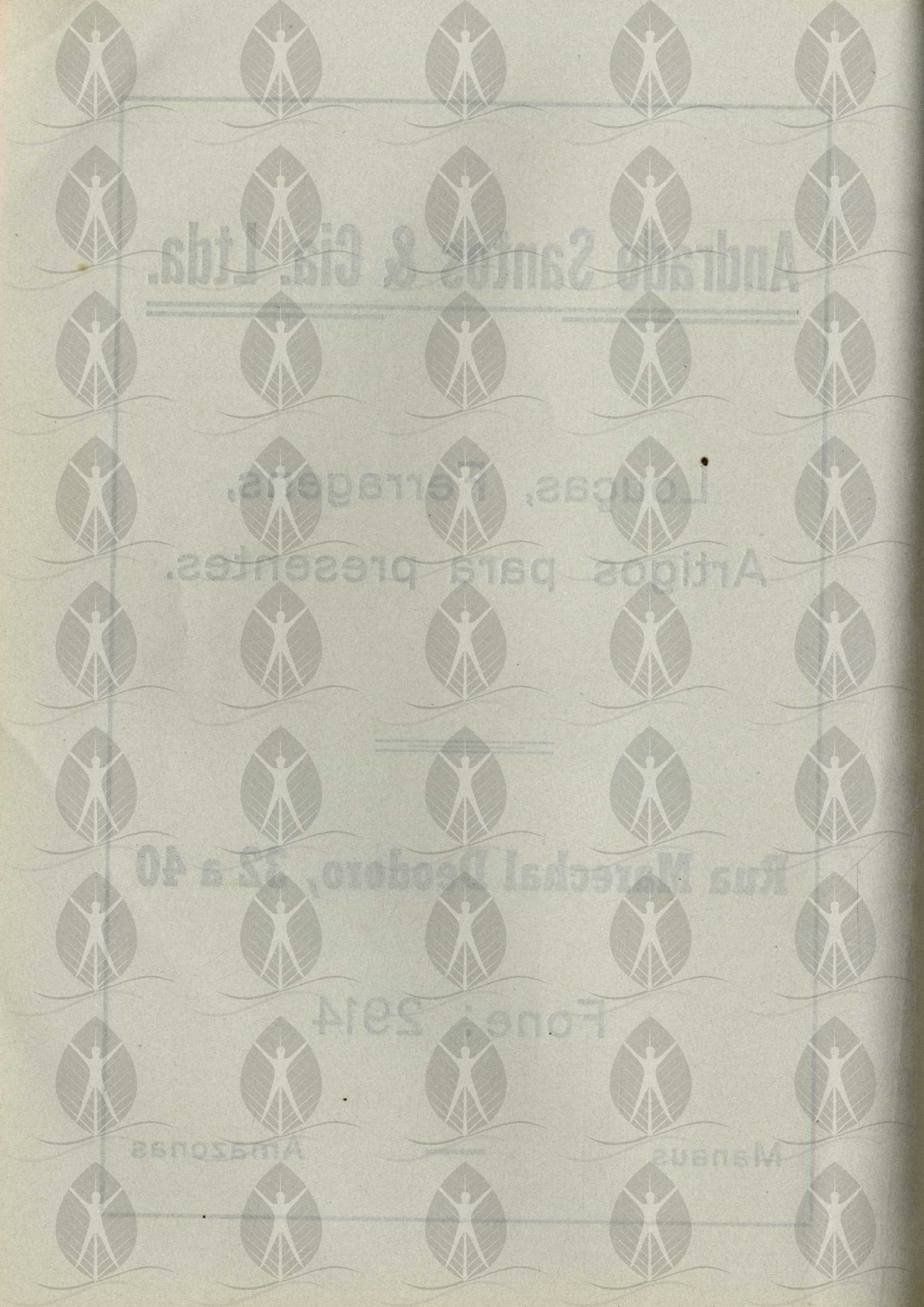
---

**Rua Marechal Deodoro, 32 a 40**

**Fone: 2914**

**Manaus**

**Amazonas**



Andrés Samos & Cia. Ltda.

Artigos para presentes.

Rua Marechal Deodoro, 25 a 40

Fone: 2914

Manaus Amazonas

Quatro empresas mantêm serviços de aeronavegação para Manaus: “Cruzeiro do Sul”, “Varig”, “Vasp” e “Paraense”. A “Panair do Brasil” atualmente extinta, mantinha referidos serviços de aeronavegação, inaugurando sua linha no ano de 1934.



Até o ano de 1945 os aviões que demandavam o pôrto de Manaus aquatizavam no quadro de ancoragem dos navios, fazendo-se o desembarque pelo “roadway” da Manaos Harbour.

Construido o aeroporto da “Ponta Pelada”, foi êste franqueado à aviação civil no ano de 1945. O campo possui hangar e mais requisitos exigidos para reparos dos aparelhos, abastecimento de combustível, estação telegráfica, etc. Dista 20 minutos da cidade, fazendo-se o percurso em automóvel.



Criada pelo Decreto n.º 5.798, de 18 de novembro de 1874, funcionando, inicialmente, no sobrado em frente ao Mercado Municipal, canto opôsto ao da firma comercial de J. Soares, Ferragens, & Cia. Ltda. e têve como seu primeiro Capitão dos Portos, o Capitão-de-Mar-e-Guerra — Nuno Alves Pereira de Melo Cardoso.

Em 1917, tendo como Capitão dos Portos, o Capitão de Corveta José Martins, êsse Órgão Naval passou a funcionar na Avenida Eduardo Ribeiro, nos altos da Ex-Leiteria “Amazonas”. Mais tarde, foi mudada para a Rua Rocha dos Santos N.º 76, altos, de onde foi finalmente mudada, em 1955, para o seu nôvo Edifício sito à rua Marquês de Santa

**Cruz, cujo patrimônio da União foi inaugurado sob a gestão do Capitão-de-Mar-e-Guerra — Hermann Baena.**

**Como se vê, a Capitania dos Portos do Estado do Amazonas e Territórios Limítrofes, funciona em Manaus a oitenta e sete (87) anos, completando, em 1974, ou seja, daqui há 13 anos, 100 anos de existência. O atual Capitão dos Portos do Amazonas, Acre e demais territórios limítrofes é o Capitão-de-Corveta Mário Paiva.**





**Bancos nacionais e estrangeiros que operam  
em Manaus**





**Relação por ordem cronológica das Agências dos Bancos nacionais e estrangeiros que operam em Manaus.**

**London & Brazilian Bank Ltd. — Estabelecido em Manaus em fins de 1901. London & Riverplate Bank Ltd. — Estabelecido em 1911. Houve fusão destes dois Bancos em 1923, quando surgiu o Bank of London & South America Ltd. — Em 1928 passou a funcionar à rua Guilherme Moreira, 147. Gerente atual: Alastair Ladley.**

**Banco do Brasil S/A. — Instalado em 1907. Gerente atual: Stepheson Vieira Medeiros.**

**Cooperativa Banco Popular de Manaus — fundado em 1917. Sede própria à rua Guilherme Moreira. Gerente atual: José Soares.**

**Banco Ultramarino Brasileiro S/A. — Têve sua primitiva sede destruída por um incêndio sendo instalada em novo edifício em 18 de novembro de 1954. Gerente atual: Alfredo Marques.**

**Banco do Estado do Amazonas S/A. — Instalado em 19 de maio de 1958 à Avenida 7 de Setembro, 867. Tem as seguintes Agências: Mercado Público, Educandos — Itacoatiara — Parintins — Maués — Bôca do Acre — Manacapuru (em instalação). Gerente atual Wagner de Oliveira Vieira.**

**Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A. — Instalado em Manaus em 11 de maio de 1956. Gerente atual: José Nunes de Abreu. Tem uma Agência urbana na rua Barão de São Domingos. Atual gerente: Guilherme Franca e Silva.**

**Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A. — Inaugurada em 17 de agosto de 1962, à Avenida 7 de Setembro, 750. Gerente atual: Silvio Afonso de Almeida.**

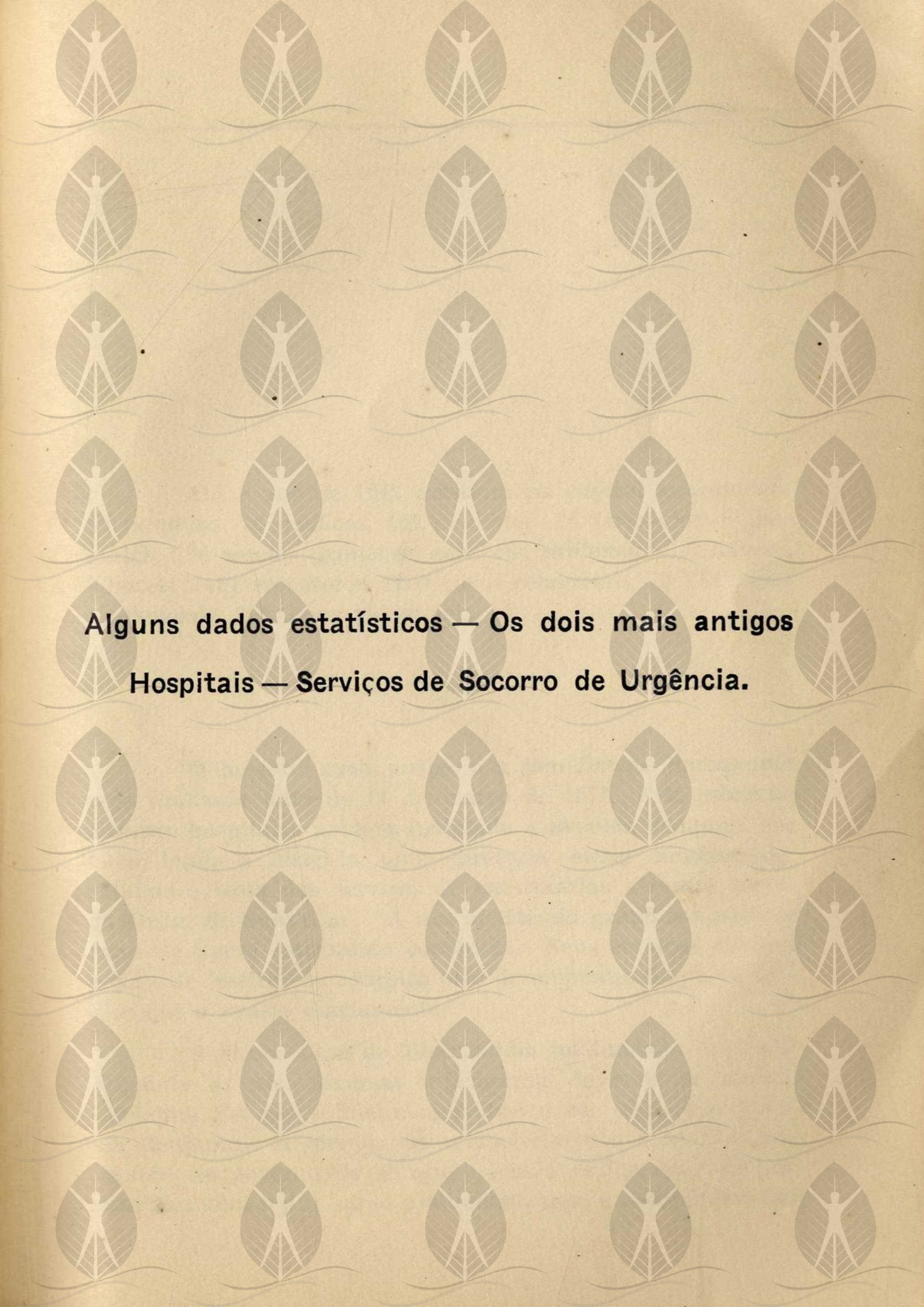
**Banco Nacional de Minas Gerais S/A. — Instalado na rua Guilherme Moreira, 179/181, em 17 de janeiro de 1961. Gerente atual: Manuel Martins de Mesquita.**

**Banco Comercial do Pará S/A. — Instalado em janeiro de 1964. Gerente atual: Hamilton Loureiro.**

**Banco Nacional do Norte S/A. — Instalado em 28 de outubro de 1964 à Avenida 7 de Setembro, 721. Gerente atual: Nilton Brederode.**

**Banco Comércio e Indústria da América do Sul S/A. — Data da instalação da Agência de Manaus — 10 de junho de 1966 — Localizada à Avenida Eduardo Ribeiro, 525/543. Gerente atual: Sebastião Rodrigues Bezerra.**

**Banco de Produção e Fomento do Estado do Acre — Instalado à rua Henrique Martins n.º 286, em 18 de janeiro de 1966. Gerente atual: José Franco de Sá Santoro.**



**Alguns dados estatísticos — Os dois mais antigos  
Hospitais — Serviços de Socorro de Urgência.**



Até o ano de 1947 existiam na capital amazonense 13 hospitais, 75 médicos, 107 dentistas, 14 farmácias, 5 drogarias, 234 escolas primárias com 484 professores, 5 bancos, 7 hotéis, 1101 receptores, 1251 casas comerciais, 13.234 casas residenciais, 294 casas industriais.



O hospital mais antigo é a Beneficente Portuguesa cuja fundação data de 14 de março de 1873. Este estabelecimento hospitalar acha-se instalado à avenida Joaquim Nabuco, tendo a dirigí-lo uma diretoria eleita anualmente, estando à testa dos serviços de enfermarias algumas irmãs da Ordem de Sant'Ana. A ala direita do grandioso edifício somente agora está sendo concluída. Seus serviços clínicos gosam de justificado conceito pelo desempenho do corpo médico que o assiste diàriamente.

A Santa Casa de Misericórdia foi fundada em 1880, dispondo as suas diversas enfermarias de mais de trezentos leitos. Foi seu primeiro mordomo o snr. Feliciano Antônio Benjamin. A direção do estabelecimento é de livre nomeação do govêrno do Estado. Irmãs da Congregação de Sant'Ana têm a seu cargo a administração e fiscalização das

salas de enfermagem e de outros serviços decorrentes. O grande nosocômio tem passado várias vezes por sucessivas reformas, havendo o coronel Leopoldo de Matos, quando era mordomo, melhorado consideravelmente o patrimônio das diversas secções, transformando as disposições primitivas da maior casa hospitalar de Manaus. Numa de suas dependências funciona a Maternidade que é aparelhada dos mais modernos requisitos para o seu exato objetivo.



Em 1942, Manaus foi contemplada com a instalação de um departamento de grande utilidade para seus habitantes, qual seja o Serviço de Socorros de Urgência, que surgiu com a homologação do decreto lei n.º 935, de 28 de novembro de 1942.

Procedidos os trabalhos preliminares de sua organização, foi o serviço de Socorros de Urgência inaugurado solenemente em 19 de abril de 1943, sob a chefia do dr. Almir Pedreira que contava com a colaboração dos drs. João de Brito Albuquerque Veiga Filho e Carlos Frederico Araújo da Silva, médicos efetivos do mesmo serviço.

Iniciado o seu funcionamento, o S.S.U. começou a desenvolver suas atividades, alcançando um volume de trabalhos superior ao que era permitido praticar pelo Corpo Funcional então existente.

Reconhecendo essa deficiência e os reais serviços que o S.S.U. vinha prestando, o dr. Alvaro Maia, então no exercício da Interventoria Federal do Amazonas, atendendo à solicitação da chefia da repartição permitiu a admissão de outros médicos, que, como contratados, passaram a clinicar nesse setor administrativo.

Hoje o S.S.U. conta com elementos profissionais de real valor, que vem servindo com zelo e dedicação a quantos recorrem a êsse núcleo de trabalho muito contribuindo para o bem estar da gente manauense.

Recentemente, pelo Gov. Arthur Reis, foi inaugurado o hospital "Getúlio Vargas". No ano de 1959 foi inaugurada a maternidade "Balbina Mestrinho", que é chamada hoje "Ana Nery".







# **Agua Mineral "Sta. Cláudia"**

---

---

**Revigora e tonifica os rins e o fígado**

**Fonte: Rua Fortaleza, 153**

---

---

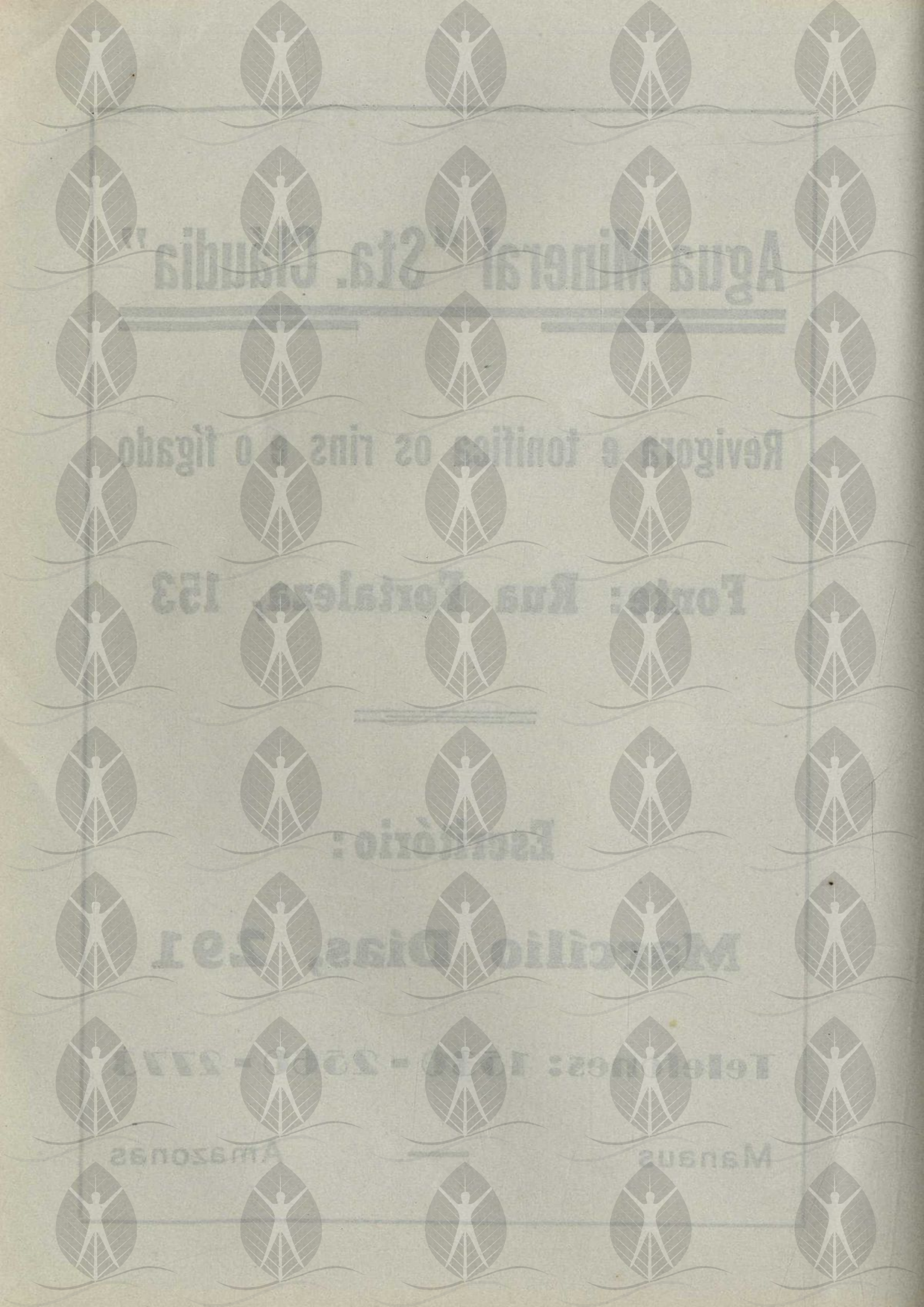
**Escritório :**

**Marcílio Dias, 291**

**Telefones: 1530 - 2560 - 2773**

**Manaus**

**Amazonas**



Aguá Mineral Sta. Cruz

Revigor e tonificação os rins e o fígado

Fonte: Rua Fortaleza 153

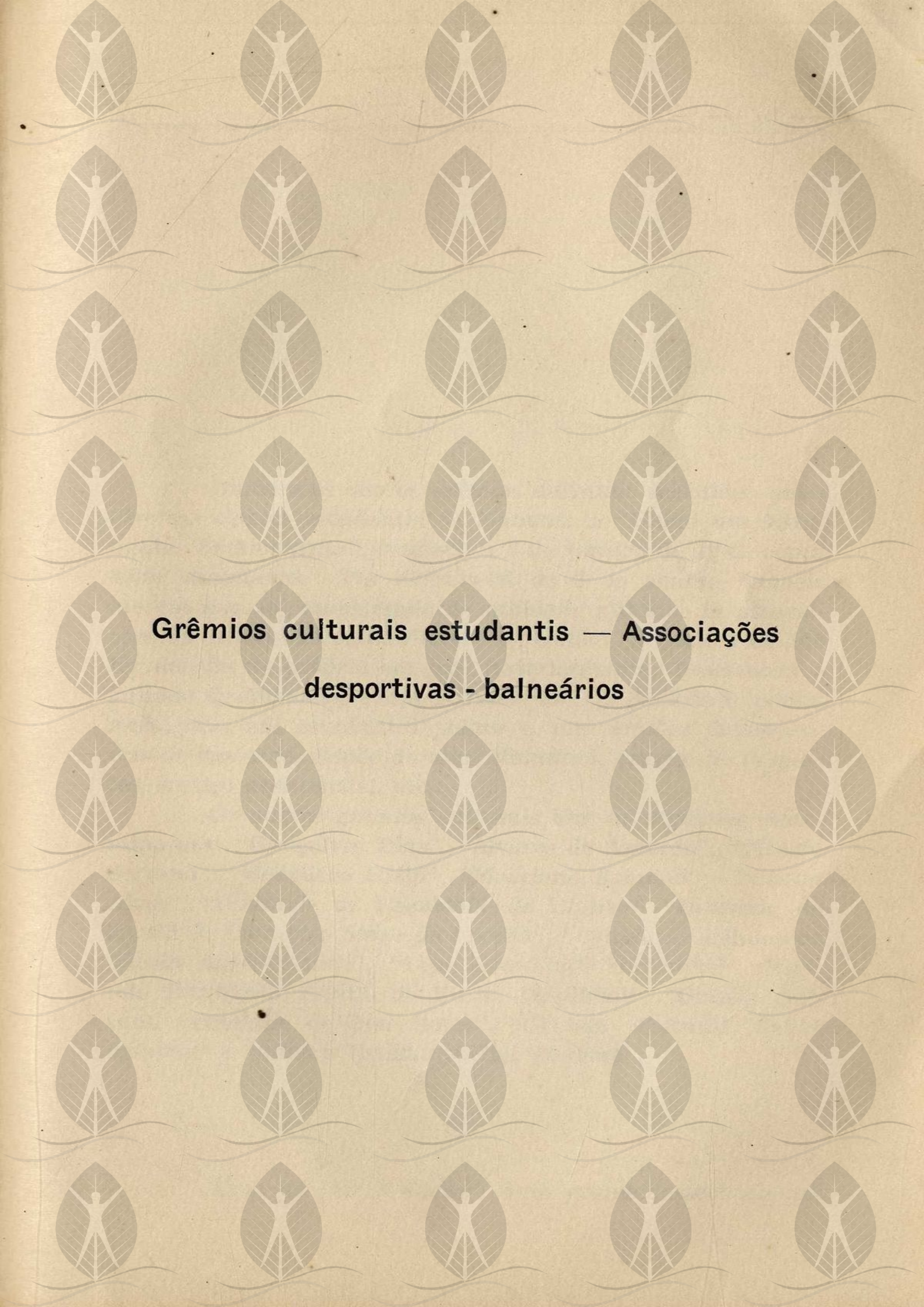
Escritório:

Medicinal

Telefone: 234 - 234

Amazonas

Mansueto



**Grêmios culturais estudantis — Associações  
desportivas - balneários**



Numerosos são os grêmios culturais mantidos pelas diversas classes estudantis de Manaus. A “União dos Estudantes do Amazonas”, fundada a 4 de janeiro de 1942, conta 4.000 associados. Por decreto-lei de 3 de março daquele mesmo ano, foi considerada de utilidade pública. 14 associações de estudantes estão filiados à “União”, à qual, o Estado fêz doação do próprio em que, anteriormente, funcionara o Juizado de Menores, à rua Barroso, 267. A Sociedade presta assistência aos estudantes pobres e, nas amplas dependências de sua sede, dispõe de uma biblioteca, parque de desportos, serviço assistencial, etc.

Os outros grêmios culturais têm as seguintes denominações: “Gonçalves Dias”, “Alvares de Azevedo”, “Plácido Serrano”, “Heliodoro Balbi”, “Marciano Armond”, “Castro Alves”, “Diretório da Faculdade de Direito”, “Diretório da Escola de Comércio Solon de Lucena”, “Centro Acadêmico da Escola Agro-Técnica”, “Liga Estudantil Industrial”, “Grêmio Estudantil Espiral da Escola Brasileira”, “Grêmio Cultural Juventude de Dom Bosco”, “Grêmio Cultural Santo Antonio” e “Centro Estudantil Rui Barbosa”.



Além do “Ideal Clube”, uma grande associação re-

creativa instalada num majestoso edifício à avenida Eduardo Ribeiro, a capital possui as seguintes sociedades desportivas: —

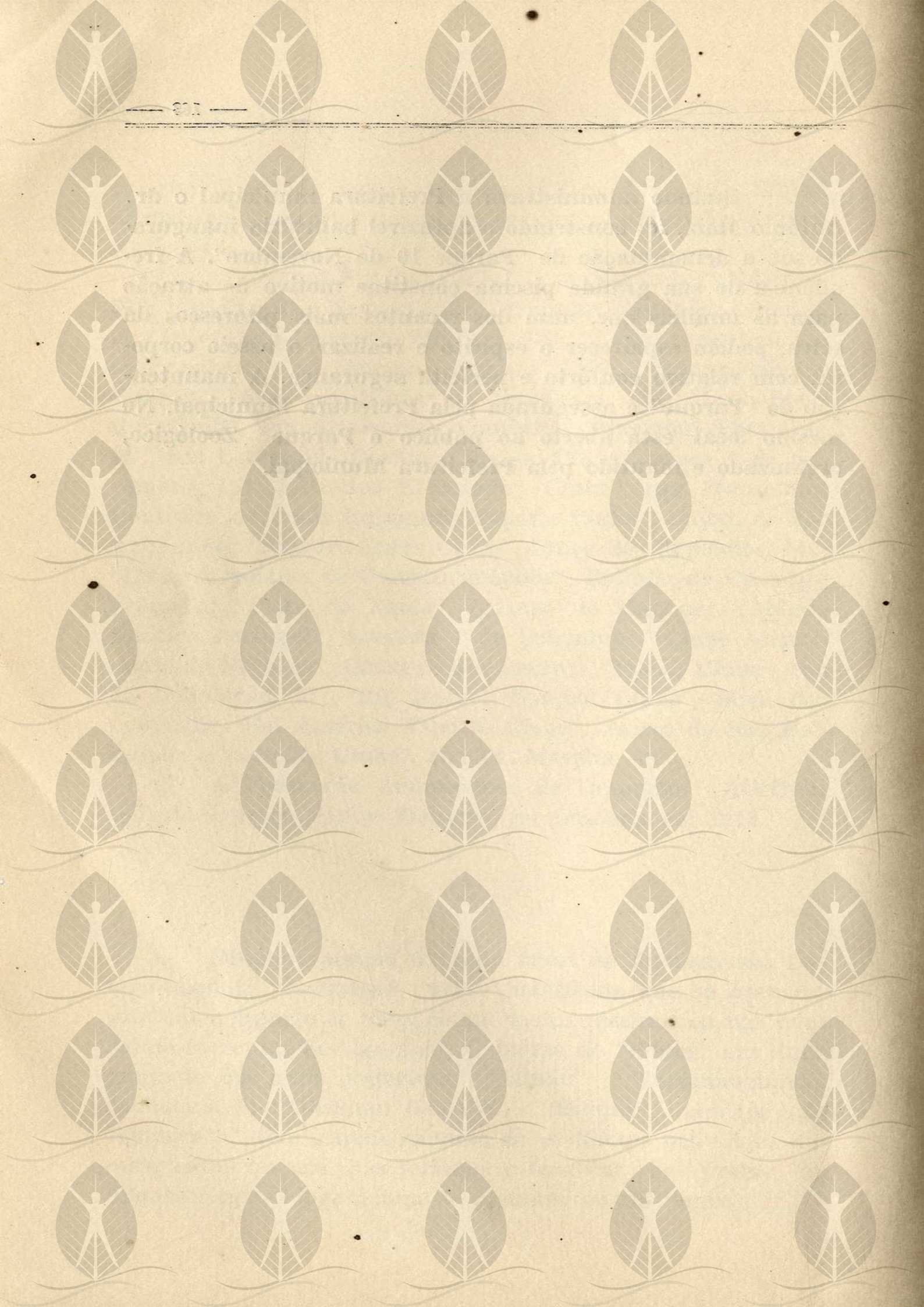
“Nacional Futebol Clube”, rua Saldanha Marinho, 516; “Atlético Rio Negro Clube”, Praça da Saudade; “Olímpico Clube”, rua Leonardo Malcher, 603; “União Esportiva Luso Brasileira”, av. Joaquim Nabuco, 1372; “Independência Futebol Clube”, rua Xavier de Mendonça, 252; “Luso Sporting Club”, rua Monsenhor Coutinho; “Nacional Fast Clube”, rua Leovegildo Coelho; “Bosque Clube”, praça 9 de Novembro, 151; “Atlético El-Dorado Clube”, rua Monsenhor Coutinho, 64; “São Raimundo Esporte Clube”, Bairro de São Raimundo; “Atlético Barés Clube”, Praça dos Remédios, 140; “União Esportiva de Constantinópolis”, Estrada de Constantinópolis; “Clube do Remo”, Igarapé de Manaus; “Grêmio Náutico Portugal”, Avenida 7 de Setembro; “Clube Amazonense de Regatas”, Garage (Rio Negro); “Tijuca Clube”, rua da Instalação, 87; “Rio Branco Futebol Clube”, Silva Ramos, 933; “Sul América Esporte Clube”, Bairro de São Raimundo e “Satélite Clube”, rua Dr. Moreira, 59.

A Federação Amazonense de Desportos Atléticoes, sediada à praça Santos Dumont, foi fundada em 1918.



Diversos pontos da zona rural de Manaus são frequentemente procurados pelos banhistas que se aprazem praticar o esporte de natação em vastas piscinas ou nas frias águas correntes dos igarapés. O bairro de “Flôres” era antigamente dos mais preferidos. “Mindú”, “Tarumanzinho”, cachoeira do “Taruman Grande”, “Bosque”, igarapé do “Quarenta”, têm grande número de prediletos nas fôlgas domingueiras ou nos dias feriados e também as praias da “Ponta Negra”, logo acima de Manaus, no rio Negro.

Quando administrava a Prefeitura municipal o dr. Antônio Maia, foi construído o aprazível balneário inaugurado sob a denominação de “Parque 10 de Novembro”. A frequência de sua grande piscina constitui motivo de atração para as famílias que, num dos recantos mais pitorescos da selva, podem espairecer o espírito e realizar o asseio corporal com relativo conforto e perfeita segurança. A manutenção do “Parque” é assegurada pela Prefeitura Municipal. No mesmo local, está aberto ao público o Parque Zoológico, organizado e mantido pela Prefeitura Municipal.







**Justiça de Menores da Comarca de Manaus**  
**— Assistência Social — Outros dados**  
**estatísticos**



Consoante projeto do deputado João de Paula Gonçalves apresentado à Assembléia estadual, foi promulgada a Lei n.º 18 de 21 de setembro de 1935 que criava na capital o Juízo Privativo de Menores, sendo nomeado para aquelas funções o dr. André Vidal de Araújo que instalou o juizado numa dependência do Palácio da Justiça.

A Lei n.º 38 de 30 de dezembro daquele mesmo ano, alterando as primitivas disposições articuladas na lei 18, deu maior amplitude à Vara de Menores. Criou-se o Serviço de Assistência e Proteção aos Menores, com raio de ação em todo o Estado. Por sugestão do magistrado acima referido, ficou o Juizado provido de serviços médicos, gabinete dentário, advogado, etc.

Promovido a desembargador, foi o dr. André Vidal de Araújo substituído pelo dr. Arnaldo C. Péres, antigo Juiz no interior do Estado, que ascendeu ao cargo por merecimento.

Seguindo o roteiro do seu antecessor, o nôvo titular soube adotar o departamento a seu cargo com importantes melhoramentos, criando uma Inspetoria de Vigilantes, 2 Comissários Gerais, Almoxarifado, Oficial de Justiça e outras secções anexas à Secretaria. O "Albergue Noturno dos Gazeteiros" e a "Escola de Gazeteiros José do Patrocínio", fundadas pelo dr. Arnaldo Péres, têm prestado à classe dos

vendedores de jornais assinalados benéficos. Outras instituições de inegável valor social, inauguradas na vigência do atual Juiz, são o "Abrigo Redentor Maria Madalena" e o "Instituto Melo Matos", destinados, respectivamente, aos menores desajustados de ambos os sexos.

Depois de ocupar algum tempo um próprio do Estado à rua Barroso, ficou o Juizado instalado definitivamente no espaçoso prédio em que ora funciona, à rua José Clemente. Aos métodos fiscalizadores empregados pela Justiça de menores, deve a capital a cessação da mendicância e de agrupamentos nocivos à sociedade por parte de crianças destituídas dos mais rudimentares princípios de respeito e de decência.

Controlado pelo Juízo, mantém a Chefia de Polícia do Estado o "Comissariado de Menores, Acidentes do Trabalho e dos crimes contra os costumes", uma secção que tem por objetivo evitar a promiscuidade de menores delinquentes, quando capturados pela Polícia Civil, transferindo unicamente para a alçada da Justiça de Menores os processos contra a honra das crianças ofendidas ou acidentadas nas suas ocupações honestas.



O espírito caritativo da população manauense se evidencia pela prática de atos que traduzem, de modo iniludível, o seu valioso concurso às obras de Assistência instituídas para defesa e proteção dos necessitados.

Além das instituições a cargo do Juizado de Menores, existem na cidade, mantidas pela iniciativa particular, diversas casas de amparo às crianças e à velhice desamparadas. O "Instituto Montessoriano Alvaro Maia" é, por si só, uma instituição que honra ao seu criador, desembargador André Araújo, e enaltece o povo e o govêrno que a mantêm.

ÁGUA DUPLAMENTE TRATADA • VASILHAME DUPLAMENTE ESTERILIZADO.

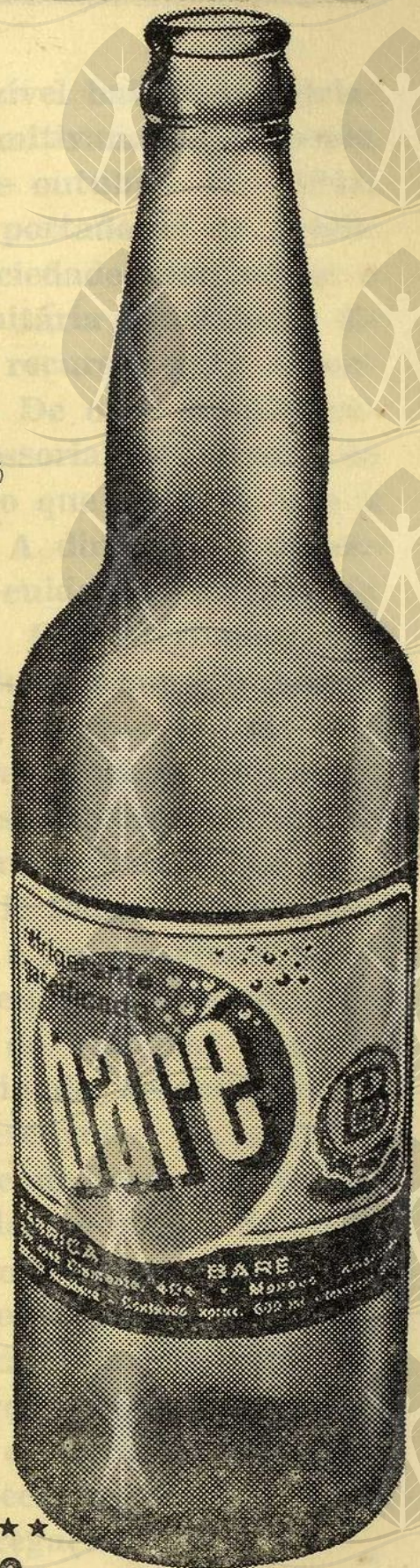
*Eis o que  
acontece a  
uma  
garrafa*

*de*



*quando  
chega  
às mãos de  
uma pessoa  
de  
bom gosto:*

*fica logo  
vasia!*

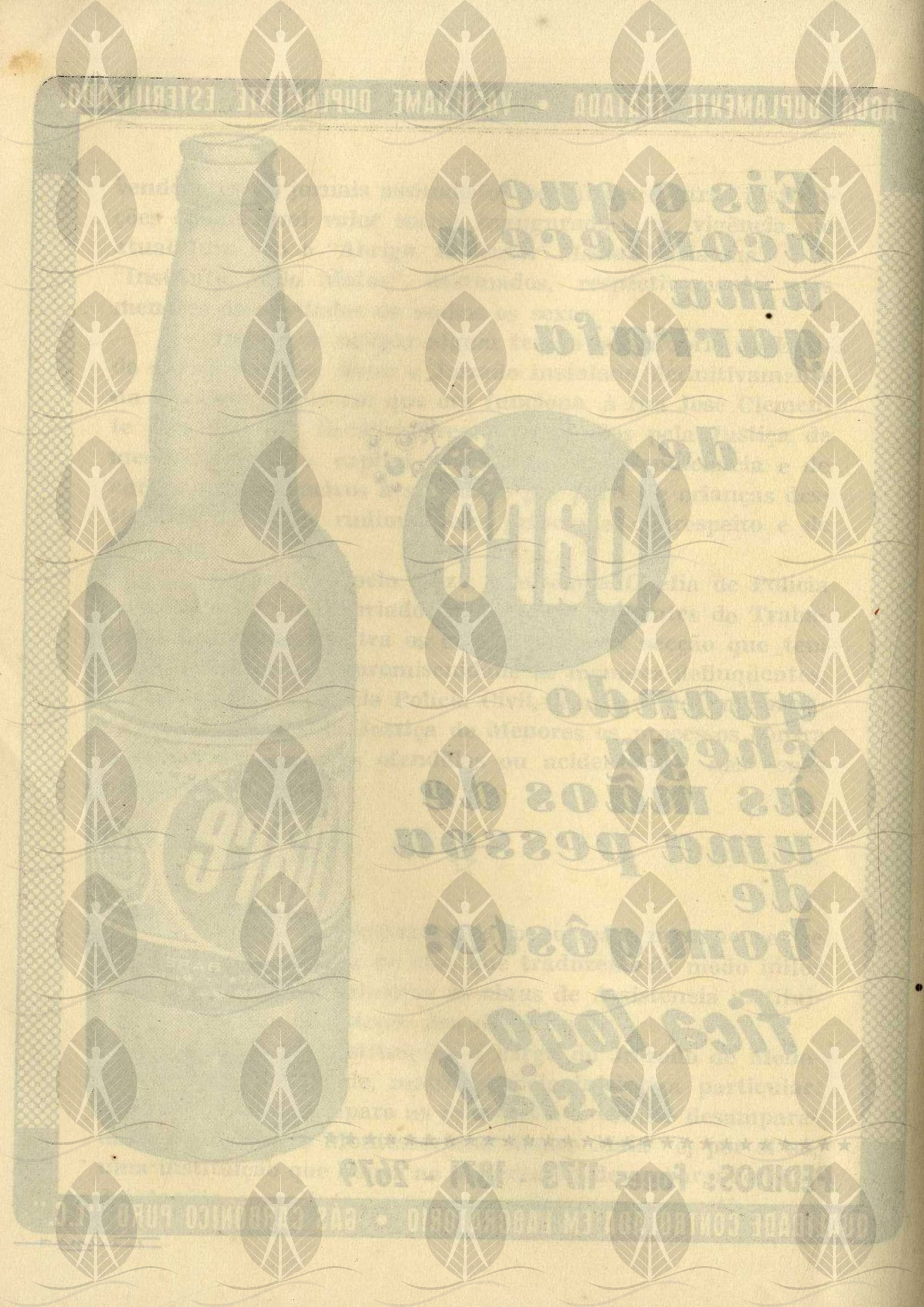


\*\*\*\*\*

PEDIDOS: Fones 1173 - 1871 - 2679

QUALIDADE CONTROLADA EM LABORATÓRIO • GÁS CARBÓNICO PURO "L.C."

*Duma*



Localizado no salubre e aprazível bairro de Adria-nópolis, o Instituto, denominado primitivamente “Escola Montessoriana”, foi inaugurado a 16 de outubro de 1943, recebendo, de início, diversas crianças portadoras de debili-dade mental. Compreendida pela sociedade manauense e pelas autoridades superiores a humanitária finalidade da nova instituição, não tardaram alguns recursos para a con-secuição e ampliação da obra encetada. De uma simples ca-sinha de madeira, passaram os “montessorianos”, dentro de pouco tempo, para o confortável edifício que ocupam hoje à rua Paraíba, naquêle mesmo bairro. A direção do impor-tante estabelecimento está entregue à cuidadosa direção da senhorinha Regina Cœli de Araújo. Os internados, em número superior a sessenta, aprendem tudo o que é huma-namente possível trazer às suas intuições, através de uma téc-nica verdadeiramente inimaginável para os leigos do assun-to. Há pequenos cegos que trabalham sem atropêlos, mudos que representam, paralíticos que declamam, surdos que can-tam sem sair do ritmo da música... E todos, sejam quais fôrem as suas deformidades, aprendem a ler e escrever pelos métodos ensinados naquela grande e benemérita instituição.

A “Escola de Serviço Social de Manaus” é outra fundação relevante de exclusiva autoria do desembargador André Vidal de Araújo. Destinada a desenvolver os conheci-mentos técnicos necessários aos que se dedicam aos traba-lhos assistenciais, a Escola mantém todos os cursos de aper-feiçoamento que são ministrados por um corpo docente de reconhecida capacidade. O edifício construído a expensas próprias, foi levantado na avenida Getúlio Vargas, canto da rua Ramos Ferreira. Suas diversas secções estão instaladas em dois pavimentos. Possui um museu etnográfico, laborató-rio, museu de história natural, biblioteca, um amplo salão para conferências e uma sala da Congregação.

Até o ano de 1948 transitavam pelas ruas manauenses cêrca de 300 automóveis de praça, 150 de propriedade particular e 215 caminhões. O primeiro automóvel que circulou pela cidade pertenceu ao snr. Antonio de Lavandeyra, no ano de 1904. O primeiro caminhão foi importado pela antiga casa de ferragens de Adrião Barroco, em 1907.

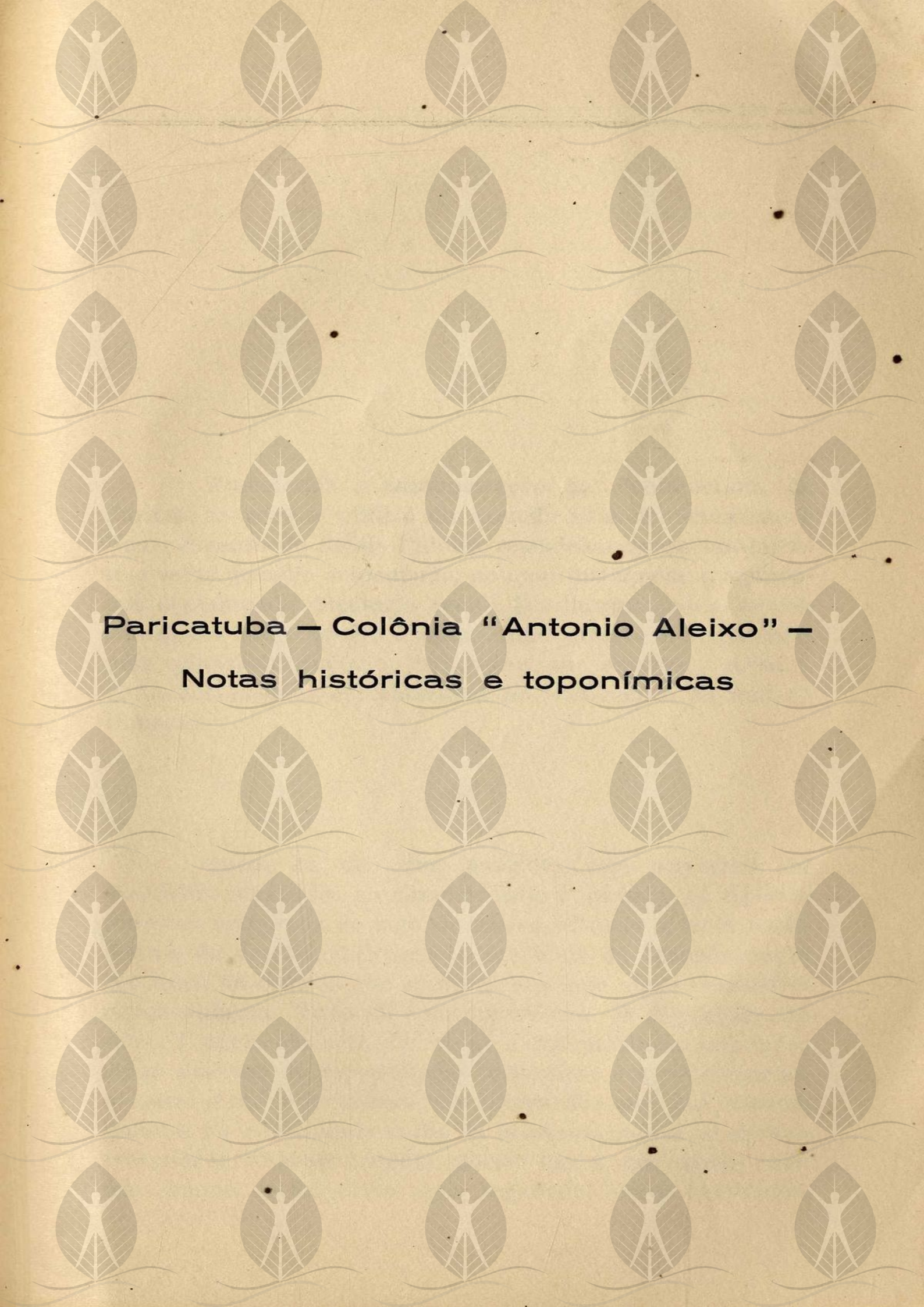
Até 1918 os portugueses constituíam a maior colônia estrangeira residente em Manaus, estando os sírios libaneses em segundo lugar. Antes da primeira guerra mundial, eram raros os países que não tinham representantes consulares ou encarregados de negócios acreditados em Manaus. Atualmente o decano do corpo consular é o consul da Bélgica. O governo federal conta 31 repartições e 9 autarquias instaladas na capital do Amazonas.

Existem duas Empresas cinematográficas: J. Fontenelle e A. Bernardino & Cia. Limitada. A primeira é proprietária dos cinemas "Politeama", "Odeon", "Eden" e "Popular"; à segunda pertencem o "Avenida", "Guarani", "Ipiranga", "Palace", "Vitória" e "Ideal".

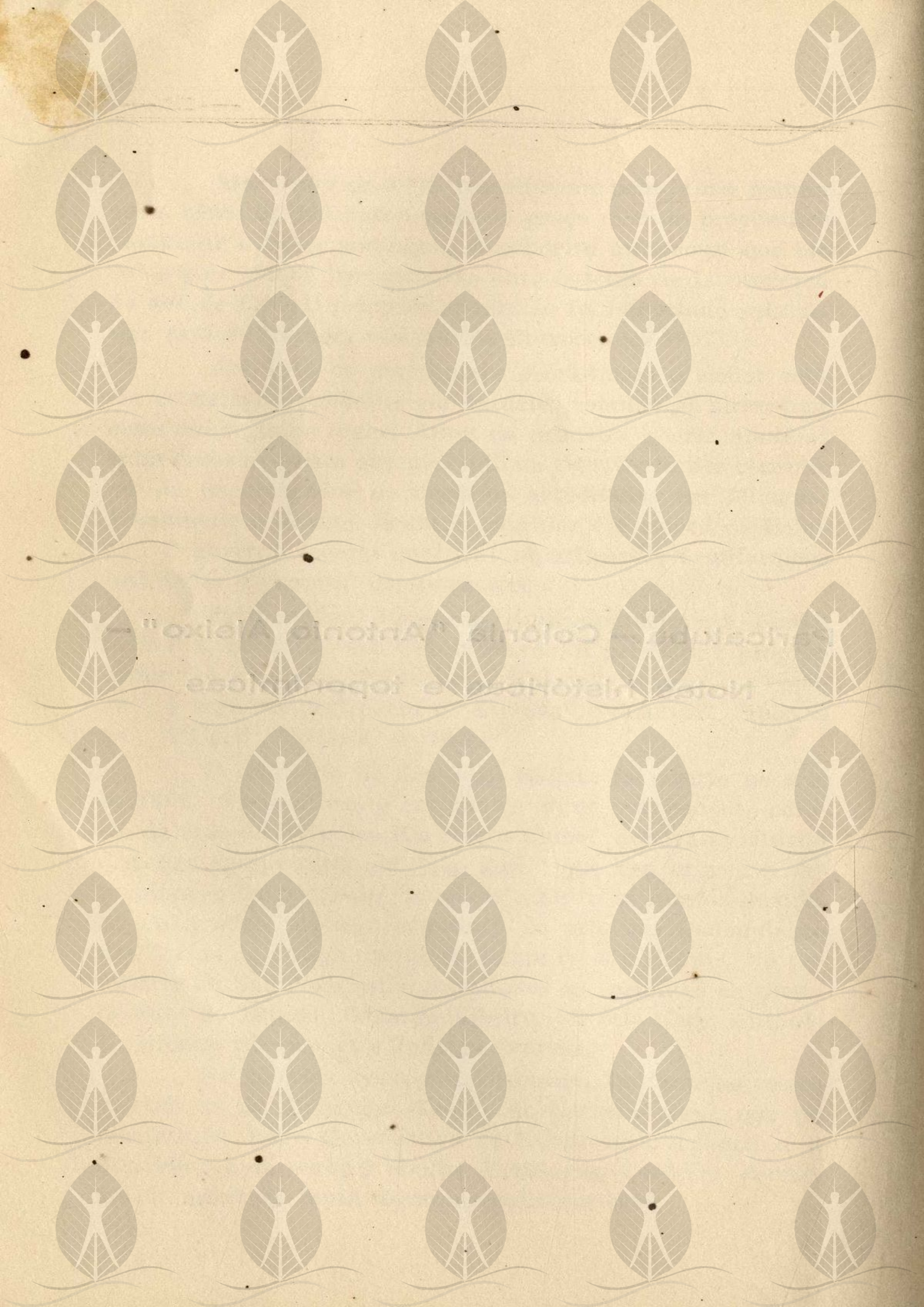
O cemitério de São João Batista foi aberto no ano de 1891. No local exato em que se ergue o imponente edifício da sede do "Atlético Rio Negro Clube", achava-se situado o antigo campo-santo de "São José", que deu origem à denominação da praça da "Saudade". Entre os mortos ilustres ali enterrados, via-se a sepultura do primeiro Comandante das Armas da antiga cidade da Barra do Rio Negro. No Cemitério de São João estão sepultados os seguintes ex-governadores do Estado: Eduardo Ribeiro, Silvério Nery, Antônio C. Ribeiro Bitencourt e Jonatas Pedrosa.

Na referida necrópole repousam também os restos mortais do dr. Domingos Teófilo de Carvalho Leal, que foi membro da Junta Governativa do Estado ao proclamar-se a República e do coronel Pedro Henriques Cordeiro Júnior, que fêz parte da Junta Governamental em 1930.





**Paricatuba – Colônia “Antonio Aleixo” –**  
**Notas históricas e toponímicas**



Transferida a administração da Penitenciária de Paricatuba para o edifício da avenida Sete de Setembro, o Departamento de Saúde Pública remodelou quase totalmente o velho presídio desocupado, no qual instalou-se o leprocômio denominado "Belisário Pena". Diariamente, uma lancha transporta para aquêle hospital tudo quanto é requisitado pela administração que, três vezes por semana, recebe a visita dos médicos especializados no tratamento do mal de Hansen.



Quem, há dez anos passados, não percorreu em exercícios venatórios ou simplesmente a passeio, as espêssas florestas marginais do lago do Aleixo, situado a vinte quilômetros da capital, dificilmente faz idéia da transformação geo-física do cenário que se apresenta hoje como verdadeira cidade-milagre. Tudo ali é surpreendente. A disposição das ruas, o asseio absoluto das casas e dos pavilhões habitados pelos doentes, as dependências privativas dos funcionários, a ordem e até a jovialidade dos internados que, por estarem isolados da coletividade sadia, de nenhuma forma se sentem reclusos. A "Colônia Antônio Aleixo" tem a sua capela, cinema, campos de desportes, água encanada, ótima iluminação

elétrica, e tudo quanto possa exigir o conforto e a hig'ene para beneficiar criaturas segregadas do mundo dos sãos. Cidade-milagre, porque ali se opera a obra milagrosa da Ciência na cura de um mal que até pouco tempo era julgado irremediável.



Os serviços de água da capital do Estado foram instalados em 1909.



No espaço de quarenta anos a administração dos Correios estêve instalada em diferentes prédios das seguintes ruas: Barroso, Osvaldo Cruz e Marechal Deodoro.



A Associação Amazonense de Imprensa foi alicerçada em 1937 e inaugurada a 14 de julho de 1948, pelo atual presidente, jornalista Aristófano Antony.



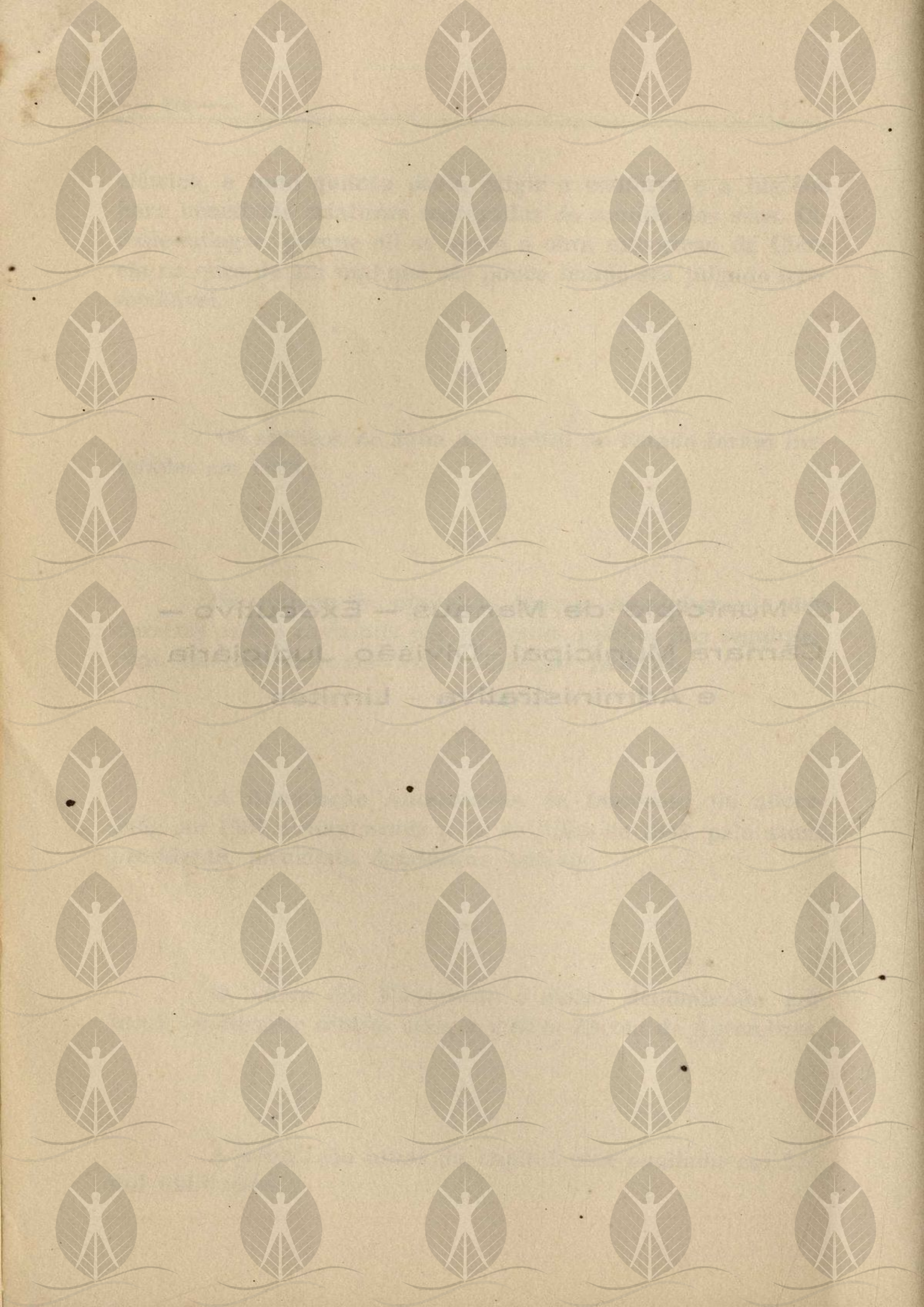
O bairro dos Educandos é assim denominado por localizar durante muitos anos a antiga Escola de Aprendizês.



A população atual da capital está avaliada em 235 mil habitantes.



**O Município de Manaus – Executivo –  
Câmara Municipal – Divisão Judiciária  
e Administrativa – Limites**



# **Pensão Maranhense**

— de —

**M. Figueirêdo & Cia.**

**Restaurante e Bar**

DE PRIMEIRA ORDEM

**Avenida Eduardo Ribeiro, 462**

**Fone, 2398**

**Manaus**

**Amazonas**

Penção Maranhense

M. Figueiredo & Cia.

Restaurante e Bar

DE PRIMEIRA ORDEM

Avenida Eduardo Ribeiro, 462

Fone 2398

Amazons

Manaus



O município de Manaus, nos últimos tempos da então comarca do Rio Negro, dependente da Província do Grão-Pará, abrangia uma imensa extensão territorial, a qual, pouco a pouco foi sendo reduzida pela criação de outras unidades municipais que lhe traçaram novas delimitações.

Pouco antes de proclamar-se a República, a Lei da Assembléia provincial, n.º 799, de 22 de junho de 1889, no seu artigo 1.º fixava da seguinte maneira os limites do município de Manaus: — “Os limites da capital desta Província se estenderão, do rio Purus, até a boca do Umaferrá, pela margem direita e pela esquerda até o igarapé do Anapaissé”.

Comparada à sua área presente, verifica-se que a extensão primitiva já sofreu uma redução superior a dois terços. Sua população atual, excluída a capital do Estado, pode ser estimada em 50.000 habitantes, estando os núcleos mais populosos situados no Careiro, Janauacá, Terra-Nova, Cambixe e parte das margens e das ilhas do rio Salimões.

De conformidade às reformas constitucionais, o cargo de Prefeito tem sido ora eletivo ora de nomeação do Governo do Estado. O atual chefe da Comuna de Manaus, Dr. Paulo Pinto Nery, foi nomeado pelo Governador Arthur Reis, em 1965.

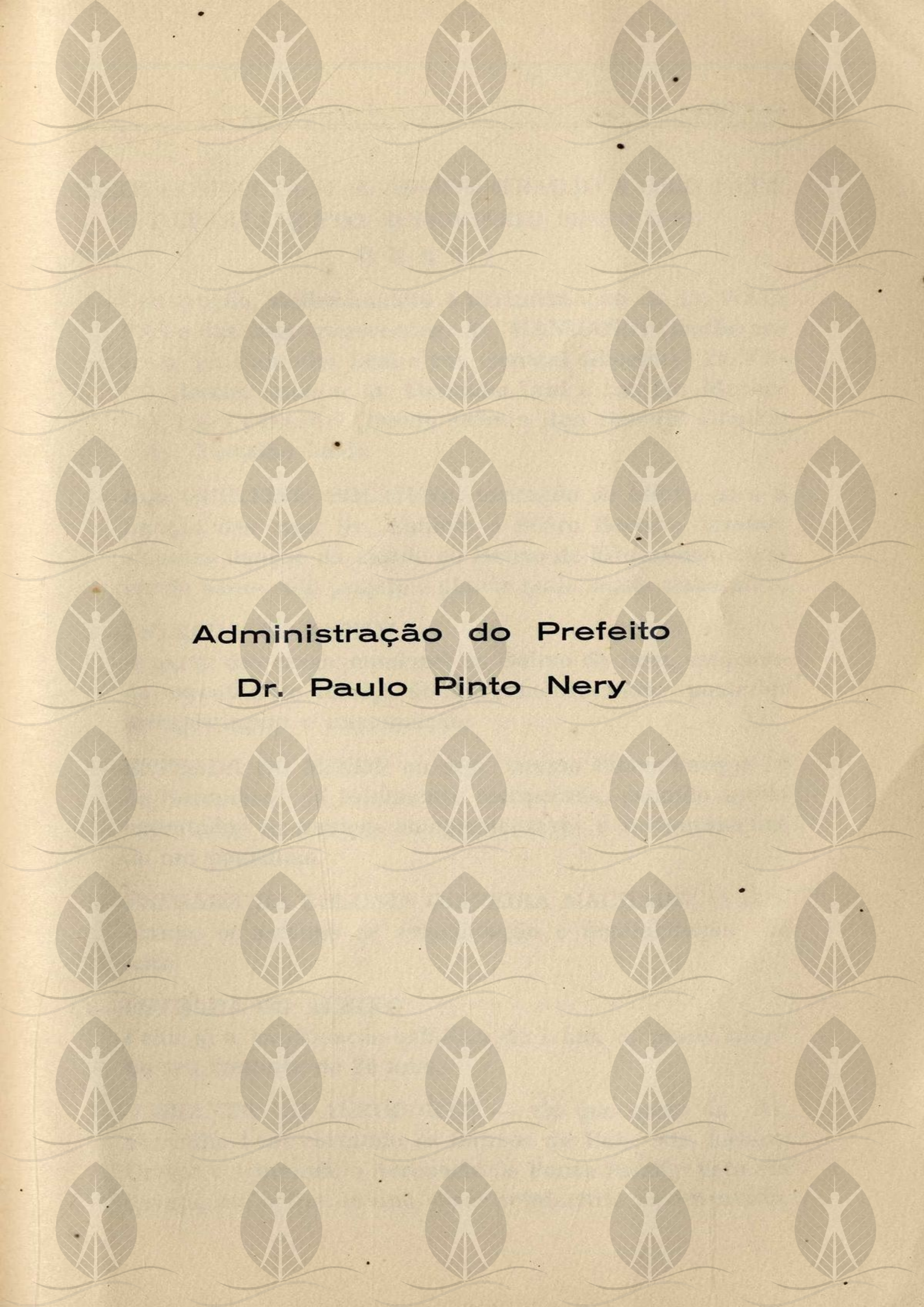
O Prefeito Dr. Paulo Pinto Nery acompanhando pari passu a operosidade do Governador Arthur Reis, reve-

lou-se no curto espaço de um ano de trabalho, um administrador incansável em dotar a cidade de melhoramentos que, há muito, reclamavam a boa vontade e a clarividência de um dirigente honesto e trabalhador.

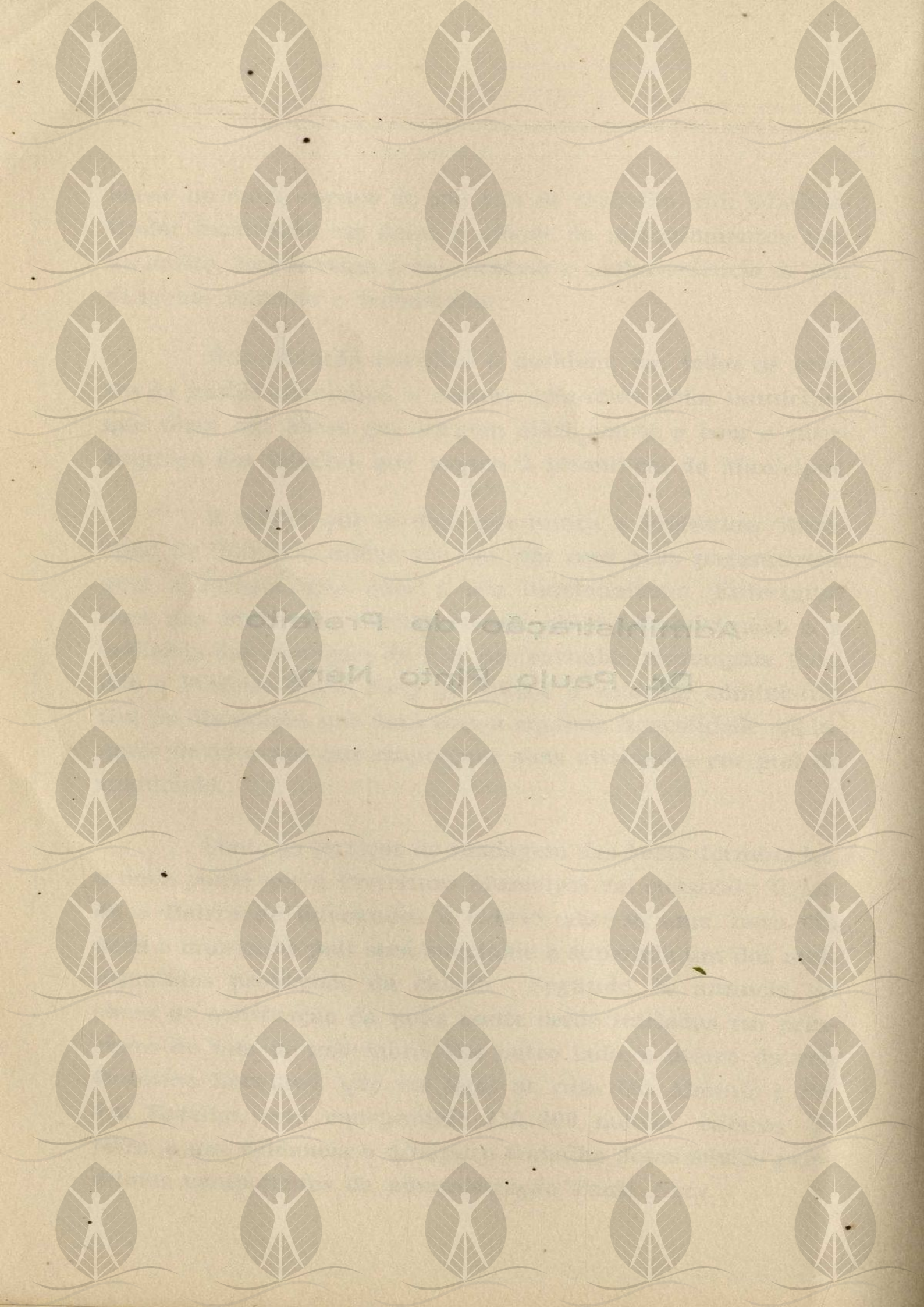
Sua atuação enérgica e decidida, em todos os setores da gestão municipal, é sempre aplaudida pelos munícipes que vêem nas obras que surgem diariamente o bom e justo emprego dos tributos que pagam à tesouraria do Município.

É mister que se diga que nunca a Prefeitura Municipal de Manaus, esteve tão em dia com seus pagamentos, quer a fornecedores quer a seu funcionalismo. Entretanto uma das maiores preocupações da atual administração é a melhoria das condições de vida dos barnabés municipais. Para isto o Prefeito Paulo Nery já iniciou a reforma administrativa do Município, que dará com a máxima honestidade, os lugares devidos aos que empregam suas atividades em prol do município.

Como os serviços de sondagem das bases terminados, a nova ponte que a Prefeitura Municipal vai construir, ligando o Bairro de Educandos à cidade, abre-se uma nova era para o município pois será concluído e superado um dos mais discutidos problemas da cidade. Segundo, se anuncia, as obras de construção da nova ponte serão iniciadas em princípios do mês de novembro. Por outro lado, o atêrro da rua Quintino Bocaiuva, que vai ligar as ruas Dr. Alminio e Pedro Botelho, está consumindo 150.000 metros cúbicos de terra, o que evidencia o dinâmico trabalho desenvolvido pelos setores competentes da administração Paulo Nery.



**Administração do Prefeito  
Dr. Paulo Pinto Nery**



**ASSIM COMPLETA-SE A ADMINISTRAÇÃO PAULO NERY  
DEPARTAMENTO RODOVIÁRIO MUNICIPAL**

**O B R A S**

- 1—Construção, melhoramento e pavimentação da Av. WAUPÉS e das ruas transversais: Av. MANICORÉ (trecho entre a Av. Carvalho Leal e rua General Glicério), Av. TEFÉ (trecho entre a Av. Carvalho Leal e rua Dr. Machado), rua CODAJÁS (trecho entre a Rua General Glicério e Av. Carvalho Leal).
- 2—Rua QUINTINO BOCAIUVA, execução de atêrro para a ligação das ruas Dr. Alminio e Pedro Botelho, visando a futura ligação da cidade ao Bairro de Educandos, através de ponte cujo projeto e planta estão sendo elaborados.
- 3—ESTRADA DO JAPIIM  
A partir das casas populares do Bairro da Raiz, está sendo executado o serviço de alargamento para posterior terraplenagem e imprimação.
- 4—ESTRADA DO MINDU ou seja “acesso Flôres-Parque 10 de Novembro”, já totalmente recuperada, estando sendo executados os serviços complementares e restauro de um pontilhão.
- 5—ESTRADA DA COLONIA OLIVEIRA MACHADO, já concluídos os serviços de escarificação e regularização do leito.
- 6—ESTRADA DO ALEIXO  
Feita já a imprimação asfáltica de 1 km. e “petrolizada” no seu restante de 20 kms.
- 7—VARIANTE DO AEROPORTO — via que parte da Av. Carvalho Leal cortando os Bairros da Raiz, São Lázaro, Crespo e atingindo o Aeroporto de Ponta Pelada. Esta via deverá, até o fim do ano, estar totalmente pavimentada.

**8—BAIRROS DE SÃO FRANCISCO e PETRÓPOLIS**

Escarificação e regularização de subleito das ruas Alfredo Barreto e antiga Ney Rayol, acrescentando-se que estas ruas estão sendo totalmente pavimentadas.

**9—BAIRRO DE SANTA LUZIA (Estrada Barro Vermelho)** — foi concluído um trecho de calçamento da Rua Bela Vista, devendo-se prosseguir na pavimentação asfáltica o restante até o B. de Barro Vermelho.

**10—Aquisição e pagamento antecipado de 500 TONELADAS DE ASFALTO** feitos diretamente pelo D.R.M. e participação na aquisição de 260 toneladas feita pela Prefeitura.

**AQUISIÇÕES DE :**

**11—1 CAMIONETA RURAL — 3 CHASSIS DE CAMINHÃO “CHEVROLET”** com carrocerias basculantes — **1 PÁ CARREGADEIRA “MICHIGAN” — 1 MOTO-NIVELADORA** marca “CARTERPIILAR”.

**12—Variado material de expediente, constante de máquinas de escrever e calculadoras; ferramentas diversas.**

**13—Instalação condigna do DEPARTAMENTO RODOVIÁRIO MUNICIPAL.**

**14—Projetos (já aprovados pelo D.R.3 de obras e serviço Rodoviário.**

**15—CONVÊNIO DO DEPARTAMENTO RODOVIÁRIO MUNICIPAL e DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DO ESTADO DO AMAZONAS (DER-Am).**

**SECRETARIA DE OBRAS, URBANISMO E PATRIMÔNIO****OBRAS REALIZADAS**

**16—Conclusão do MERCADO DO BAIRRO DA GLÓRIA.**

**17—MERCADO DO BAIRRO DE SÃO FRANCISCO.**

**18—PAVILHÃO anexo ao Mercado da Cachoeirinha.**

**19—Novas instalações da SECRETARIA DE OBRAS.**

- 20—Novas instalações para divisões da **SECRETARIA DE FINANÇAS** ou sejam: **TESOURARIA, CADASTRO e RECEITA.**
- 21—Recuperação das Praças de D. Pedro II e da Saudade.
- 22—Recuperação do Parque Infantil “D. Basílio Pereira”.
- 23—Início de arborização da cidade com plantio de 800 mudas.
- 24—Organização do Serviço de Limpeza Pública.
- 25—Recalçetamento poliédrico da rua Belém; recalçetamento de outras.
- 26—Galeria de Águas Pluviais de trecho da rua Ajuricaba e outras ruas.
- 27—Passagem da Ponte Cabral e Ponte do Cajual (Santa Luzia — Morro da Liberdade).
- 28—Monumento ao Marechal Floriano Peixoto, no início da Avenida do mesmo nome.

#### OBRAS INICIADAS

- 29—Restauração do Mercado da Rua dos Barés com projeto de ampliação.
- 30—Mercado da Praça 14 (em fase de conclusão).
- 31—Mercado do Morro da Liberdade (compra de estruturas).
- 32—Mercado do Seringal Miri (compra de estruturas).
- 33—Reforma da Praça Heliodoro Balbi.
- 34—Recuperação do Parque 10 de Novembro.
- 35—Colocação de Acrílicos indicativos de Ruas.
- 36—Compra de 3 carros Coletores de Lixo, fechados e com compactação mecânica (a chegar).
- 37—Compra de 3 Carros fechados apropriados para transporte de carnes (a chegar).
- 38—Início de construção do Quartel do Corpo de Bombeiros Municipais.
- 39—Desapropriação de terreno para o Distrito de Iranduba (com projeto de construção em elaboração).
- 40—Instalação de serviço elétrico em Iranduba.

## MONTEPIO DOS SERVIDORES DO MUNICÍPIO

41—Conclusão do Grupo de Casas, constante de 10 unidades, localizadas na Rua Recife e duas (2) do Grupo “Adalberto Pereira”, no Boulevard Amazonas. Até a presente data, o MONTEPIO dispunha das seguintes importâncias depositadas em Bancos e com aplicação específica:

|   |            |            |
|---|------------|------------|
| Banco do Estado do Amazonas S. A. ....              | 26.503.895 |            |
| Cooperativa Banco Popular de Manaus .....           | 17.637.958 |            |
| Banco da Lavoura de Minas Gerais S. A. ....         | 3.500.000  |            |
| Banco Comércio Indústria de Minas Gerais S. A. .... | 2.154.714  |            |
| Banco Ultramarino Brasileiro S. A. ....             | 1.629.766  | 51.426.332 |
| Em cofre .....                                      |            | 2.719.873  |
|   |            | <hr/>      |
|   |            | 54.146.205 |

Até o fim de julho do ano em curso, o MONTEPIO apresentou um excesso de arrecadação entre a Receita fixada e a Receita realizada, da ordem de Cr\$ 21.294.686, e “Superavit” entre Despesa e Receita, também da ordem de Cr\$ 18.216.628.

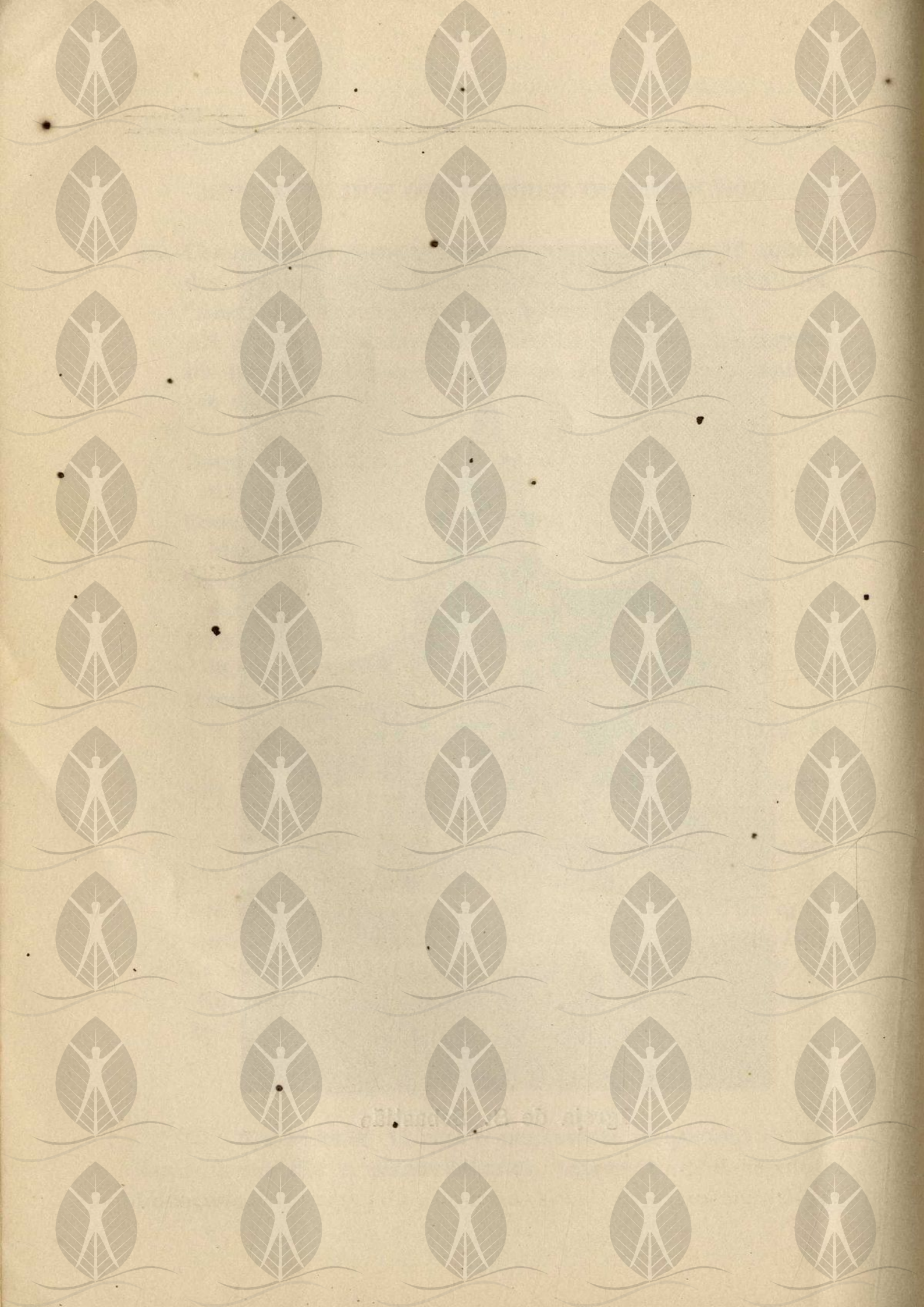
### SECRETARIA DE FINANÇAS

Em 31.08.66, já com o pagamento do pessoal rigorosamente em dia, a disponibilidade apresentava a seguinte situação :





Igreja de S. Sebastião



**CAIXA**

|   |            |            |
|---|------------|------------|
| a) Em moeda corrente .....                          | 13.381.842 |            |
| b) Em vales (de administra-<br>ções passadas) ..... | 11.792.503 | 25.174.345 |

**BANCOS**

|                       |             |             |
|-----------------------|-------------|-------------|
| a) A movimentar ..... | 263.998.484 |             |
| b) C/Vinculada .....  | 88.761.510  | 352.759.994 |

É o seguinte o resumo do movimento financeiro :

| <b>PERÍODO</b>      | <b>RECEBIMENTO</b>   | <b>PAGAMENTO</b>     |
|---------------------|----------------------|----------------------|
| 25 a 30/11/65 ..... | 97.193.404           | 11.881.443           |
| 25 a 30/11/65 ..... | 97.193.404           | 11.881.443           |
| Dezembro/65 .....   | 508.693.196          | 239.178.094          |
| Janeiro/66 .....    | 161.793.419          | 142.430.923          |
| Fevereiro/66 .....  | 131.703.395          | 142.320.451          |
| Março/66 .....      | 615.912.687          | 193.171.976          |
| Abril/66 .....      | 305.802.518          | 245.919.358          |
| Maió/66 .....       | 391.982.481          | 284.916.495          |
| Junho/66 .....      | 791.240.062          | 709.594.830          |
| Julho/66 .....      | 370.574.202          | 315.364.525          |
| Agosto/66 .....     | 337.105.421          | 424.541.538          |
|                     | <u>3.852.000.789</u> | <u>2.709.319.533</u> |

42—Instituição do Serviço de Contabilidade (que não funcionava há 11 anos).

43—Dinamização do Cadastro Fiscal e Departamento Jurídico

## OUTRAS REALIZAÇÕES

- 44—REFORMA ADMINISTRATIVA, com instituição do Ponto de entrada e saída; CADASTRAMENTO DO FUNCIONÁRIO; princípio de mérito para promoções e bôlsas para aperfeiçoamento fora do Estado; segurança material e moral para o funcionário; concessão do Salário Mínimo, indistintamente.
- 45—Instituição e funcionamento da Feira do Produtor.

## NOMES DOS ATUAIS DIRIGENTES DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS

**PREFEITO** — Dr. Paulo Pinto Nery; **SECRETÁRIOS** — Eros Peixoto de Azevedo — Secretário de Administração, Cultura e Assistência Social — Prof. Antonio Ayrton — Secretário de Finanças — Antônio Anastácio Cavalcante — Tesoureiro Geral — Eng. Orlando Cabral de Holanda — Secretário de Obras, Viação e indústrias — José de Menezes Veiga — Chefe do Gabinete Civil — Antônio Djard Mendonça — Assessor Técnico; — **DIRETORES** — José Agostinho Nunes Balbi — Diretor Geral de Administração — Mário Barbosa dos Santos — Diretor de Fazenda — Izabel do Nascimento Lapa — Divisão do Patrimônio, decreto 2/2/64 — Néelson Bentes Ribeiro — Divisão do Cadastro, decreto 24/8/56 — Mário Barbosa dos Santos — Divisão do Expediente, decreto 31/1/61 — Carlos Aluizio G. Brasil — Divisão de Receita, decreto 1/3/65 — Ilmar Guimarães de Oliveira — Divisão de Contabilidade, decreto 26/6/65 — Armênio Luiz Rodrigues — D. P. e P. Geral, decreto 24/8/56 — Theonilo Siqueira Pena — D.F. do I.S.I. e Profissões, decreto 24/8/56 — Armênio Conde Maia — Arquivo Geral, decreto 24/8/56 — Francisco Ribeiro da Costa — Almoxarifado, decreto 14/6/61 — Terezinha de Jesus G. Bahia — Divisão do Pessoal, decreto 6/8/60 — José Araripe de Souza — Inspetor Geral, decreto

19/11/63 — Walter Xavier Fernandes — Setor de Obras (Chefe de serviço), decreto 12/5/61 — Manoel Bastos de Brito — Turma de Jardins (chefe de serviço), decreto 17/7/61 — João Nunes Queiroz — Oficinas (chefe de serviço), decreto 2/9/63 — Murilo Gomes da Cruz — Parque 10 de Novembro (chefe de serviço), decreto 7/3/61 — Vago — Divisão de Fiscalização — Tude Henriques M. Filho — Substituto (Inspetor Geral), decreto 12/4/65.

### RELAÇÃO DOS PREFEITOS DE 1948 A 1966

Raymundo Chaves Ribeiro — 1948, 1949, 1950 e 1951; Walter Scott da Silva Rayol — 1951; Edson Epaminondas de Melo — 1951 e 1952; Alvaro Bandeira de Melo — 1952; Jessé de Moura Pinto — 1952; Oscar Costa Rayol — 1952 e 1953; Aluizio Marques Brasil — 1953, 1954 e 1955; Walter Scott da Silva Rayol — 1955; Stênio Neves — 1955 e 1956; Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo — 1956, 1957 e 1958; Ismael Benigno — 1958 e 1959; Loris Valdetaro Cordovil — 1959; Olavo das Neves — 1959 e 1960; Plínio Ramos Coêlho — 1960; Walter Scott da Silva Rayol — 1960 e 1961; Loris Valdetaro Cordovil — 1961 e 1962; Josué Cláudio de Souza (eleito) — 1962, 1963 e 1964; Xenofonte Antony (substituto) — 1964; João Zany dos Reis (substituto) — 1964 e 1965; Vinicius Monteconrado Gomes (eleito) — 1965; João Bosco Ramos de Lima (substituto) — 1965; Paulo Pinto Nery — 1965 e 1966.

A Câmara Municipal compõe-se atualmente dos seguintes Vereadores: Presidente — João Bosco Ramos de Lima; 1.º Vice-Presidente — Natanael Bento Rodrigues; 2.º Vice-Presidente — Léa Alencar Antony; Vereadores: Francisco Plínio Coelho, João Zany dos Reis, Paulo Pinto Nery — Prefeito, Ismael Benigno, José Araripe de Souza, Jair Moreira Cavalcanti, Evandro das Neves Carreira, Othon Pedro Freire Mendes e Rodolpho Guimarães Valle.

**Funcionários da Câmara Municipal — Secretaria Geral — José D'Arimateia Cavalcanti; Diretoria do Expediente — Dinah Rayol Frederico; Diretoria do Orçamento — Othon Pedro Freire Mendes; Consultoria Jurídica — Guilherme Garcia Gomes; Secretaria de Reuniões — Wanderley Barbosa de Pinho; Secretaria das Comissões Técnicas — Antônio Geraldo M. Riberio; Assistência Técnica — Carlos Zamith de Oliveira; Tesouraria — Eliseu de Andrade Lima; Serviços Especializados — Zilda Lúcia Guerreiro; Setor de Portaria — Washington M. de Alencar e Setor de Transporte — Orandle Redman.**

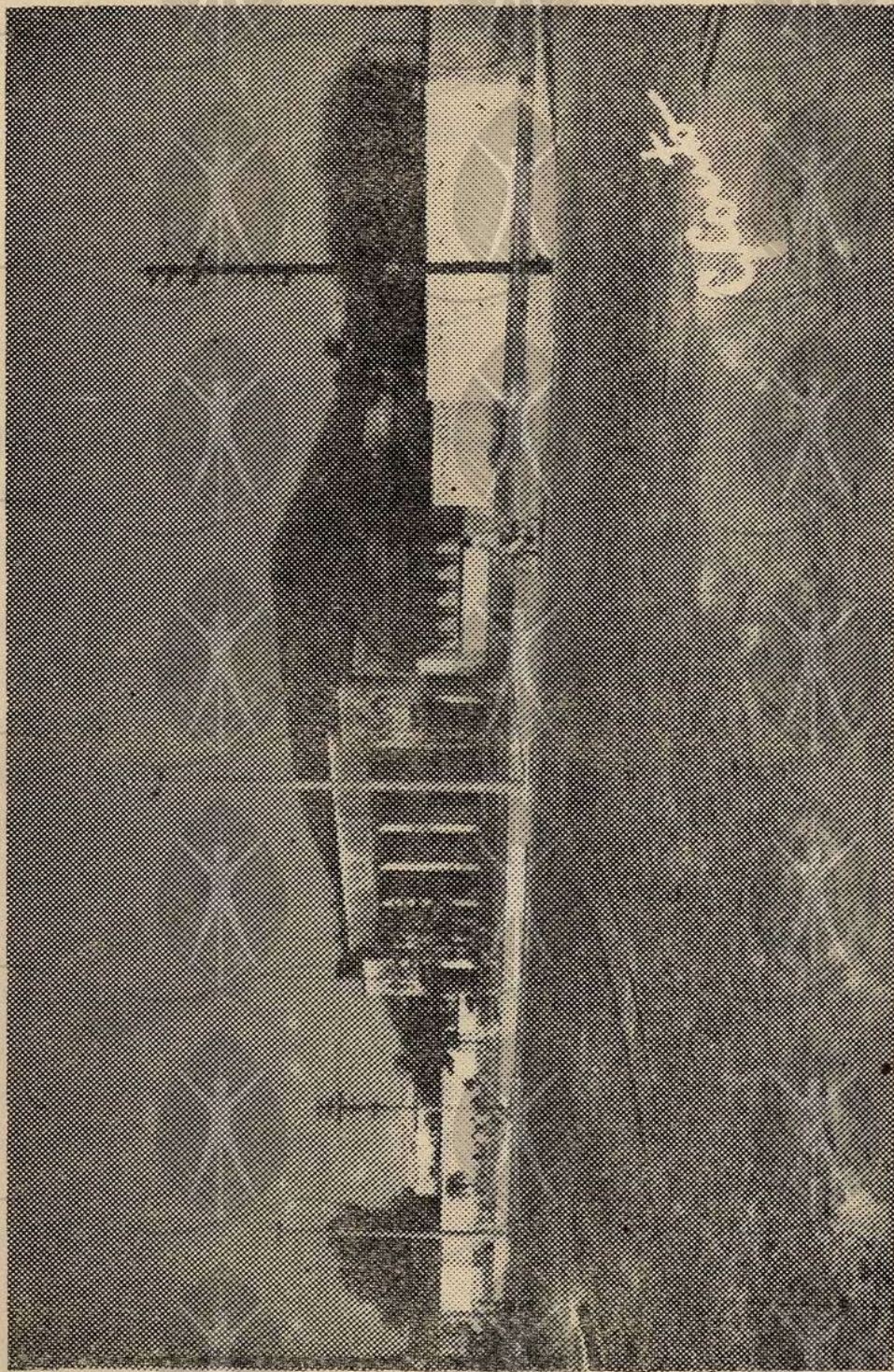
O escudo com as armas do Município de Manaus foi adotado por lei da Câmara Municipal, datada de 21 de novembro de 1889. O hino e a letra foram escritos no ano de 1904, respectivamente pelo maestro Nicolino Milano e dr. Taumaturgo Vaz.

### **OBRAS CONCLUÍDAS**

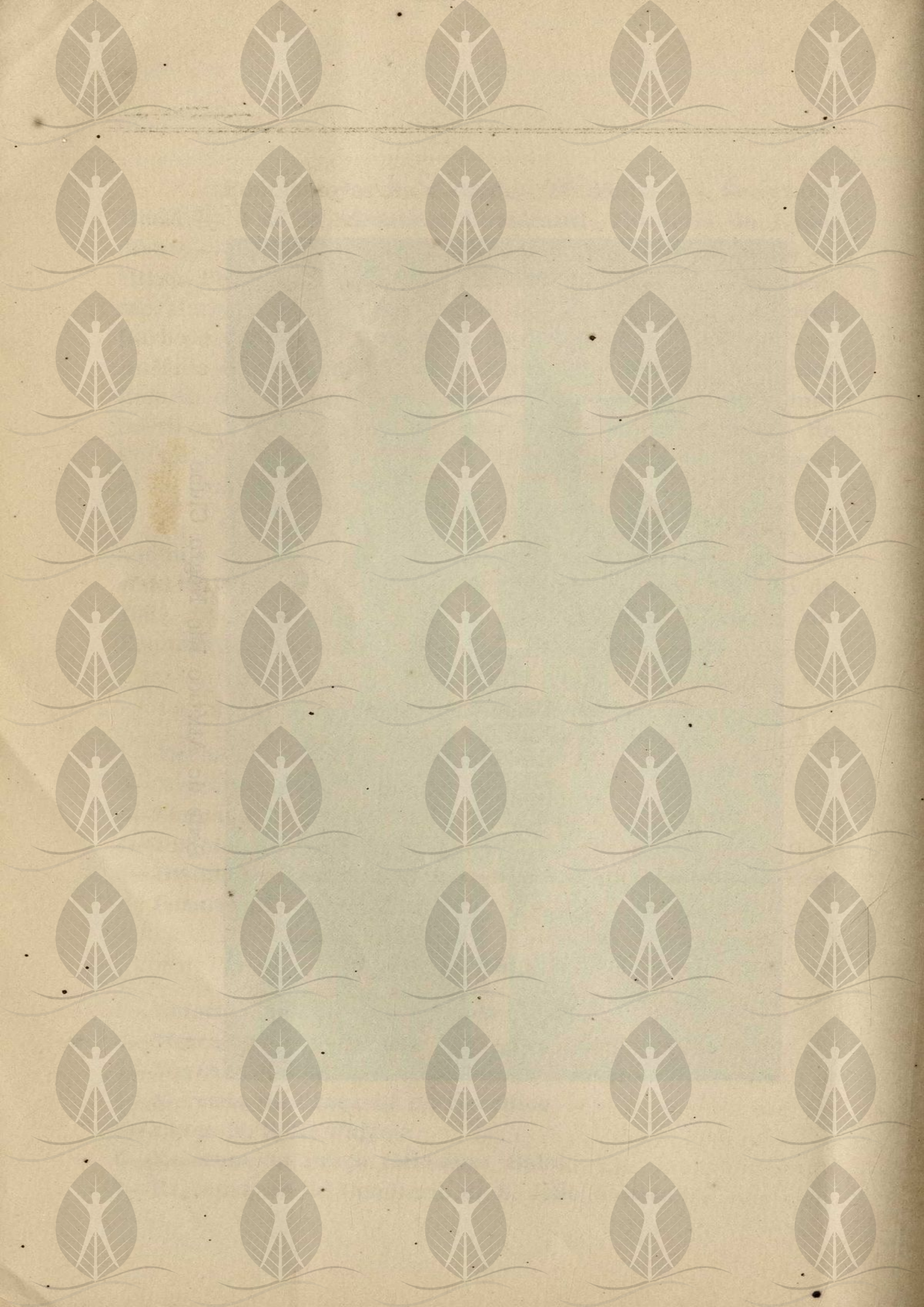
- 1—Mercado Anexo da Cachoeirinha.
- 2—Mercado do Bairro da Glória.
- 3—Mercado do Bairro de S. Francisco.
- 4—Instalações da Secretaria de Obras.
- 5—Instalações da Tesouraria, Receita e Cadastro da Prefeitura.

### **OBRAS EM ANDAMENTO**

- 1—Reforma do Mercado Público Municipal.
- 2—Mercado Seringal Miri.
- 3—Mercado do Morro da Liberdade.
- 4—Mercado da Praça 14 e Frigorífico.
- 5—Praça N. S. de Fátima.
- 6—Reforma da Praça Heliodoro Balbi.
- 7—Restauração do Cemitério de S. João Batista.



Sede do Atlético Rio Negro. Clube





As atuais fronteiras do Município de Manaus, depois da desanexação do município de Boa Vista do Rio Branco, que passou a Território federal, bem assim parte do município de Moura, integrada na área da referida unidade recém criada, ficaram assim constituídas:



**MUNICÍPIO DE MANAUS** — Criado Por Decreto de 25 de junho de 1883. Séde: Manaus. Distrito — Manaus; Sub-Distritos: 1. Manaus (Capital); 2. Caldeirão; 3. Santa Maria.

**LIMITES DO MUNICÍPIO — COM O MUNICÍPIO DE AIRÃO:** A partir da cabeceira do Igarapé Açú até a sua Foz no Rio Negro; o Rio Negro desde a foz do Igarapé Açú, pela margem direita à foz do Igarapé Apuaú, na margem esquerda do Rio Negro; o Igarapé Apuaú, até sua nascente; com uma linha desta nascente à confluência do rio Urubu com o Urubuí.

**COM O MUNICÍPIO DE ITACOATIARA:** Começa na confluência do rio Urubu com o Igarapé Urubuí, uma linha dessa confluência até a nascente do Rio Preto da Eva; o Rio Preto da Eva, até sua foz, no Rio Amazonas; êste rio, desde a foz do Rio Preto da Eva, na margem esquerda (Paraná da Eva), até a confluência do furo do Bôto, na margem direita, ficando a ilha da Eva para o Município de Itacoatiara.

**COM O MUNICÍPIO DE CAREIRO:** A partir da foz do Rio Preto da Eva, no Amazonas, e daí, subindo o Amazonas, até a foz do Rio Negro, seguindo pelo rio Solimões, margem esquerda, até a foz do furo Arapapá, fazendo parte dêste Município tôdas as ilhas do rio Solimões, desde sua confluência com o Rio Negro inclusive a Ilha Paciência.

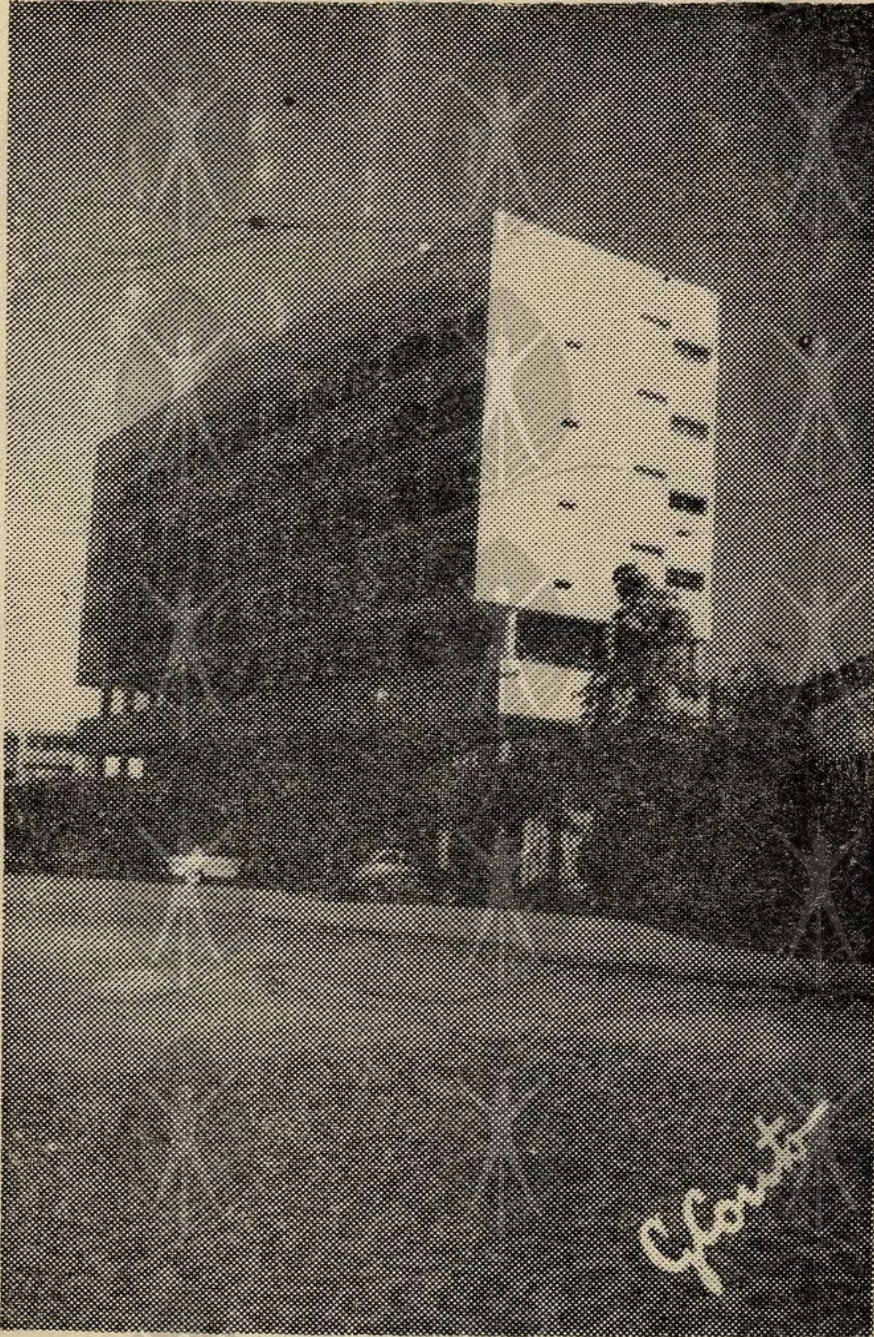
**COM O MUNICÍPIO DE MANACAPURU:** A linha divisória começa no furo do Arapapá e segue até a sua confluência com o furo do Ariaú; uma linha dessa confluência até alcançar o divisor de águas entre os Rio Negro e Manacapuru, seguindo por êste divisor até alcançar a cabeceira principal do Igarapé Açú.

**DIVISAS INTERDISTRITAIS** — O Município é constituído de um único Distrito com a mesma denominação.

#### **DIVISAS DOS SUBDISTRITOS**

**1 — MANAUS (Capital do Estado)** — O Sub-Distrito da cidade de Manaus estende-se para o interior, abrangendo as seguintes divisas: a cabeceira do rio Preto da Eva, descendo por êste rio até sua foz, na margem esquerda do rio Amazonas (Paraná da Eva). O Rio Amazonas, margem esquerda, desde a foz do Rio Preto da Eva, até a foz do Rio Negro; segue pelo Rio Negro, margem esquerda, desde sua foz até a foz do Igarapé Tarumã-Miri; êste igarapé, desde sua foz até sua cabeceira, seguindo-se uma linha, dessa cabeceira, até encontrar a nascente do Rio Preto da Eva.

**2 — CALDEIRÃO** — Começa na Bêca do furo do Ariaú, na margem direita do Rio Negro da bôca do Ariaú, segue, descendo, a margem direita do Rio Negro até sua confluência com o Solimões; esta confluência, subindo a margem esquerda do Solimões até a foz do furo do Arapapá; êste furo, de sua foz até encontrar a sua confluência com o furo do Ariaú; êste furo desde a confluência até sua foz no Rio Negro.



Hotel Amazonas



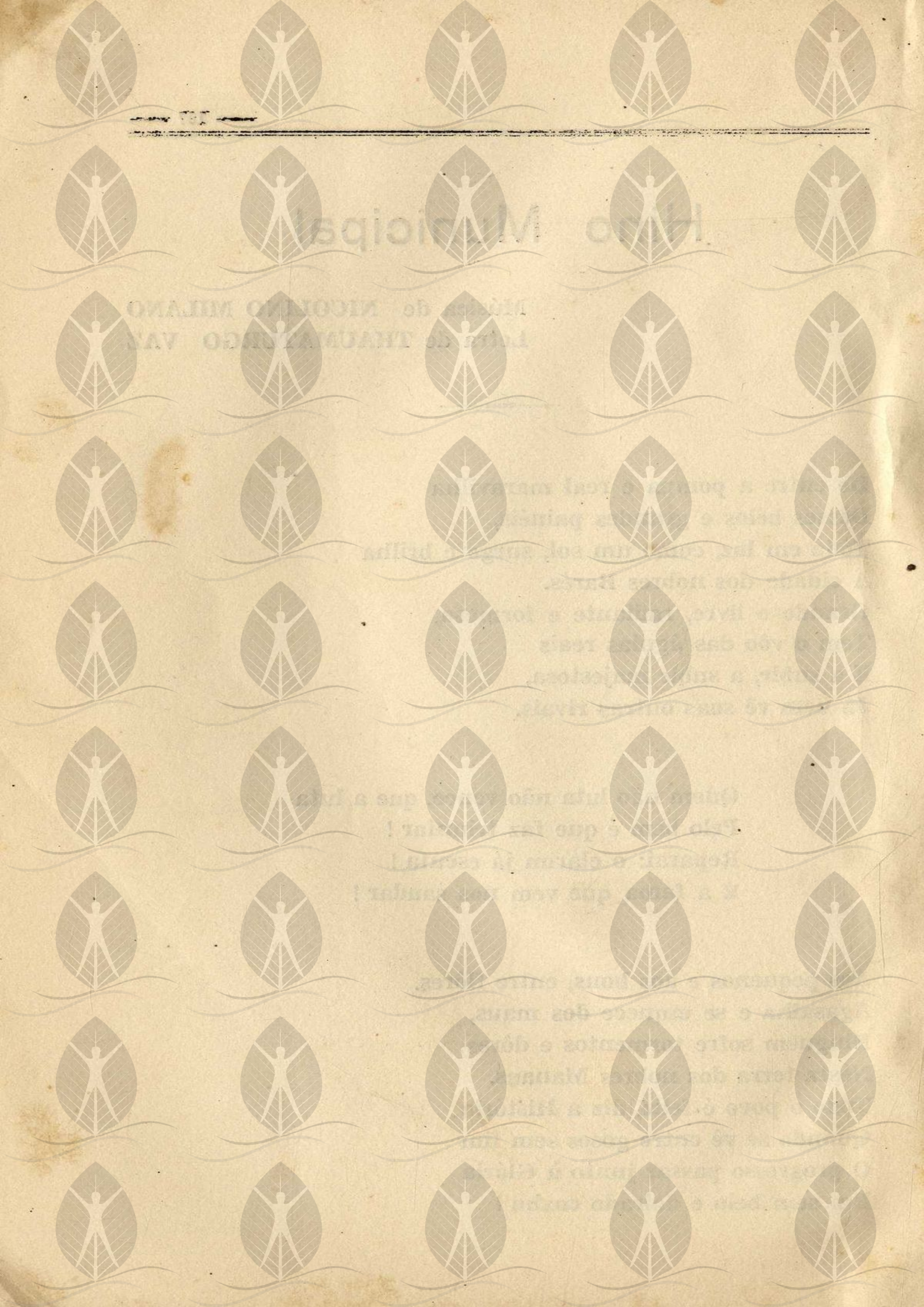
# Hino Municipal

Música de NICOLINO MILANO  
Letra de THAUMATURGO VAZ

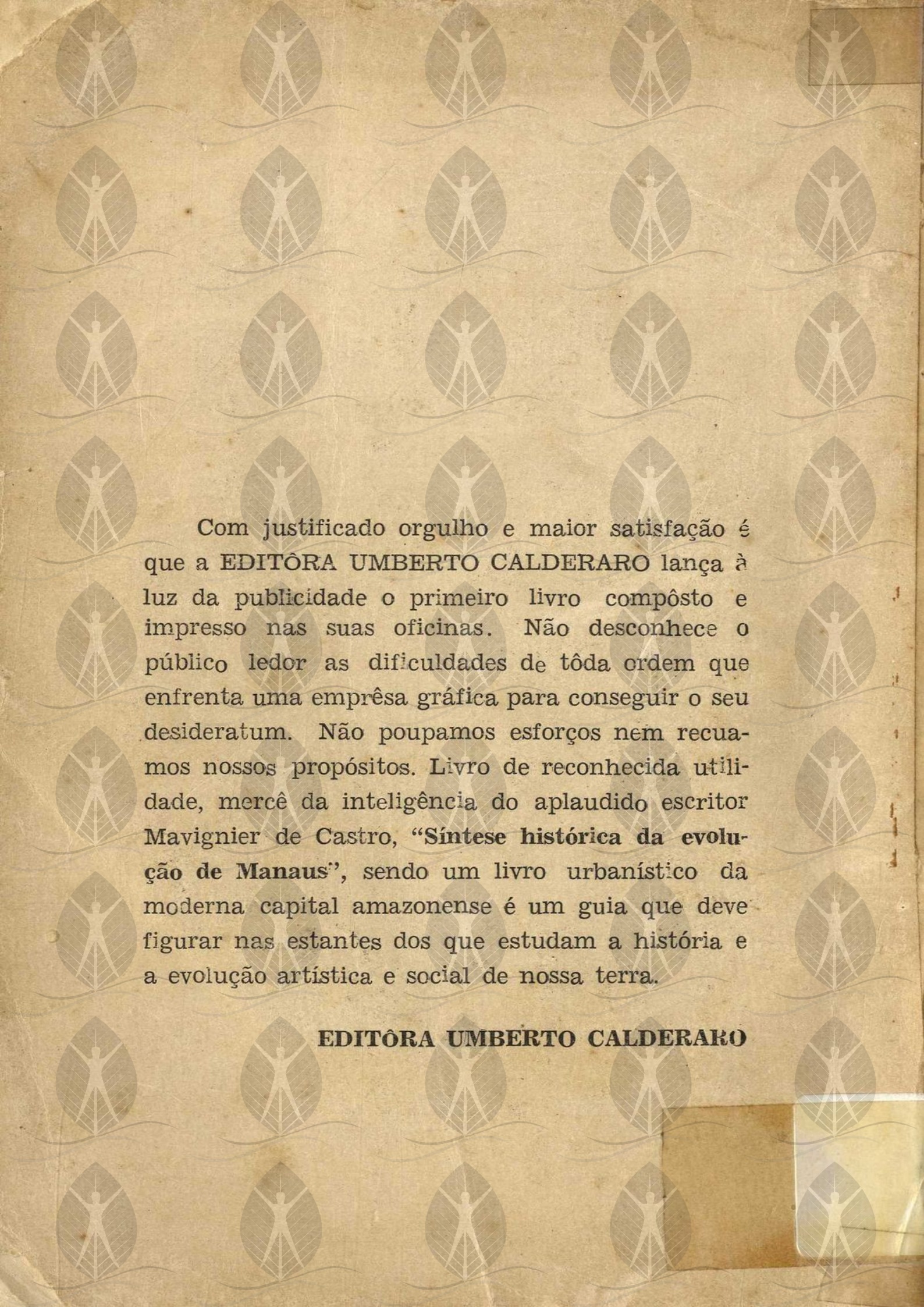
De entre a pompa e real maravilha  
Dêses belos e grandes painéis,  
Tôda em luz, como um sol, surge e brilha  
A cidade dos nobres Barés.  
Grande e livre, radiante e formosa,  
Tem o vôo das águias reais  
E a subir, a subir majestosa,  
Já nem vê suas outras rivais.

Quem não luta não vence, que a luta  
Pelo bem é que faz triunfar !  
Reparai: o clarim já escuta !  
É a fama que vem nos saudar !

Aos pequenos e aos bons, entre flôres.  
Agasalha e se esquece dos maus,  
Ninguém sofre tormentos e dôres  
Nesta terra dos nobres Manaus.  
Todo o povo é feliz, diz a História,  
Quando se vê entre gosos sem fim  
O progresso passar junto à Glória  
Em sem belo e doirado coxim !







Com justificado orgulho e maior satisfação é que a EDITORA UMBERTO CALDERARO lança à luz da publicidade o primeiro livro compôsto e impresso nas suas oficinas. Não desconhece o público leitor as dificuldades de tôda ordem que enfrenta uma emprêsa gráfica para conseguir o seu desideratum. Não poupamos esforços nem recuamos nossos propósitos. Livro de reconhecida utilidade, mercê da inteligência do aplaudido escritor Mavignier de Castro, **“Síntese histórica da evolução de Manaus”**, sendo um livro urbanístico da moderna capital amazonense é um guia que deve figurar nas estantes dos que estudam a história e a evolução artística e social de nossa terra.

**EDITORA UMBERTO CALDERARO**





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA